



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBACAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LITERATURA E INTERCULTURALDADE**

**ALESSANDRO GIORDANO**

**LUTAS INTERNAS E PALAVRAS DESPIDAS: A MISOGINIA SOB ANÁLISE  
LITERÁRIA E FILOSÓFICA EM *NIEBLA* DE MIGUEL DE UNAMUNO**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

**ALESSANDRO GIORDANO**

**LUTAS INTERNAS E PALAVRAS DESPIDAS: A MISOGINIA SOB ANÁLISE  
LITERÁRIA E FILOSÓFICA EM *NIEBLA* DE MIGUEL DE UNAMUNO**

Tese apresentada ao programa de pós-graduação em literatura e interculturalidade da universidade estadual da paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em literatura e interculturalidade.

**Área de concentração:** Literatura e Gênero

**Orientador:** Prof. Dr<sup>a</sup> Francisca Zuleide Duarte de Souza

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G4971 Giordano, Alessandro.

Lutas internas e palavras despidas [manuscrito] : a misoginia sob análise literária e filosófica em Niebla de Miguel de Unamuno / Alessandro Giordano. - 2023.

145 p.

Digitado.

Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza, Coordenação do Curso de Letras - CEDUC. "

1. Literatura. 2. Relação de gênero. 3. Misoginia. I. Título

21. ed. CDD 801.95

**ALESSANDRO GIORDANO**

**LUTAS INTERNAS E PALAVRAS DESPIDAS: A MISOGINIA SOB ANÁLISE  
LITERÁRIA E FILOSÓFICA EM *NIEBLA* DE MIGUEL DE UNAMUNO**

Tese apresentada ao programa de pós-graduação em literatura e interculturalidade da universidade estadual da paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em literatura e interculturalidade.

**Área de concentração:** Literatura e Gênero

Aprovado em: 21/12/2023

**BANCA EXAMINADORA**



Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Francisca Zuleide Duarte de Souza (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Kleyton Ricardo Wanderley Pereira  
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)



Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes  
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Dedico esta tese à memória de meu pai, cuja presença, embora já não esteja fisicamente entre nós, continua a iluminar meu caminho com amor e inspiração. Seu legado vive em cada palavra que escrevi e em cada descoberta que fiz ao longo desta jornada. Pai, sua força e sabedoria foram a bússola que me guiou até aqui, e este trabalho é um reflexo do amor e dos valores que você me ensinou. Sua memória é eterna em meu coração.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente à minha orientadora, por sua paciência inesgotável e por nunca ter desistido de mim, mesmo nos momentos mais desafiadores desta jornada e por ser como uma mãe para mim.

À banca examinadora, minha gratidão por aceitarem avaliar este trabalho e contribuírem com suas valiosas perspectivas e conhecimentos.

À minha família, que esteve ao meu lado em cada etapa, oferecendo apoio incondicional e amor, foi essencial em cada momento desta caminhada.

A Gilda, cuja visão positiva da vida serviu como um porto seguro nos momentos mais turbulentos, sou imensamente grato por sua amizade e apoio.

A Luciene, que se alegrou com minha entrada no doutorado, sua felicidade foi uma fonte de motivação e inspiração para mim.

À minha namorada, cujo incentivo constante e apoio incondicional foram fundamentais para a realização deste trabalho. Sua fé em mim e em meu potencial foi uma força motivadora essencial em cada passo desta jornada.

Ao meu amigo e colega Júnior, pelo apoio constante e pela colaboração na Coordenação de Letras espanhol. Obrigado por estar sempre ao meu lado nesta jornada acadêmica.

Aos meus colegas de trabalho, agradeço pelo apoio contínuo e pela compreensão nos momentos em que precisei me dedicar integralmente a esta pesquisa.

Aos meus alunos, que foram a inspiração inicial para este tema, agradeço por suas perguntas estimulantes e por reforçarem a relevância e o impacto da educação em nossas vidas.

Às minhas gatinhas, Fify e Xuxu, agradeço pela companhia e paciência, pois mesmo sem entenderem, souberam esperar pelos momentos de atenção entre os períodos de intensa dedicação ao trabalho.

E a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse a este ponto, minha profunda gratidão. Cada um de vocês desempenhou um papel crucial nesta jornada.

## RESUMO

A tese de doutorado em questão concentra-se na análise crítica de "Niebla", de Miguel de Unamuno, com o intuito de identificar e examinar elementos misóginos na narrativa. Esta investigação adota uma abordagem interdisciplinar, integrando perspectivas da filosofia e da literatura, situando a obra no contexto da Geração de 98, um movimento literário e intelectual significativo na Espanha. O estudo revela a influência profunda de Unamuno no autor, tanto acadêmica quanto pessoalmente, destacando as reflexões de Unamuno sobre a existência, as inquietações humanas e as interações sociais. A escolha de focar na misoginia em "Niebla" é descrita como uma maneira de honrar o legado de Unamuno, contribuindo para a compreensão da sociedade e das relações de gênero. O autor expressa um desejo de investigar a misoginia na narrativa, entendendo como ela reflete mentalidades e crenças enraizadas em uma época marcada por desigualdades e opressões. A pesquisa é impulsionada pela observação de que os comportamentos misóginos são frequentemente normalizados e não reconhecidos como tais, mesmo em ambientes acadêmicos. A tese argumenta que a literatura é um meio poderoso de expressão artística, capaz de refletir questões sociais, políticas e culturais do seu tempo. Além disso, a leitura crítica da literatura é vista como um meio de questionar preconceitos e convicções, promovendo uma postura mais empática e compassiva. A obra de Unamuno é apresentada como um exemplo do poder transformador da literatura. Por fim, a tese propõe uma releitura crítica de "Niebla" com o objetivo de lançar luz sobre as questões de gênero, examinando como Unamuno reflete e, possivelmente, critica as normas sociais e as dinâmicas de poder de gênero de sua época. O trabalho visa contribuir para os estudos literários e de gênero, buscando uma compreensão mais profunda e crítica da obra e desafiando estereótipos e desigualdades de gênero ainda presentes na sociedade contemporânea.

**Palavras-Chave:** Misoginia na Literatura; Miguel de Unamuno; Relações de Gênero; Crítica Literária Interdisciplinar.

## RESUMEN

La tesis doctoral en cuestión se centra en el análisis crítico de "Niebla", de Miguel de Unamuno, con el objetivo de identificar y examinar elementos misóginos en la narrativa. Esta investigación adopta un enfoque interdisciplinario, integrando perspectivas de la filosofía y la literatura, y sitúa la obra en el contexto de la Generación del 98, un movimiento literario e intelectual significativo en España. El estudio revela la profunda influencia de Unamuno en el autor, tanto académica como personalmente, destacando las reflexiones de Unamuno sobre la existencia, las inquietudes humanas y las interacciones sociales. La elección de enfocarse en la misoginia en "Niebla" se describe como una forma de honrar el legado de Unamuno, contribuyendo a la comprensión de la sociedad y las relaciones de género. El autor expresa un deseo de investigar la misoginia en la narrativa, entendiendo cómo refleja mentalidades y creencias arraigadas en una época marcada por desigualdades y opresiones. La investigación impulsada por la observación de que los comportamientos misóginos son frecuentemente normalizados y no reconocidos como tales, incluso en entornos académicos. La tesis argumenta que la literatura es un poderoso medio de expresión artística, capaz de reflejar cuestiones sociales, políticas y culturales de su tiempo. Además, la lectura crítica de la literatura se ve como un medio para cuestionar prejuicios y convicciones, promoviendo una postura más empática y compasiva. La obra de Unamuno se presenta como un ejemplo del poder transformador de la literatura. Finalmente, la tesis propone una relectura crítica de "Niebla" con el objetivo de arrojar luz sobre las cuestiones de género, examinando cómo Unamuno refleja y, posiblemente, critica las normas sociales y las dinámicas de poder de género de su época. El trabajo busca contribuir a los estudios literarios y de género, buscandouna comprensión más profunda y crítica de la obra y desafiando estereotipos y desigualdades de género aún presentes en la sociedad contemporánea.

**Palabras Clave:** Misoginia en la Literatura; Miguel de Unamuno; Relaciones de Género; Crítica Literaria Interdisciplinar.

## ABSTRACT

The doctoral thesis in question focuses on the critical analysis of "Niebla" by Miguel de Unamuno, with the intent to identify and examine misogynistic elements in the narrative. This research adopts an interdisciplinary approach, integrating perspectives from philosophy and literature, and situating the work within the context of the Generation of 98, a significant literary and intellectual movement in Spain. The study reveals the profound influence of Unamuno on the author, both academically and personally, highlighting Unamuno's reflections on existence, human concerns, and social interactions. The choice to focus on misogyny in "Niebla" is described as a way to honor Unamuno's legacy, contributing to the understanding of society and gender relations. The author expresses a desire to investigate misogyny in the narrative, understanding how it reflects mentalities and beliefs rooted in an era marked by inequalities and oppressions. The research is driven by the observation that misogynistic behaviors are often normalized and not recognized as such, even in academic environments. The thesis argues that literature is a powerful medium of artistic expression, capable of reflecting social, political, and cultural issues of its time. Moreover, the critical reading of literature is seen as a means to question prejudices and convictions, promoting a more empathetic and compassionate stance. Unamuno's work is presented as an example of the transformative power of literature. Finally, the thesis proposes a critical re-reading of "Niebla" with the goal of shedding light on gender issues, examining how Unamuno reflects and possibly criticizes the social norms and gender power dynamics of his era. The work aims to contribute to literary and gender studies, seeking a deeper and more critical understanding of the work and challenging stereotypes and gender inequalities still present in contemporary society.

**Keywords:** Misogyny in Literature, Miguel de Unamuno, Gender Relations, Interdisciplinary Literary Criticism.

## ESTRATTO

La tesi di dottorato in questione si concentra sull'analisi critica di "Niebla" di Miguel de Unamuno, con l'intento di identificare ed esaminare elementi misogini nella narrazione. Questa ricerca adotta un approccio interdisciplinare, integrando prospettive della filosofia e della letteratura, situando l'opera nel contesto della Generazione del '98, un movimento letterario e intellettuale significativo in Spagna. Lo studio rivela l'influenza profonda di Unamuno sull'autore, sia accademica che personale, evidenziando le riflessioni di Unamuno sull'esistenza, le inquietudini umane e le interazioni sociali. La scelta di concentrarsi sulla misoginia in "Niebla" è descritta come un modo per onorare l'eredità di Unamuno, contribuendo alla comprensione della società e delle relazioni di genere. L'autore esprime il desiderio di investigare la misoginia nella narrazione, comprendendo come essa rifletta mentalità e credenze radicate in un'epoca segnata da disuguaglianze e oppressioni. La ricerca è spinta dall'osservazione che i comportamenti misogini sono spesso normalizzati e non riconosciuti come tali, anche in ambienti accademici. La tesi sostiene che la letteratura sia un potente mezzo di espressione artistica, capace di riflettere questioni sociali, politiche e culturali del proprio tempo. Inoltre, la lettura critica della letteratura è vista come un mezzo per mettere in discussione pregiudizi e convinzioni, promuovendo un atteggiamento più empatico e compassionevole. L'opera di Unamuno è presentata come un esempio del potere trasformativo della letteratura. Infine, la tesi propone una rilettura critica di "Niebla" con l'obiettivo di gettare luce sulle questioni di genere, esaminando come Unamuno rifletta e, possibilmente, critichi le norme sociali e le dinamiche di potere di genere della sua epoca. Il lavoro mira a contribuire agli studi letterari e di genere, cercando una comprensione più profonda e critica dell'opera e sfidando stereotipi e disuguaglianze di genere ancora presenti nella società contemporanea.

**Parole Chiave:** Misoginia nella Letteratura; Miguel de Unamuno; Relazioni di Genere; Critica Letteraria Interdisciplinare.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>FILOSOFIA E LITERATURA: DUAS CARAS DA MESMA MOEDA.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>Refletindo Além das Fronteiras: A Filosofia - Análise do Conceito Áreas de Estudo.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2</b>	<b>Explorando as raízes literárias: Origem e Características da Literatura.....</b>	<b>27</b>
<b>3</b>	<b>MIGUEL DE UNAMUNO, ENTRE LITERATURA E FILOSOFIA: A IMPORTÂNCIA DE ESCREVER UM ROMANCE.....</b>	<b>36</b>
<b>3.1</b>	<b>Nas trilhas do Romance: Origem, Desenvolvimento e Base Filosófica.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2</b>	<b>Miguel de Unamuno: A Alma inquieta que desafiou os limites da existência.....</b>	<b>44</b>
<b>3.3</b>	<b>Raízes em crise: O contexto histórico da Geração de 98.....</b>	<b>49</b>
<b>3.4</b>	<b>Nascimento da Alma: A origem e conceitualização da Geração de 98.....</b>	<b>53</b>
<b>3.5</b>	<b>O Coração da literatura: O Pensamento de Unamuno e sua visão do romance.....</b>	<b>59</b>
<b>4</b>	<b>DESVENDANDO IDENTIDADES: ESTUDOS DE GÊNERO EM FOCO.....</b>	<b>68</b>
<b>4.1</b>	<b>Desconstruindo Normas Sociais: Judith Butler e a Performatividade de Gênero.....</b>	<b>73</b>
<b>4.2</b>	<b>Para Além do Segundo Sexo: Simone de Beauvoir e a Análise da Opressão de Gênero.....</b>	<b>75</b>
<b>4.3</b>	<b>Entrelaçando experiências: Bell Hooks e o conceito de Interseccionalidade.....</b>	<b>82</b>
<b>4.4</b>	<b>Desafiando Normas Sexuais: Gayle Rubin e a Hierarquia do Sexo..</b>	<b>83</b>
<b>4.5</b>	<b>Vozes Feministas: Unindo Diferenças e Resplandecendo Diversidade.....</b>	<b>85</b>
<b>4.6</b>	<b>Além do Patriarcado: Desvendando a face da misoginia e desafiando a supremacia masculina.....</b>	<b>86</b>
<b>5</b>	<b>KRAUSISMO: TEORIA E INFLUENCIA SOBRE O PENSAMENTO</b>	

	<b>DE UNAMUNO E A IMPORTÂNCIA DA MULHER.....</b>	<b>102</b>
<b>5.1</b>	<b>Niebla e o conceito de nivola: a relação entre filosofia e literatura e a importância para análises a sociedade.....</b>	<b>114</b>
<b>6</b>	<b>A FACE OCULTA DO MACHISMO EM 'NIEBLA': UMA DISSECÇÃO FEMINISTA DE PRECONCEITOS ANCESTRAIS.....</b>	<b>123</b>
<b>6.1</b>	<b>Entre Corpo e Alma: A Visão Limitada da Mulher em 'Niebla' de Unamuno.....</b>	<b>126</b>
<b>6.2</b>	<b>Entre a Dúvida e o Silêncio: A Palavra Feminina Questionada em Niebla.....</b>	<b>130</b>
<b>6.3</b>	<b>Corpos Dominados: A Representação da Violência Física em Niebla.....</b>	<b>132</b>
<b>6.4</b>	<b>Sob a sombra do medo: ansiedade feminina e agressividade masculina em Niebla.....</b>	<b>136</b>
<b>6.5</b>	<b>Desumanização em 'Niebla': A Mulher como Animal nas Metáforas de Unamuno.....</b>	<b>138</b>
<b>7</b>	<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>141</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>143</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente tese de doutorado tem como objetivo realizar uma análise crítica da obra *Niebla*, de Miguel de Unamuno, a fim de identificar elementos misóginos que possam estar presentes na narrativa. Para tanto, esta pesquisa abraça uma abordagem interdisciplinar, estabelecendo diálogos entre a filosofia e a literatura, e investiga a obra literária dentro do contexto mais amplo da Geração de 98, importante movimento intelectual e literário da Espanha.

Desde a graduação, tive o privilégio de estudar a obra de Miguel de Unamuno, um autor cujo impacto em minha vida acadêmica e pessoal foi transformador. Sua abordagem filosófica e literária ressoou profundamente em mim, despertando reflexões intensas e ampliando minha compreensão sobre a complexidade da condição humana. Unamuno se tornou um farol intelectual em minha jornada acadêmica, iluminando caminhos antes desconhecidos. Suas obras, incluindo *Niebla*, revelaram-se verdadeiras fontes de inspiração e conhecimento. A profundidade de suas reflexões sobre a existência, as inquietações humanas e as interações sociais moldaram minha forma de pensar e abordar questões fundamentais da vida.

A escolha de abordar a temática da misoginia na obra *Niebla* é uma forma de honrar o legado de Unamuno e, ao mesmo tempo, de contribuir para a compreensão da sociedade e das relações de gênero. Desejo investigar e analisar a presença de elementos misóginos na narrativa, entendendo como tais aspectos podem refletir a mentalidade e as crenças arraigadas em uma época marcada por desigualdades e opressões.

Nesse momento tão importante de minha vida acadêmica, é inevitável a necessidade de expressar minha profunda gratidão a Miguel de Unamuno. Suas obras iluminaram meu percurso de estudo e me incentivaram a buscar respostas mais significativas para as questões da existência. Não poderia, portanto, deixar de dedicar minha tese a esse autor que tanto me influenciou e que continua a desafiar meu pensamento e a inspirar minha paixão pela pesquisa acadêmica. Por meio desta tese, almejo oferecer uma contribuição original ao campo dos estudos literários e de gênero, além de enriquecer o legado intelectual de Miguel de Unamuno. Espero que este trabalho possa inspirar outros pesquisadores a explorar a profundidade da obra desse autor e a compreender a relevância de suas reflexões no contexto

contemporâneo.

Durante as aulas de graduação ministradas na UEPB, enquanto estudávamos as obras literárias desse autor, pude perceber que os atos misóginos presentes em *Niebla* estavam explícitos, mas, lamentavelmente, muitos alunos não os reconheciam como tais. Ao contrário, algumas cenas misóginas eram tratadas com risos, como se fossem meras expressões humorísticas. Essa percepção me impactou profundamente, pois revelou a naturalização de comportamentos misóginos em nossa sociedade, bem como a falta de conscientização sobre as questões de gênero. O que deveria ser objeto de reflexão crítica e repúdio estava sendo aceito e reproduzido de forma quase inconsciente.

Essa experiência despertou em mim a urgência de investigar mais profundamente essa problemática e trazer à tona discussões relevantes sobre misoginia e suas manifestações na literatura. A escolha de analisar os elementos misóginos em *Niebla* não é apenas uma abordagem acadêmica, mas também uma forma de denunciar a normalização de comportamentos prejudiciais que perpetuam desigualdades de gênero. Ao explorar esses aspectos em minha tese de doutorado, busco contribuir para uma conscientização mais ampla sobre a misoginia e suas implicações na sociedade contemporânea. Além disso, desejo despertar uma reflexão crítica entre meus colegas acadêmicos e leitores, para que juntos possamos desconstruir padrões prejudiciais e promover uma cultura mais inclusiva e respeitosa.

A literatura representa uma forma singular de expressão artística que transporta os leitores para realidades distintas, apresentando-lhes diferentes culturas e proporcionando o contato com experiências humanas diversas. Por meio das palavras dos autores, os leitores podem vivenciar emoções, confrontar dilemas e compreender a complexidade da condição humana. O estudo da literatura permite perceber como as obras literárias atuam como espelhos, refletindo questões sociais, políticas e culturais do contexto histórico em que foram produzidas. Além disso, essas obras também funcionam como janelas, oferecendo novas perspectivas e entendimentos do mundo ao nosso redor.

Nesse sentido, a literatura pode ser vista como um poderoso agente de transformação social. Ao analisarmos de perto as narrativas, personagens e temas presentes nas obras literárias, somos incentivados a questionar nossas próprias convicções e preconceitos. A leitura crítica nos convida a adotar uma postura mais

empática e compassiva em relação ao próximo. Particularmente, a obra de Miguel de Unamuno representa um exemplo vívido do poder transformador da literatura. Suas reflexões filosóficas e retratos da condição humana estimulam o pensamento crítico e a capacidade de ir além das aparências. Nesse contexto, a leitura torna-se um exercício essencial para o aprimoramento intelectual e emocional. Ao ler, os leitores são convidados a entrar em diálogo com os autores e suas ideias, tornando-se coautores da narrativa ao interpretar e atribuir significados às palavras escritas. Ao longo da jornada acadêmica, tem sido evidente como a leitura possui o poder de desafiar paradigmas, empoderar indivíduos e fomentar mudanças positivas. Através da pesquisa e análise das obras literárias, acredita-se que será possível contribuir para a compreensão dos mecanismos pelos quais a literatura pode atuar como uma força transformadora na sociedade.

A presente tese propõe uma releitura crítica da obra *Niebla* de Miguel de Unamuno, com o objetivo específico de evidenciar e analisar as atitudes misóginas intrínsecas na narrativa. Este estudo busca lançar uma nova luz sobre as questões de gênero, abordando a forma como Unamuno, através de sua escrita, reflete e, possivelmente, critica as normas sociais prejudiciais e as dinâmicas de poder de gênero da sua época. Com uma perspectiva entusiasmada e comprometida, a tese visa contribuir significativamente para o avanço do conhecimento no campo dos estudos literários e de gênero, inspirando uma compreensão mais aprofundada e crítica da obra.

Por meio desta investigação interdisciplinar, a presente tese almeja contribuir para uma compreensão mais profunda dos elementos misóginos que eventualmente possam ser encontrados em *Niebla*, de Miguel de Unamuno, ao mesmo tempo que busca desvendar conceitos de gênero presentes na obra, desafiando estereótipos e desigualdades de gênero ainda arraigados em nossa sociedade

## 2 FILOSOFIA E LITERATURA: DUAS CARAS DA MESMA MOEDA

No mundo ocidental, a relação existente entre filosofia e literatura é um ponto de discussão importante, pois muitos são os que defendem a separação das duas áreas, alguns afirmam a existências de relações entres as mesmas, outros a fusão das duas disciplinas, tendo como base diferentes argumentações. Se por um lado, de fato, a literatura é considerada o domínio da criatividade e evoca emoções, por outro lado, a filosofia está sujeita a evocações e argumentações para a construção de um discurso que tem necessidades intrínsecas e tem como base a racionalidade. A separação das duas disciplinas foi registrada, por longo tempo, nas instituições formativas para cristalizar as diferenças entre departamentos e seguida pelas categorias da biblioteconomia, porém esse axioma entre as duas, se for analisados sem lógicas acadêmicas, parece não ser tão esquemático porque, como iremos ver, ao longo do nosso trabalho, muitos são os denominados filósofos, cujo texto tem qualidade literária e vice-versa, de fato não se pode entender o pensamento clássico sem ler obras teatro grego que, para Aristóteles, é a mimesis da realidade, formada por elementos que se entremesclam, assim como afirmava Einstein (1912), segundo o qual, a natureza não está dividida em departamentos, assim como acontece para o saber cultivado nas universidades, ou seja, estamos acostumados a colocar etiquetas para categorizar e separar elementos.

O debate sobre as semelhanças e diferenças entre literatura e filosofia nasce a partir do sistema platônico, porém foi no começo do século XX quando o discurso se formalizou a partir das ideias presentes no texto *A mitologia branca* de Derrida (1991), que com base em Heidegger, que afirmou “O metafórico só existe no interior da metafísica” o qual afirma que a metáfora, vista como elemento essencialmente literário, não pode ser excluída da filosofia, pois se a metafísica para Aristóteles, representa a transição do visível para o invisível, a metáfora, representa a transição do concreto para o abstrato. Essa afirmação foi a faísca que deu início ao debate, pois Habermas (2004), acusava o escritor francês de ter novelado a literatura, a ciência e a filosofia.

No tópico a seguir, analisaremos o conceito de filosofia e suas áreas de aplicação, com o objetivo de apresentar uma base sólida para a análise do pensamento de Miguel de Unamuno, ao apresentar a obra *Niebla* e sua estrutura e argumentações.

## 2.1 Refletindo Além das Fronteiras: A Filosofia - Análise do Conceito Áreas de Estudo

Etimologicamente, a filosofia se define como “amor ao saber” e, originariamente, ao redor do século VI a.C. a filosofia era uma forma de sabedoria geral que se constituiu ao redor da investigação do mundo natural e do ser, entre mito e saber científico. Os primeiros filósofos foram, fundamentalmente, físicos, como Tales, Anaxímenes e Anaximandro, e que procuravam, pela paixão pelo saber, o princípio de tudo ARCHÊ, capaz de explicar o mundo natural, porém indagar a natureza não é o papel da filosofia, embora o conceito de filosofia da natureza permaneceu até à modernidade, passando pela física aristotélica, nas releituras medievais, até a *philosophia naturalis* da época renascentista até chegar ao idealismo alemão. De fato o objetivo, mais próprio da filosofia é aquele de investigar o real na sua complexidade, na sua multiplicidade de aspectos e através de várias abordagens, a saber, ética, política, matemática, lógica, metafísica, etc, até transcender a mesma física, entrando em relação com a teologia, assim como afirma Warburton (2008), segundo o qual

A filosofia é uma atividade: um modo de pensar sobre certos tipos de questões. Seu aspecto mais característico é o uso de argumentos lógicos. Filósofos costumam tratar dos assuntos a partir de argumentos: podem inventá-lo ou criticar os de terceiros, ou ainda fazê-los duas coisas. Também analisam e esclarecem conceitos. A palavra "filosofia" com frequência é usada em sentido muito mais amplo do que este para significar uma visão geral de alguém sobre a vida, ou então para referir-se a algumas formas de misticismo. (WARBURTON, 2008, p. 15-16)

A definição do filósofo inglês, como veremos sucessivamente, é bastante incompleta, porém permite evidenciar algumas características do termo, sendo a filosofia uma reflexão que, partindo de um input num âmbito determinado para analisar e aclarar conceitos, procura defini-los de uma forma objetiva e, chegando a conclusões, partindo de argumentações lógicas, tidas como verdadeiras e absolutas pelo filósofo.

Já Chaui (2010), percebe a filosofia como uma reflexão sobre os âmbitos da vida, fornecendo uma base sólida sobre a qual o ser humano pode construir com segurança seu conhecimento e, conseqüentemente sua identidade, a partir de um exame racional de todas as coisas, a partir de uma visão objetiva do mundo, sem

interferência externas ou internas.

A filosofia, portanto, se configura como

uma análise (das condições e princípios do saber e da ação, isto é, dos conhecimentos, da ciência, da religião, da arte, da moral, da política e da história), uma reflexão (volta do pensamento sobre si mesmo para conhecer-se como capacidade para o conhecimento, a linguagem, o sentimento e a ação) e uma crítica (avaliação racional para discernir entre a verdade e a ilusão, a liberdade e a servidão, investigando as causas e condições das ilusões e dos preconceitos individuais e coletivos, das ilusões e dos enganos das teorias e práticas científicas, políticas e artísticas, dos preconceitos religiosos e sociais, da presença e difusão de formas de irracionalidade contrárias ao exercício do pensamento, da linguagem e da liberdade). (CHAUI, 2010, p, 25)

Em ambos os casos, o filósofo é movido, na escolha da temática pelo desejo, muitas vezes de corrigir o que tem de errado no sistema dos filósofos mais antigos e que, segundo Aristóteles *apud* Ortegosa (2017), é

O desejo (*orexis*) é compreendido, por Aristóteles, como fazendo parte de nossa natureza, uma vez que o princípio do movimento não apenas está presente em nós (*en hêmin*), mas também está sob nosso poder (*eph'hêmin*) em certa medida.

Para o filósofo ateniense, o desejo, que parece ser fruto da irracionalidade, na verdade faz parte da natureza humana e não é antitético à racionalidade e a compõe, podendo ser moderado pela mesma, alcançando o justo nível para a observação, análise e discussão de diversas áreas de realidade, dependendo do objeto de estudo.

A filosofia se ocupa de muitas áreas de conhecimento, tanto que segundo Savater (2001), não temos que falar de filosofia, mas sim de filosofias e isso gera ainda mais dificuldade em querer definir uma área tão vasta de conhecimento, pois

(...) não existe 'a' filosofia, mas 'as' filosofias e, sobretudo, o filosofar. 'A filosofia não é um longo rio tranquilo, em que cada um pode pescar sua verdade. É um mar no qual mil ondas se defrontam, em que mil correntes se opõem, se encontram, às vezes se misturam, se separam, voltam a se encontrar, opõem-se de novo...cada um o navega como pode, e é isso que chamamos de filosofia' [...]. Há uma perspectiva filosófica (em face da perspectiva científica ou artística), mas felizmente ela é multifacetada (...). (SAVATER, 2001)

Para Ewing (1984), em geral, a filosofia trata de aspectos metafísicos, epistemológicos, estéticos, políticos e relativos ao sujeito em si em suas relações com outros sujeitos.

O conceito de metafísica (do grego τὰ μετὰ τὰ φυσικά, além da natureza), tem como base a ideia seguindo a qual tudo o que pertence ao mundo material, finito e particular, se explica a partir de um mundo ideal, absoluto e universal. Ao tratar dessas diferenças e contraposições, estaremos tratando de metafísica que segundo Platão (1998), é a possibilidade de entender os elementos concretos da natureza, a partir das ideias, isto é de conceitos perfeitos que vão além da aparência, característica do ser humano, de fato para Ewing (1984), a metafísica:

é concebida como o estudo da natureza da realidade em seus aspectos mais gerais, na medida em que podemos fazê-lo. Ela lida com questões do seguinte tipo: De que modo a matéria se relaciona com o espírito? Qual dos dois é anterior? São os homens livres? O que chamamos de eu (self) é uma substância ou apenas uma sequência de experiências? É o universo infinito? Deus existe? Até que ponto o universo é uma unidade ou uma diversidade? Até que ponto um sistema é racional? (EWING, 1984)

O termo “metafísica”, tem uma grande trajetória na história da filosofia e alguns de seus estudos mais importantes começaram com os antigos filósofos gregos, como no caso de Aristóteles com sua teoria do motor imóvel ou com Platão com sua teoria das ideias. De uma espécie de coincidência histórica, tudo começou desde que o filósofo Aristóteles categorizou as diferentes disciplinas como a ética, política, física e uma variedade de outros estudos, um dos quais se destacou, sendo o estudo da filosofia primeira.

Algum tempo depois, um de seus discípulos, o último a estudar no famoso Liceu, chamado Andrônico de Rodes, organizou o material aristotélico de tal maneira que aquele estudo que tratava das questões mais gerais da natureza e que foi denominada “filosofia primeira” foi colocada depois da física e foi assim que surgiu a chamada metafísica, isto é, como o que vem depois da física ou além da física. O conceito de filosofia primeira surgiu porque tratava do estudo mais geral de todas as coisas, ou seja, qual foi a primeira causa pela qual todas as outras causas aconteceram ou a estrutura fundamental do que fez tudo acontecer na natureza, já o termo “metafísica”, segundo Lear (1994, p. 280, nota 63), foi cunhado pelo mesmo Andrônico.

Quando a física se dedicou ao estudo de todas as coisas, a filosofia primeira

ou metafísica foi se dedicando ao estudo de todas as causas sobre a substância da física sobre seus atributos não sensíveis, isto é, analisar a substância, portanto, segundo Aristóteles (1998), a ciência primeira ou metafísica tinha como objeto, estudar o imóvel e o variável, isto é, o estudo do ser imutável

Existem três classes de substâncias. Uma é a sensível, que se divide em eterna e corruptível [...]; [essa é,] por exemplo, as plantas e os animais. A outra é a eterna, cujos elementos são necessários inquirir, são um e vários. A terceira é imóvel, [...]As duas primeiras pertencem ao domínio da Física (pois implicam movimento); mas a terceira corresponde a outra ciência, que não tem nenhum princípio comum a todas elas (ARISTÓTELES, 1998, Met. XII, 1, 1069a 30 – 1069b 2).

Essa visão levou, em grande parte da Idade Média, os filósofos teológicos a concentrar-se na reflexão em torno de Deus, sobre suas qualidades, sobre a relação do mesmo com a lógica, com o mundo matemático ou sobre sua relação com a natureza e com o mundo, não marcando o único momento em que os filósofos refletiram sobre deus, mas onde deus ocuparia o centro nas reflexões filosóficas como é o caso de Santo Agostinho ou Santo Tomás entre outros. Por outro lado, na etapa da modernidade da história da filosofia, esses problemas ainda permanecem e se refletiram nos filósofos matemáticos como Descartes e Pascal, uma vez que abordaram questões de filosofia primeira ou metafísica onde sua linha de estudo seria principalmente matemática, o movimento de natureza e a questão de fazer parte do lugar que Deus ocupa na realidade

Para filósofos posteriores, como Emmanuel Kant, a metafísica viria a ser uma ciência de conceitos puros, ou seja, uma ciência que abraçasse o conhecimento que é possível obter, independentemente da experiência sobre o fundamento das estruturas racionais da mente humana mas não seria, até o final do XIX e início do século XX quando apareceram filósofos que atacariam abertamente os estudos metafísicos em algum sentido, como foi o caso de Nietzsche ou Carnap enquanto havia outros pensadores que criticavam sob o pretexto de repensá-lo e reformá-lo como foi o caso de Heidegger.

Para Heidegger *apud* Loparic (1995), a metafísica teve que reconsiderar a questão do ser e para autores como Carnap *apud* Loparic (1995), a filosofia teve que deixar de considerar questões metafísicas porque impediriam o progresso filosófico e científico:

Para Carnap — situado no “Positivismo Lógico” do Círculo de Viena — o modelo de superação da metafísica é analítico-lingüístico; nesse modelo, metafísica é a teoria cujos conceitos não são compatíveis como “sistema de regras de constituição baseadas em operações lógico- matemáticas”, transcendendo o nível do empiricamente experienciável. Para Heidegger, que situa seu projeto analítico-existencial no modelo da des-construção, metafísica é o esquecimento do sentido do Ser do ente, à medida que este é pensado enquanto presentidade, como dado autoevidente; nesse sentido, o erro da metafísica para Heidegger foi nunca ter tematizado o Ser e, por isso, o Ser “presentificado” da metafísica é uma ausência originária ( ALMEIDA, 1998, p. 479)

Essa desconstrução da metafísica influenciará mais tarde, na segunda metade do século XIX, outros filósofos analíticos considerariam e abordariam questões relacionadas à metafísica, apontando sua importância em várias questões como do livre arbítrio, o problema da identidade, questões pessoais sobre a existência e sobre o espaço-tempo ou causalidade e influenciando diretamente na inserção dos conceitos filosóficos nas obras literárias, assunto que desenvolveremos sucessivamente.

Essas visões da metafísica, porém, segundo Trabattoni (2019) podem ser confundidas com a segunda área da filosofia citada por Ewing (1984), isto é, a epistemologia que se ocupa do estudo da linguagem para constituir as regras que serão a base do sistema filosófico para alcançar o conhecimento. Para estudioso italiano:

De fato, a doutrina da reminiscência parece estar comprometida com pesados pressupostos metafísicos e até mítico religiosos, os quais já não constituem moeda de troca entre os estudiosos (atualmente em larga maioria) que demonstram interesse nos filósofos antigos apenas na medida em que estes tratam de problemas idênticos ou similares aos discutidos pelos filósofos contemporâneos. Como notou N. Smith, é por este motivo que a doutrina das Ideias já não é mais estudada enquanto teoria metafísica, mas sim enquanto teoria epistemológica (TRABATTONI, 2019)

A metafísica permite, então, o estudo de assuntos que vão além do mundo concreto, porém, por estar relacionada com o ser humano, está atrelada ao mundo físico e, portanto, ao conhecimento, entrando no campo da epistemologia, conceito criado pelo filósofo escocês Ferrier e que segundo Japiassu (1979) consiste em

[...] estudar a gênese e a estrutura dos conhecimentos científicos. Mais precisamente, o de tentar pesquisar as leis reais de produção desses conhecimentos. E ela procura estudar esta produção dos conhecimentos, tanto do ponto de vista lógico, quanto do ponto de vista lingüísticos, sociológicos, ideológicos, lógico, etc. (JAPIASSU, 1979, p.38-39).

Embora o conhecimento da metafísica, seja por natureza, diferente daquela da epistemologia, existe, de fato uma certa dificuldade em separar as duas áreas, visto que o mundo material está estritamente ligado ao mundo metafísico, fato que leva Ewing (1984) a assumir esse problema essa ao afirmar que

Talvez não seja essa uma metafísica altamente elaborada e de grande alcance, mas de qualquer modo envolverá genuínas proposições metafísicas. Mesmo se afirmarmos que tudo que conhecemos é apenas aparência, a aparência implica uma realidade que aparece e um espírito para o qual ela aparece, e como estes não podem também ser apenas aparências, estaremos ainda admitindo alguma metafísica.

A epistemologia se ocupa da formação conhecimento que se produz, segundo Piaget (1976), ao assimilar e acomodar o objeto do conhecimento, pois é "na assimilação e acomodação se pode sem mais reconhecer a correspondência prática daquilo que serão mais tarde a dedução e a experiência: a atividade da mente e a pressão da realidade" (PIAGET, 1976, p. 42). Saber é conhecer, porém, na maioria das vezes, o conhecimento se produz por fé, isto é, achamos verdadeiro algo não por experimentá-lo, mas por ter acesso ao saber, através de terceiros, cujas ideias são aceitas por reconhecida competência.

Entre os filósofos da antiguidade, da idade média e da idade moderna, durante o século V a.C., os sofistas gregos questionaram a possibilidade de que havia um conhecimento confiável e objetivo Górgias afirmou que nada pode existir em realidade e que, se algo existe, não pode ser conhecido e que, se seu conhecimento fosse possível, não poderia ser comunicado.

Depois de seu argumento, [Górgias] diz que se [algo] é, é, em verdade, ou não-gerado ou gerado. Se [é] não-gerado, concede, pelas teses de Melisso, que é infinito: no entanto, o infinito não poderia ser em parte alguma. Pois nem seria em si próprio nem em outro. Pois, deste modo, haveria dois infinitos, tanto aquele que é em quanto aquele no qual é, de acordo com o argumento de Zenão sobre o espaço coisa nenhuma seria em parte alguma. (GÓRGIAS, 979b, 20 ss.)

Outro importante sofista, Protágoras sustentou que nenhuma opinião de uma pessoa é mais correta do que a de outra porque cada indivíduo é o único juiz de sua própria experiência, assim tornada clara sua a posição do agnosticismo, por outro lado, Platão tomou como certa a existência de um mundo de formas ou ideias invariáveis e invisíveis partir das quais é possível adquirir conhecimento exato e

preciso. Em seu famoso mito da caverna que aparece em um de seus principais diálogos, na República, Platão (1949) sustentou que as coisas que se vêem e tocam são sombras, cópias imperfeitas das formas puras que a filosofia estuda:

Terá, creio eu, necessidade de se habituar a ver os objetos da região superior. Começará por distinguir mais facilmente as sombras; em seguida, as imagens dos homens e dos outros objetos que se refletem nas águas; por último, os próprios objetos. Depois disso, poderá, enfrentando a claridade dos astros e da Lua, contemplar mais facilmente, durante a noite, os corpos celestes e o próprio céu da que, durante o dia, o Sol e a sua luz.) PLATÃO, 1949, p. 317)

Portanto, apenas o raciocínio filosófico abstrato fornece um conhecimento verdadeiro, enquanto a percepção facilita opiniões vagas e inconsistentes, concluindo que a contemplação filosófica do mundo das ideias é o fim mais elevado da existência humana, desta forma Platão marcou uma clara posição idealista.

Outro filósofo que tinha sido um aluno de Platão, Aristóteles(2005), contrariamente ao seu professor sustentava que quase todo o conhecimento é derivado da experiência e é adquirido diretamente com a abstração dos traços que definem uma espécie ou da redução indireta de novos dados já conhecidos de acordo com as regras da lógica e mostra que o mundo das ideias que Platão constrói metafisicamente para dar conta das coisas sensíveis são apenas uma duplicação do mundo das coisas que é totalmente desnecessário. Com a teoria de Aristóteles sobre a lógica do silogismo nasce a ciência da demonstração, capaz de indicar exatamente quando e por que um argumento é válido ou quando é falso.

[...], fica claro que ele [Platão] recorreu a apenas duas causas: a formal e a material. De fato, as Ideias são causas formais das outras coisas, e o Um é causa formal das Ideias. E à pergunta sobre qual é a matéria que tem a função de substrato do qual se predicam as Ideias- no âmbito dos sensíveis-, e do qual se predica o Um- no âmbito das Ideias-, ele responde que é a diáde, isto é, o grande e o pequeno. (ARISTÓTELES,2005, p. 9)

Na Idade Média, destaca-se um importante filósofo Tomás de Aquino que coincidiu com Aristóteles em considerar a perfeição como o ponto de partida e a lógica como o procedimento intelectual para chegar a um conhecimento científico da natureza, mas acreditando na fé e na autoridade da Bíblia que foi a principal fonte de crença religiosa.

Desde os tempos antigos, foram definidas duas grandes composições

filosóficas que dividem as escolas de pensadores e permanecerá até hoje: por um lado o idealismo, representado por Platão e o privilégio das ideias pré-existentes negando o valor da percepção das coisas; por outro lado o materialismo, representado por Aristóteles, que estabelece a superioridade da percepção das coisas sobre as ideias pré-existentes.

A partir dessas grandes correntes chegamos à idade moderna do século XVII ao final do século XIX quando a epistemologia confrontou os partidários da razão e aqueles que consideravam que a percepção era o único meio de adquirir conhecimento. Entre os filósofos idealistas desta época temos Descartes, Spinoza e Leibniz e do outro lado, o materialismo com Francis Bacon.

Em particular nos interessa a visão de Descartes e seu *Cogito ergo sum* - penso logo existo -, a partir do qual se afirma que existe o pensamento somente porque o sujeito pensa e esse seu pensamento é único, pois a única coisa mais imediata é o pensamento, por isso não se pode duvidar que o mundo sensível seja feito de pensamentos obscuros e confusos que dão corpo e espaço para dúvidas.

Sendo filósofo idealista, critica a filosofia aristotélica, pois segundo o filósofo ateniense, todo tipo de conhecimento precisa passar antes pelos sentidos, fonte de todo tipo de saber, porém, para Descartes (1953):

Tudo que recebi até o presente como verdadeiro e seguro, eu aprendi (como vindo) dos sentidos ou pelos sentidos. [...] Se eu devesse desmentir uma a uma todas essas coisas que posso, agora, colocar em dúvida, teria um trabalho infinito (DESCARTES, 1953, p. 18)

Isso significa, a partir da importância da dedução, segundo Descartes que na mente humana existem pensamentos que não passaram pelos sentidos. Esses pensamentos são analisados, são decompostos em seus elementos. A única coisa certa é o pensamento da esfera e Descartes cria o método cartesiano e propõe quatro regras: a regra da evidência que levanta nunca aceitamos como verdade algo que não podemos evidenciar; a regra da análise que consiste em descompor o complexo até chegar aos elementos que o constituem; a regra da síntese em que se devem recompor todos os elementos até descobrir como eles se relacionam entre si e a regra da enumeração em que é preciso fazer uma análise dos elementos.

Todas as verdades alcançadas até reuni-las e em um único olhar, permitem o surgimento da ciência moderna. Por outro lado, o lado do materialismo, cujo

importante representante é Bacon, afirmou que o homem é auxiliar e intérprete da natureza, age e compreende na medida em que consegue discernir o que diz respeito à ordem da natureza, observando os fatos e percebendo a partir deles, o conhecimento visto como imagem ou eco do que existe e propõe o método indutivo que parte da análise do maior número de casos particulares.

A filosofia, além de analisar aspectos metafísicos e epistemológicos, com as devidas confusões sobre a separação entre as áreas, estuda também a relação existente entre o mundo metafísico e o físico que pressupõe a existência do ser humano e suas relações com outros sujeitos, pois segundo Gramsci

Che cosa è l'uomo? È questa la domanda prima e principale della filosofia. Come si può rispondere. La definizione si può trovare nell'uomo stesso; e cioè in ogni singolo uomo. Ma è giusta? In ogni singolo uomo si può trovare che cosa è ogni «singolo uomo». Ma a noi non interessa che cosa è ogni singolo uomo, che poi significa che cosa è ogni singolo uomo in ogni singolo momento. Diciamo, allora, che l'uomo è un processo, esattamente, il processo dei suoi atti. Osservando ancora meglio, la stessa domanda "cosa è l'uomo" non è una domanda astratta o "obiettiva". Nasce dal fatto di riflettere su noi stessi e sugli altri (Q 10, 54, 1343-4)<sup>1</sup>

As relações necessárias entre os homens e sobre o homem em si, são objeto de estudo a ética ( do grego *ethos*, comportamento) e, enquanto o sujeito está inserido num contexto que o vê relacionado à própria cidade ou estado, concretos ou ideais, é objeto da política ( do grego *pólis*, cidade) que, segundo Aristóteles (2010) prevê alcançar a felicidade dos indivíduos através da instauração de formas de governo.

Inicialmente, iremos explicar a diferença entre dois conceitos sobre os quais é comum se confundir, isto é, ética e moral. Etimologicamente a palavra moral deriva do latim *moris*, é mutável e diz respeito aos costumes de um povo. Segundo Cordi (2003, p. 64), "a moral é tanto um conjunto de normas que determinam como deve ser o comportamento quanto ações realizadas de acordo ou não com tais normas" enquanto a ética, sempre para Cordi (2003, p.66), é o conceito filosófico que reflete sobre a moral e sobre os valores do ponto de vista filosófico, sendo ele mais rico do

---

<sup>1</sup> O que é homem? Esta é a primeira e principal questão da filosofia. Como se pode responder. A definição pode ser encontrada no próprio homem; isto é, em cada homem. Mas está certo? Em cada homem pode-se encontrar o que é cada "homem singular". Mas não nos importamos com o que cada homem é, o que significa o que cada homem é em cada momento..Digamos, portanto, que o homem é um processo, precisamente o processo de seus atos. Observando ainda melhor, a própria pergunta 'o que é o homem' não é uma pergunta abstrata ou 'objetiva'. Ela nasce do fato de termos refletido sobre nós mesmos e sobre os outros (Tradução nossa)

que a moral, pois a abrange.

O conceito de ética nasce na antiga Grécia e, em particular com Sócrates, porém será sistematizado a partir da filosofia aristotélica. No mundo grego, a ética não pode ser dissociada da política, pois um político ético é o resultado de um cidadão ético. Para Aristóteles, a ética tem como finalidade “*tou kalou heneka e hoti kalon*”, isto é “em vista do belo” que não é necessariamente o mesmo de *agatón* (bom), pois, de acordo com Kraut (2009), a ação ética é movida pela busca do prazer, de felicidade, entrando assim em âmbito estético e não considerando as consequências da mesma.

Já na idade média, esse conúbio vai perdendo sua força devido à relação da mesma com Deus, pois ética será a pessoa que, segundo Tomás de Aquino, segue os ditames da religião, porém, a verdadeira separação entre os conceitos de ética e política acontecerá na idade moderna a partir da figura de Maquiavel (1961) o qual afirma que o Príncipe virtuoso não é aquele bom, mas sim aquele que se perpetua no poder. Essa ruptura permanecerá na modernidade, pensando a ética como uma esfera separada da política.

*perché uno uomo che voglia fare in tutte le parte professione di buono, conviene rovini infra tanti che non sono buoni. Onde è necessario a uno principe, volendosi mantenere, imparare a potere essere non buono, et usarlo e non usare secondo la necessità. (MAQUIAVEL, 1961, p. 55)<sup>2</sup>*

Embora Maquiavel seja importante para os conceitos modernos de política e ética, quando se pensa na ética moderna, o foco se centra no debate entre utilitaristas e deontologistas. Segundo os utilitaristas, se define ética não a ação em si, mas o que depende das consequências, já para os deontologistas cuja referência é Emmanuel Kant, uma ação ética é aquela que é boa em si mesma, precisa ser universal e a ação não precisa ser movida por um interesse particular.

A última área de estudo, segundo Erwing (1984), formalizada no contexto do Iluminismo, durante o século XVIII, é a estética (do grego *aisthetikòs*, percepção através dos sentidos) a qual está relacionada com a ideia de beleza, isto é o gosto. De fato, ao falar de experiência estética, estamos tratando da sensação provocada por algo que atrai nossos sentidos, gerando no ser humano, um turbilhão de

---

<sup>2</sup> Porque um homem que não queira representar o papel de bom na profissão, acaba corrompendo muitos que não são bons. Portanto é necessário para um príncipe, querendo permanecer no poder, aprender a não ser bom e utilizar essas estratégias nas necessidades (Tradução nossa)

emoções e sentimentos, não deixando, muitas vezes, conseguir definir o que estamos sentindo.

O conceito de estética, embora já presente na filosofia platônica e aristotélica, mas não considerando importante por não estar basicamente ligado à razão, se firma a partir dos estudos do filósofo alemão Baumgarten:

A luz da novidade ilumina as representações de um modo incomum. O conhecimento intuitivo da novidade, a admiração, desperta a curiosidade, a curiosidade a atenção, e a atenção uma nova luz que fornece à coisa que deve ser configurada pictoricamente. Disso se segue que as coisas que serão pensadas belamente, quando precisam ser esclarecidas, devem ser postas de tal modo que por meio de sua novidade, nasça a admiração, por meio da admiração, o interesse de conhecer claramente e, por fim, por meio do interesse, a atenção

A partir dessa afirmação, podemos perceber que as noções de de estética, sentimento e razão, estão intimamente ligadas, tendo algumas diferenças, isto é, ao contrário do que afirmava Aristóteles (2001), segundo o qual o conhecimento sensível precisapassar pelo crivo da razão para obter um valor objetivo, Baumgarten, afirma que as faculdades sensoriais possuem elementos próprio que conferem ao conhecimento estético um valor concreto e valioso, embora não igual ao conhecimento lógico, onde não existe a interferências dos sentimentos.

A partir da visão de estética baumgartiana, no final do século XVIII, o filósofo idealista Immanuel Kant, na Crítica da faculdade do juízo (1790), propõe a diferenciação entre os conceitos de juízo determinante e reflexionante, em cuja análise é importante entender aquele que é o papel do universal:

A faculdade do juízo em geral é a faculdade de pensar o particular como contido sob o universal. No caso de este (a regra, o princípio, a lei) ser dado, a faculdade do juízo, que nele subsume o particular, é determinante (o mesmo acontece se ela, enquanto faculdade transcendental, indica a priori as condições de acordo com as quais apenas naquele universal é possível subsumir). Porém, se só o particular for dado, para o qual ela deve encontrar o universal, então a faculdade do juízo é simplesmente reflexiva.

Enquanto na filosofia platônica o universal subjaz à realidade, no caso do juízo estético, precisa ser encontrado com base no sentimento, gerando assim uma confusão entre a universalidade e a subjetividade que, o filósofo idealista, soluciona afirmando que o juízos estéticos são subjetivamente universais, isto é podem ser universalmente comunicáveis, visto que pertencem ao sentido comum e pode, em

qualquer situação, auxiliar o sujeito.

A partir dos estudos metafísicos, epistemológicos, políticos, éticos e/ou estéticos, podemos perceber que a filosofia, segundo Aristóteles (2001) se configura como a arte de responder às perguntas sobre as questões humanas ou não e fornecer definições buscando, em todos os casos, procurar as causas que subjazem aos efeitos apresentá-las a partir de um método, gerado a partir de perguntas e não apenas fruto de sensações. Assim fazendo o filósofo grego gera, uma distinção neta, entre o que pode ser definido filosófico ou não, embora essa separação apresentava, como veremos mais adiante, uma confusão intrínseca à filosofia. À luz disso, Sanz del Río (1965) afirmava que a filosofia tem o papel de esclarecer, analisar e distinguir, porém essas atividades caíram, ao longo dos séculos sob o controle da ciência, mas a filosofia ainda continua definindo conceitos que podem ser utilizados ao longo da nossa vida e que estão presentes em âmbitos não essencialmente filosóficos, mas é ao aproximar a literatura da filosofia com base nas ideias de Immanuel Kant, especialmente no que tange à sua estética, encontramos um caminho frutífero para entender como a literatura não apenas reflete, mas também molda as concepções do mundo de uma sociedade. Kant (1790) desenvolve uma teoria estética que pode ser aplicada à análise literária, oferecendo uma perspectiva única sobre como a literatura e a filosofia se entrelaçam.

Kant explora a ideia do "belo" como uma categoria estética que transcende o agrado sensorial e se conecta com o que ele chama de "juízo desinteressado". Na literatura, essa concepção de beleza vai além do prazer imediato do texto e se conecta com a capacidade de uma obra de provocar reflexão e dialogar com questões universais e morais. Assim, a literatura, através da estética, se torna um meio de explorar e expressar ideias filosóficas, oferecendo um vislumbre das concepções de mundo e dos valores de uma cultura.

A literatura, assim como Kant sugere com a arte em geral, pode ser vista como um veículo para a apresentação de ideias e experiências que transcendem o cotidiano. Os escritores, através de suas obras, muitas vezes abordam questões profundas sobre a existência, a moralidade, a sociedade e o indivíduo, temas centrais na filosofia. Esta intersecção é particularmente relevante quando consideramos o trabalho de sociólogos como Émile Durkheim, que reconheceu que a literatura é um reflexo das ideias e valores de uma cultura. Ao estudar obras literárias, estamos, portanto, explorando as manifestações dessas concepções do

mundo.

A literatura oferece um campo fértil para o exame de como as ideias filosóficas são vivenciadas e expressas na vida cotidiana. Ela permite um mergulho nas complexidades e nuances da experiência humana, alinhando-se com a ideia kantiana de que a estética e a beleza são fundamentais para nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Assim, a literatura não só reflete as concepções do mundo, mas também as molda, atuando como um espelho e um modelador das visões de mundo de uma sociedade.

## 2.2 Explorando as raízes literárias: Origem e Características da Literatura

Definir a filosofia, apesar de suas múltiplas funções e âmbitos de intervenção, é tão complexo quanto definir a literatura, pois ao longo dos séculos, o conceito foi mudando e se adaptando aos tempos e às sociedades. Vivemos num mundo onde os conceitos são, justamente, mutáveis visto que são produtos do homem que está inserido dentro de um tempo histórico, líquido, assim como afirma Bauman (2007):

A passagem da fase "sólida" da modernidade para a "líquida" - ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam (BAUMAN, 2007/2007, p. 7)

Essas mudanças que ocorreram (e ainda ocorrem) são, muitas vezes, acompanhadas por críticas pois, segundo a neurocientista Suzana Herculano (2005), o cérebro humano, que funciona por sinapses, é relutante em aceitar quando a novidade vem a mudar algo socialmente preestabelecido, porém é preciso recordar que para acompanhar os tempos, o ser humano, visto como ser social, é preciso que perceba e se adapte aos novos pontos de vista que vêm aparecendo, superando o pathos da mudança, assim como confirmado por Hannah Arendt (1961, p. 495) ao afirmar que “o facto de este *pathos* da novidade, se bem que consideravelmente anterior ao século XVIII, só se ter desenvolvido conceitual e politicamente no nosso século.”

Para poder entender como e por que motivo, o conceito de literatura sofreu uma forte mudança durante os séculos, não seguiremos a mesma estrutura do

tópico anterior onde analisamos cronologicamente a filosofia e suas áreas de estudo, mas começaremos seguindo a fórmula homérica, citada pelo poeta latino Horácio (2000), *in media res*, isto é, na metade dos acontecimentos para melhor entender as alterações do conceito de literatura.

O rico empreendedor sueco, Alfred Nobel, que instituiu o famoso prêmio que desde 1901, a cada cinco anos, premia as pessoas que se destacaram no lustro, em vários âmbitos como física, química, medicina, paz e, obviamente, literatura. Nesta última área, o prêmio sempre foi destinado a literatos e literatas por temáticas presentes em uma obra por eles/elas publicadas. Em 2016, o prêmio foi outorgado ao cantor estadunidense, Bob Dylan, pelo fato de “ter criado novos modos de expressão poético no quadro da tradição da música americana”

Muitas foram as críticas pela atribuição deste prêmio, pois para a editoralista literária americana, Laura Miller, entregar o prêmio a Bob Dylan é anti-literário, porém o mesmo cantautor, afirma que assim, como os textos de Shakespeare são escritos para serem representados, assim as canções são compostas para serem cantadas, não impressas em papéis e, no seu discurso, lembra Homero que na Odisseia, afirma “Canta através de mim, ó musa, e através de mim, conta uma história”.

Nessa afirmação, encontramos vários elementos que nos conduzem a uma profunda reflexão sobre o conceito e as características da literatura. Paul Zumthor (1979), afirma que tanto no passado, como no presente, existe uma literatura oral, uma poética da voz e, inclusive, toda literatura no seu nascimento tem uma raiz oral, até que se torne literatura nacional, pois sempre para Zumthor (1993) “Em todas as línguas, os termos que remetem às noções, para nós distintas, de ‘ler’, ‘dizer’ e ‘cantar’ constituíram assim, por gerações, um campo lexical móvel, cujo único traço comum permanente era a denotação de uma oralidade” (ZUMTHOR, 1993, p. 41) e a poesia lírica que nasce com a oralidade, sempre era acompanhada por música com o objetivo de favorecer a memorização dos versos, porém, com o passar do tempo, no âmbito literário, ocupou um lugar secundário.

Considerando quanto afirmado até agora, antes de analisar cronologicamente o conceito de literatura, atualmente, para Cândido (1975), ao falar de obra literária, existe uma tríade interligada formada por autor-obra-público. A obra é considerada como literária e é reconhecida como tal, quando na relação entre ela e o leitor, este último lhe confere o valor literário, atribuindo assim, também ao autor, um

reconhecimento, dando-lhes assim uma própria identidade, isto é, uma obra é literatura quando, pelo público, é reconhecida como tal, em particular pela sua função (da qual falaremos sucessivamente) e assim podemos entender porque as canções de Bob Dylan foram consideradas texto literários, porém esse conceito de literatura líquido, baumanianamente falando, antigamente era bem mais sólido.

Para melhor entender o conceito de literatura, se faz necessário remontar ao primeiro conceito da mesma.

No mundo antigo, em particular na Grécia, a partir da filosofia aristotélica, era utilizado o conceito de mimesis (do grego μίμησις) utilizado pelo artista para que nas suas obra pudesse imitar quando mais possível o real, seguindo os modelos destinados a cada esfera social: tragédia que era o gênero áulico a partir do qual se apresentavam fatos históricos; a comédia de caráter popular e a lírica destinado para o entretenimento. A arte, então seguia um cânone bem definido e hoje, no mundo do subjetivismo, do mutável, caso queiramos encontrar em cânone dentro da nossa literatura, com certeza será o da mimesis porque, assim como afirmado por Bakhtin (2003), é difícil conceituar o gêneros visto que estes mudam, de acordo com a diversidade das atividades humana e do tempo:

A riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

De todas as formas para entender o conceito de literatura, é importante, segundo Reynoso (2015), entender o conceito de arte, pois, para o escritor peruano a arte é a expressão das pulsações internas do artista que se estendem ao leitor através da obra. O artista/escritor, portanto, é visto como um criador que domina a própria forma expressiva da escrita. A literatura, portanto, sendo a arte da palavra, consegue despertar sentimentos e sensações no leitor.

Já o escritor russo, Nabokov, propõe uma diferenciação entre arte e literatura: a obra de arte se entrega ao observador já desde o primeiro contato visual, oferecendo uma versão global de si mesma, enquanto o texto literário, segundo o mesmo, começa a desenvolver seu enredo quando passa da visão para a mente e, por este motivo, o livro preciso não ser lido, mas re-lido, pois, ao contrário de uma obra de arte, precisa ser entendido e não apenas visto como objeto estético.

[..]qual é a diferença substancial entre ler um livro e observar uma obra de arte? Provavelmente já cometemos o erro de fazer a pergunta; o erro, Nabokov nos diz, é que você não pode ler um livro. Livros não são lidos, livros são relidos. Certamente não queremos insinuar que uma leitura não é suficiente para que o leitor entenda a história ou a mensagem contida em um romance, mas talvez uma visão geral - da esquerda para a direita ao longo das linhas que seguem uma página após a outra - seja não é suficiente para apreender sua poesia íntima. O próprio esforço de mover os olhos, o empenho físico aliado à concentração mental para compreender o tempo e o espaço da narrativa o mais rápido possível, sua evolução e conclusão, inevitavelmente nos distrai de apreciar os pequenos detalhes que a tornam grandiosa.

A primeira concepção de literatura, reflete a ideia romântica, segundo a qual o escritor escreve o que sente porque vive o prazer estético, longe daquele que é o materialismo ou a visão objetiva do positivismo. Já no segundo caso, nos encontramos frente a uma visão mais racionalista que nos remete a uma das definições de literatura que decidimos adoptar, pois se aproxima daquela do escritor cuja obra analisaremos ao longo do nosso trabalho, Miguel de Unamuno.

De acordo com Eagleton (2006) há uma abordagem diferente para definir a literatura: a literatura é definível não pelo fato de ser ficcional ou imaginativa, mas pelo uso peculiar da linguagem. Ele menciona a visão dos formalistas russos, que argumentavam que a literatura é uma forma de linguagem que representa uma "violência organizada contra a fala comum". A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se da fala cotidiana. O autor cita exemplos de como a linguagem literária se destaca pela tessitura, ritmo e ressonância das palavras, superando seu significado abstrato. Essa definição encontra um ponto de contato com o conceito de literatura apresentado pelo professor da Universidade de Oviedo.

Segundo Maestro (2017) a literatura é,

una construcción humana y racional que se abre camino hacia la libertad a través de la lucha y el enfrentamiento dialéctico, que utiliza signos del sistema lingüístico a los que confiere un valor estético y otorga un estatuto de ficción y que se desarrolla a través de un proceso comunicativo de dimensiones históricas, geográficas y políticas, cuyas figuras fundamentales son el autor, la obra, el lector y el intérprete o transductor<sup>3</sup>

Tanto para Eagleton como para Maestro na literatura há a ênfase no uso

---

<sup>3</sup> Uma construção humana e racional que abre caminho para a liberdade por meio da luta e do confronto dialético, que utiliza sinais do sistema linguístico aos quais confere valor estético e concede um estatuto de ficção, e que se desenvolve através de um processo comunicativo de dimensões históricas, geográficas e políticas, cujas figuras fundamentais são o autor, a obra, o leitor e o intérprete ou transdutor

peculiar da linguagem e na sua capacidade de ir além da fala cotidiana. Ambas as definições reconhecem que a literatura envolve uma transformação da linguagem comum, seja através de uma "violência organizada contra a fala comum" (conforme a visão dos formalistas russos) ou ao conferir um valor estético e estatuto de ficção aos signos do sistema linguístico (conforme a segunda definição).

Ambas as perspectivas destacam que a literatura utiliza a linguagem de maneiras distintas e intensificadas, superando seu mero significado abstrato. A tessitura, o ritmo, a ressonância das palavras e a dimensão estética são mencionados como elementos relevantes na linguagem literária em ambas as definições.

Ambas as definições também reconhecem a importância do contexto histórico, político e social na literatura. A segunda definição menciona explicitamente que a literatura se desenvolve através de um processo comunicativo com dimensões históricas, geográficas e políticas. Da mesma forma, a primeira definição alude à literatura como uma construção humana que se abre caminho para a liberdade através da luta e do enfrentamento dialético

Para o teórico espanhol a literatura se relaciona com a liberdade pois precisa romper paradigmas para, como diria Gadamer, ampliar horizontes de normas objetivadas, mas nunca definitivas e que utiliza signos linguísticos, em este caso, utilizando conceitos de Saussure, diríamos que utiliza *parole* e não *langue*, pois no primeiro caso estamos falando de palavras, aos que lhe confere um poético (ARISTÓTELES) ou valor estético (BAUMGARTEN) e cujo significado muda diacronicamente ou dependendo do contexto ou lugar, conferindo à obra, um estatuto de ficção, através do qual, o texto literário relata verdades, não no sentido da mimesis aristotélica, segundo a qual uma obra literária é melhor tanto quanto se adequa à realidade, mas, entendendo que a ficção só existe pq é parte da realidade que preexiste a esta.

Segundo Eagleton (2006) a literatura é vista escrita "imaginativa" ou ficcional, mas essa definição não é adequada, pois a literatura também engloba diversos outros gêneros, como ensaios, sermões, filosofia, história, entre outros. Existe uma distinção entre "fato" e "ficção", embora muitas vezes seja questionável. Além disso, sempre segundo Eagleton (2006) a literatura pode ser vista como escrita "criativa" ou "imaginativa" levantando a questão de se a história, a filosofia e as ciências naturais são não-criativas e destituídas de imaginação.

No mundo antigo, em particular na Grécia, a partir da filosofia aristotélica, era adotado o conceito de mimesis (do grego μίμησις) utilizado pelo artista para que nas suas obras pudesse imitar quanto mais possível o real, seguindo os modelos destinados a cada esfera social: tragédia que era o gênero áulico a partir do qual se apresentavam fatos históricos; a comédia de caráter popular e a lírica destinados para o entretenimento. A arte, então seguia um cânone bem definido e hoje, no mundo do subjetivismo, do mutável, caso queiramos encontrar em cânone dentro da nossa literatura, com certeza será o da mimesis porque, assim como afirmado por Bakhtin (2003), é difícil conceituar o gênero visto que estes mudam, de acordo com a diversidade das atividades humanas e do tempo:

A riqueza e diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Bakhtin (2003, p.262) reafirma a importância da diversidade dos gêneros discursivos, reflexo das diversas atividades humanas e suas complexidades. Cada campo de atividade possui seu próprio repertório de gêneros que se desenvolvem e se diferenciam com o tempo. Assim, a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são ilimitadas, o que nos permite explorar e utilizar diferentes formas de expressão de acordo com o contexto em que estamos inseridos. É importante compreender a dinâmica dos gêneros do discurso para que possamos utilizá-los adequadamente e assim comunicar de forma efetiva em diferentes situações.

No entanto, embora existam várias definições de literatura baseada nessas características da linguagem literária não é perene e depende do contexto social e histórico, pois a literatura não pode ser definida apenas pelos usos especiais da linguagem, pois há mais metáforas na linguagem cotidiana do que na poesia, fato que nos obriga a fazer um breve *excursus* na história da literatura.

Na época grega, a literatura tinha um propósito educativo e moral, e muitas vezes era recitada ou cantada em público. Aristóteles, em sua "Poética", definiu a literatura como uma imitação da realidade, na qual o autor apresenta personagens e situações por meio da narrativa. Segundo Aristóteles (1966), a arte literária deveria representar a realidade de maneira verossímil e plausível, e deveria despertar emoções e reflexões no leitor.

[A tragédia] é imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efetua], não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções. Digo ornamentada a linguagem que tem ritmo, harmonia e canto, e o servir-se separadamente de cada uma das espécies de ornamentos significa que algumas partes da tragédia adotam só o verso, e outras também o canto (ARISTÓTELES, 1966, p. 74)

Podemos observar como para o filósofo grego, a *poiesis*, portanto toda a arte que não compreende a filosofia, deveria ser imitação da realidade e serviria para o crescimento humano. O conceito de literatura, assim como a maioria dos conceitos, visto que são ligados ao desenvolvimento da sociedade, foi se modificando com o transcorrer do tempo.

Já na Idade Média, a literatura ocidental foi dominada pela poesia épica e pela literatura religiosa, que tinham o propósito de difundir a fé e a ideologia cristã. A obra mais importante desse período é a epopeia de Beowulf, que representa o mito do herói que luta para proteger seu povo.

De acordo com Cross (2000), a literatura medieval foi fortemente influenciada pela religião cristã, que permeou todos os aspectos da cultura da época, isto é, a igreja desempenhou um papel importante na formação das mentes e na educação da população, e isso se refletiu na literatura produzida naquele período. A maioria das obras literárias eram de cunho religioso, e tinham o objetivo de transmitir valores cristãos e ensinamentos bíblicos. A poesia, a prosa e os dramas religiosos eram as formas mais comuns de literatura produzidas durante a Idade Média. Além disso, muitos dos autores medievais eram clérigos ou religiosos, o que também contribuiu para a forte presença da religião na literatura da época.

Com o Renascimento, a literatura europeia se abriu para novos temas e gêneros, como o romance e a poesia amorosa. Esse período viu o surgimento de grandes autores como William Shakespeare, que representava a complexidade da natureza humana por meio de seus personagens dramáticos.

Nos séculos XVIII e XIX, a literatura se concentrou na representação da realidade social e política da época, e nas emoções e paixões do indivíduo. Um exemplo desse tipo de literatura é "Madame Bovary" de Gustave Flaubert, que representa a condição da mulher em uma sociedade dominada pelos homens.

No século XX, a literatura se abriu para novos gêneros e experimentações, como o surrealismo e o modernismo. Esses movimentos artísticos exploraram as

possibilidades da língua e da narrativa, tentando representar a complexidade da experiência humana por meio da experimentação formal. Um exemplo desse tipo de literatura é "Ulisses" de James Joyce, que representa uma experimentação formal e estilística sem precedentes.

Em cada época, portanto, a literatura representou uma forma de arte capaz de explorar a complexidade da experiência humana, de representar a realidade de maneira verossímil e de despertar emoções e reflexões no leitor. Como escreveu Virginia Woolf (2005), a literatura é um reflexo da vida; toda vez que uma vida é descrita, uma literatura nasce, isto é, os escritores frequentemente se inspiram nas vivências, emoções, desafios e anseios que permeiam a existência humana para dar forma às suas narrativas. A literatura, assim, torna-se um espelho da vida, refletindo a complexidade e a diversidade de experiências que moldam o mundo e a sociedade.

Por outro lado, está presente um poder criativo da literatura ao afirmar que Isso sugere que cada indivíduo, com suas experiências únicas, é uma potencial fonte de inspiração para a literatura. Cada vida retratada em palavras representa a criação de uma nova forma literária, pois cada história tem o potencial de tocar e ressoar nas experiências de outros leitores.

Essa perspectiva ressalta a relevância e a universalidade da literatura como um meio de comunicação e expressão humanas. Através da literatura, os leitores podem se identificar com personagens e situações, encontrar significado em suas próprias vidas e ampliar seus horizontes culturais e emocionais. Assim, a literatura não apenas reflete a vida, mas também a enriquece e a transforma, possibilitando o diálogo e a conexão entre diferentes pessoas e culturas.

Já o conceito moderno e contemporâneo de literatura é muito amplo e variado, refletindo a diversidade e a complexidade da produção literária atual. Se na Grécia antiga era vista como negativa e na Idade Média uma forma de educar segundo a visão cristã, atualmente as coisas são diferentes. De fato, Lionel Trilling (2005) destaca a importância da literatura como um meio para explorar e compreender a complexidade da experiência humana. Ele enfatiza que a literatura não deve ser vista como um instrumento para transmitir simplesmente informações ou ideologias, mas sim como uma forma de arte que nos permite entrar em contato com o mundo emocional e psicológico dos personagens. Ao fazer isso, a literatura pode ajudar a expandir nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Trilling (2005) nos lembra que a literatura não é apenas um produto cultural,

mas uma forma de expressão humana que reflete as inquietudes e questões da sociedade e do indivíduo em um determinado momento histórico. A literatura pode nos ensinar a ver o mundo sob diferentes perspectivas e nos convidar a refletir sobre questões que talvez não considerássemos de outra forma.

De maneira geral, pode-se dizer que a literatura contemporânea se caracteriza pela experimentação formal, pela mistura de gêneros, pela preocupação com temas sociais e políticos, e pela busca por novas formas de expressão e linguagem. Nesse sentido, muitos autores contemporâneos buscam romper com as convenções e os padrões literários estabelecidos, explorando novas possibilidades de narrativa e linguagem.

Alguns temas recorrentes na literatura contemporânea incluem questões de identidade, gênero, raça, sexualidade, migração, globalização, tecnologia, meio ambiente, entre outros. Os autores contemporâneos muitas vezes abordam esses temas de forma crítica e reflexiva, buscando compreender as complexidades e as contradições da sociedade atual.

Além disso, a literatura contemporânea é marcada pela diversidade cultural, com autores de diferentes origens e tradições literárias contribuindo para o cenário literário global. A literatura contemporânea também é influenciada pelas transformações tecnológicas e pela crescente interconectividade global, o que tem levado a novas formas de produção e consumo literário, como os e-books, os blogs literários e as redes sociais.

Em conclusão (mas não concluindo, pois os conceitos, como visto são mutáveis), percebimos que a literatura é o espelho da sociedade em que se desenvolve é da qual é, portanto, o reflexo e tem como objetivo a reflexão sobre o contexto e os indivíduos que a ela pertencem, sendo assim elemento indispensável para o crescimento humano, assim como a mesma questão foi elucidada em relação à filosofia, mostrando a proximidade entre as duas áreas que, em muitos casos se parecem e até se complementam, fato visível na narrativa do escritor espanhol Miguel de Unamuno.

### **3 MIGUEL DE UNAMUNO, ENTRE LITERATURA E FILOSOFIA: A IMPORTÂNCIA DE ESCREVER UM ROMANCE**

Antes de adentrarmos na fascinante relação entre filosofia e literatura na obra de Miguel de Unamuno, é relevante destacar que, apesar de ser um escritor e filósofo extremamente importante, sua notoriedade no Brasil é relativamente limitada. Por esse motivo, nessa análise, é imprescindível fornecer um panorama detalhado de sua vida e pensamento, a fim de compreender plenamente seu impacto e relevância no âmbito intelectual e literário.

É verdade que, apesar de sua relevância indiscutível no mundo intelectual e literário, a figura de Miguel de Unamuno não alcançou a mesma proeminência no Brasil como em sua terra natal, Espanha. No entanto, esse fato não diminui em absoluto a importância e o impacto que esse prolífico escritor e filósofo teve na história do pensamento.

Miguel de Unamuno foi uma figura intelectual apaixonada e comprometida, cuja obra se caracteriza por sua profunda introspecção, sua busca incansável pela verdade e sua capacidade de explorar as complexidades do ser humano. Seu estilo literário, marcado por uma rica poética e diálogos introspectivos, cativou leitores ao redor do mundo, despertando emoções e reflexões sobre temas existenciais e metafísicos.

Através de seus romances e ensaios filosóficos, Unamuno nos convida a mergulhar nos labirintos da alma humana, questionando nossas convicções e confrontando nossas dúvidas mais profundas. Sua capacidade de retratar dilemas e conflitos universais da existência humana transcende fronteiras e épocas, conectando-se com a essência da própria condição humana.

Miguel de Unamuno é um autor que desafia nossas crenças estabelecidas e nos confronta com questões sem respostas fáceis. Seu pensamento é impregnado de um sentimento trágico da vida, refletido em seus personagens atormentados pela incerteza e pela luta existencial. Essa paixão pela verdade e busca de sentido na existência o tornam uma referência indispensável no âmbito literário e filosófico.

É importante reconhecer que Unamuno deixou um legado duradouro na cultura hispânica e tem sido fonte de inspiração para gerações de pensadores e escritores. Sua habilidade incomparável em fundir filosofia e literatura em uma amálgama de emoções e reflexões o tornou uma referência universal, merecedor de destaque no

panorama intelectual.

Nessa análise da relação entre filosofia e literatura na obra de Unamuno, descobriremos como essas duas disciplinas se entrelaçam de maneira magistral, permitindo-nos mergulhar no mundo interior de seus personagens e explorar as profundezas de seu pensamento filosófico. Em cada uma de suas obras, encontraremos um convite para mergulhar na complexidade da condição humana e refletir sobre os enigmas que nos cercam.

Assim sendo, é justo exaltar a figura de Miguel de Unamuno como um autor indispensável, cuja obra transcende fronteiras culturais e temporais, e cuja fusão única de filosofia e literatura continua inspirando e emocionando leitores em todo o mundo. É uma honra explorar e compreender a profunda relação entre seu pensamento e sua escrita, e assim apreciar plenamente a grandeza desse ilustre escritor e filósofo.

Antes de mergulharmos nas profundezas da envolvente novela de Unamuno, é imprescindível compreendermos a relação que existe entre o romance e a filosofia, para passar à essência da vida do escritor espanhol e às raízes que o ligam à Geração de 98. A jornada de Unamuno vai além das palavras escritas; é uma saga de inquietudes, paixões e anseios, que ecoam no coração de cada página que produziu.

Explorar a vida de Unamuno nos permitirá vislumbrar a alma complexa e inquieta do autor, sua luta interior e sua busca incessante por sentido e verdade. Conhecer suas origens, sua formação e as experiências que o moldaram é como espiar uma miríade de estrelas que iluminam o caminho de suas ideias e criações.

Resulta impossível compreender a genialidade de Unamuno sem mergulharmos no contexto histórico da Geração de 98, um grupo de intelectuais e escritores que enfrentou a crise de identidade da Espanha no final do século XIX. Eles foram testemunhas de um país abalado por perdas políticas, sociais e econômicas, e suas obras foram impregnadas da angústia e das incertezas que permeavam a nação.

É nesse cenário turbulento que Unamuno emergiu como um dos principais pensadores dessa geração, desafiando convenções e propondo reflexões profundas sobre a existência humana. Seu pensamento vibrante e sua paixão pela verdade o tornaram uma voz singular, capaz de despertar ressonâncias que ecoam até os dias de hoje.

Assim, ao abordarmos a vida de Miguel de Unamuno, a Geração de 98 e o contexto histórico que os envolve, estaremos tecendo o fio que une o autor à sua

obra, dando luz à compreensão de suas inspirações e tornando sua novela ainda mais profunda e significativa para a alma sensível de cada leitor.

### **3.1 Nas trilhas do Romance: Origem, Desenvolvimento e Base Filosófica**

A história do romance ocidental é longa e complexa, devido à evolução do gênero e à enormidade de temas para serem explorados. O romance, assim como o conhecemos hoje, apareceu na Europa no século XVIII, mas suas origens podem ser remontadas a obras anteriores, como *El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha* de Cervantes e *Gargantua et Pantagruel* de Rabelais no século XVI, como veremos sucessivamente, de fato, de acordo com Reis e Lopes (2002):

O conceito de novela deve muito, pois ao tratamento que lhe foi inculcido nos períodos romântico e post-romântico. Mesmo com as dificuldades inerentes a um gênero narrativo de facto movediço e sujeito a múltiplas interpretações, pode dizer-se que a construção da novela implica o específico tratamento das fundamentais categorias da narração: na novela, a ação desenvolve-se normalmente em ritmo rápido, de forma concentrada e tendendo para um desenlace único, o que permitiu a Eikhenbaum assimilá-la a um problema que consiste em colocar uma equação a uma incógnita. (REIS; LOPES, 2002, p. 303).

A antiguidade clássica viu a produção de muitos textos narrativos, porém a maioria deles não pode ser considerada romances, enquanto antigamente era apenas uma forma de entretenimento público. A narrativa na antiguidade era frequentemente utilizada para ensinar uma moral ou para celebrar o heroísmo, como se pode ver nas obras de Homero ou Virgílio. No entanto, também existiam obras que poderiam ser consideradas precursoras do romance, como *"Satyricon"* de Petrónio e *"As Metamorfoses"* de Apuleio, visto que ambas apresentam narrativas em que os personagens se conectam entre si ao longo do enredo e exploram temáticas como o amor e aventura, típicos do romance moderno.

Durante a Idade Média, a narrativa europeia se desenvolveu em muitas direções diferentes. Os contos de cavalaria tornaram-se muito populares, em particular quando relacionados ao âmbito religioso como *"A Canção de Rolando"* ou *"O Ciclo Arturiano"*, como *"Roman de la Rose"*, e o *Cantar de mio Cid*, se concentravam na narrativa alegórica. No entanto, nenhuma dessas obras pode ser considerada um romance verdadeiro e próprio no sentido moderno do termo, embora

tenham influenciado muitos romances modernos e contemporâneos, pois não apresentam uma análise psicológica dos personagens e complexidade do enredo, mas sim uma narrativa simples e estereotipada.

O primeiro exemplo de romance moderno, como o conhecemos hoje, é frequentemente considerado "Dom Quixote" de Miguel de Cervantes, cujo primeiro tomo foi publicado em 1605 e o segundo em 1610, tornando-se um marco na história da narrativa europeia, pois representou uma quebra com as tradições narrativas anteriores, pois dentro da complexa estrutura narrativa da obra cervantina, podemos encontrar outros gêneros como a carta e os poemas. Em vez de celebrar o heroísmo, de acordo com Lukacs (1975), Cervantes escreveu uma comédia que ridicularizava os valores da época, tendo como elemento paródico, as novelas de cavalaria da Idade Média, criticando assim a religião, a política e a literatura até então escrita, mostrando uma consciência crítica e uma preocupação pelo mundo real, fornecendo uma reflexão profunda sobre a natureza humana e sua complexidade.

No decorrer do século XVII, o romance começou a se desenvolver em muitas direções diferentes. Algumas obras, como "A Princesa de Clèves" de Madame de La Fayette, se concentravam em relacionamentos pessoais, enquanto outras, como "Robinson Crusoe" de Daniel Defoe, se concentravam em aventura e descoberta. Na Inglaterra, o romance se tornou cada vez mais popular durante o século XVIII, graças a obras como "Pamela" de Samuel Richardson e "Tom Jones" de Henry Fielding. Estes romances se concentravam nos personagens, em suas emoções e em seus problemas.

Durante o século XIX, o romance se espalhou por todo o mundo ocidental e se desenvolveu em muitas formas diferentes. Na Inglaterra, o romance gótico, como "Frankenstein" de Mary Shelley, tornou-se muito popular, enquanto na França, o romance realista, como "Madame Bovary" de Gustave Flaubert, teve um grande sucesso.

O romance moderno é uma forma de literatura narrativa que se desenvolveu a partir do século XVIII, mas que atingiu sua máxima expressão no século XIX e XX. Em comparação com as formas anteriores de narrativa, o romance moderno apresenta uma maior complexidade estrutural, um maior realismo e uma maior atenção aos personagens.

Um dos aspectos mais importantes do romance moderno é sua capacidade de representar a complexidade da vida humana. Os romances modernos

frequentemente contam histórias que se desenrolam em contextos realistas, como a vida nas grandes cidades, as guerras ou as revoluções. Nestes contextos, os personagens dos romances modernos enfrentam problemas reais, como pobreza, doença, discriminação, corrupção e dificuldades nas relações pessoais.

Além disso, o romance moderno se distingue das formas anteriores de narrativa por sua complexidade estrutural. Os romances modernos muitas vezes apresentam uma pluralidade de pontos de vista, utilizam técnicas narrativas como o *flash-back* e o *stream of consciousness*, e oferecem uma variedade de estilos e registros. Isso permite que os romances modernos representem a complexidade da vida humana de forma mais precisa e detalhada.

Por fim, os personagens dos romances modernos são frequentemente representados de forma mais detalhada e realista do que os personagens das formas anteriores de narrativa. Os personagens dos romances modernos são frequentemente indivíduos complexos, que se desenvolvem e mudam ao longo da história. Além disso, os romances modernos frequentemente se concentram na psicologia dos personagens, representando detalhadamente seus pensamentos, emoções e experiências.

Entre os mais importantes expoentes do romance moderno estão autores como James Joyce, Virginia Woolf, Franz Kafka, Fyodor Dostoevsky, Marcel Proust e William Faulkner. Cada autor contribuiu para a definição e disseminação da forma romanesca moderna, criando obras que representam de forma precisa e detalhada a complexidade da vida humana e oferecendo novas técnicas narrativas para contar essas histórias de forma eficaz.

A relação entre filosofia e literatura tem sido objeto de debate e reflexão por parte de muitos autores e estudiosos. A literatura pode ser vista como uma forma de filosofia narrativa porque, através da narrativa de histórias e personagens, explora questões filosóficas fundamentais, como a natureza humana, a moral, a justiça, o sentido da vida e muitos outros temas.

A literatura nos permite mergulhar em mundos imaginários e ver as coisas de diferentes perspectivas, através das vidas dos personagens e de suas experiências. Isso nos permite explorar questões filosóficas de maneira mais envolvente e concreta do que simplesmente lendo textos filosóficos. Além disso, a literatura nos permite explorar a complexidade das questões filosóficas através da narrativa, criando histórias e personagens que podem revelar a complexidade dos dilemas morais e das

questões éticas. Como afirmou Iris Murdoch, a narrativa é uma forma de filosofia que "constrói um mundo" através do qual podemos explorar questões filosóficas de maneira mais profunda e envolvente.

A narrativa é uma forma de filosofia que "constrói um mundo" porque, através da criação de histórias e personagens, a literatura nos permite entrar em mundos imaginários que nos permitem explorar questões filosóficas de maneira mais envolvente e concreta. Em outras palavras, a literatura nos permite criar mundos imaginários, habitados por personagens, situações e ambientações, que podem ser usados para explorar questões filosóficas de maneira mais profunda e envolvente do que simples tratados filosóficos.

Através da narrativa, os autores de ficção podem representar a complexidade dos dilemas morais e das questões éticas, permitindo que os leitores vejam as coisas de perspectivas diferentes e explorem a natureza humana e o mundo que nos rodeia. Nesse sentido, a narrativa "constrói um mundo" no qual os leitores podem mergulhar para explorar questões filosóficas de maneira mais envolvente e concreta, fornecendo uma perspectiva mais completa e vívida sobre a natureza humana e a vida em geral. A literatura, então, pode ser vista como uma forma de filosofia narrativa que nos permite explorar as questões fundamentais da vida humana através da narrativa de histórias, personagens e situações, fornecendo assim uma perspectiva mais completa e envolvente sobre nossa condição existencial.

A filosofia questiona a condição humana através do raciocínio e análise racional, procurando resolver problemas filosóficos por meio de conceitos, argumentos e teorias. A filosofia geralmente se concentra na lógica e na coerência conceitual, buscando fornecer respostas universais e racionais aos problemas filosóficos. A literatura, por outro lado, questiona a condição humana através da narração de histórias e da criação de personagens que representam a complexidade do ser humano e de suas experiências. A literatura se concentra nas emoções, nas relações humanas e na compreensão da vida cotidiana, procurando trazer à tona a verdade por meio da narrativa de histórias que refletem a complexidade da experiência humana. Ambas as disciplinas buscam entender a natureza humana e dar sentido à vida, mas o fazem de maneiras diferentes. A filosofia se concentra na racionalidade e na lógica, enquanto a literatura se concentra na emoção e na narrativa. No entanto, essas duas disciplinas podem ser integradas e se complementar, fornecendo uma compreensão mais completa da condição humana.

Virginia Woolf, uma das mais importantes escritoras do século XX, revolucionou a narrativa através da representação do indivíduo e de sua experiência interior. Para Woolf, a escrita era uma ferramenta para explorar as profundezas da mente humana e representar a complexidade da experiência interior. Em seus romances, a atenção muitas vezes é direcionada para a interioridade dos personagens, sua psicologia e seus pensamentos mais profundos. Em particular, Woolf desenvolveu o chamado "fluxo de consciência", uma técnica narrativa que procura representar o fluxo contínuo de pensamentos na mente do personagem, sem uma estrutura narrativa linear e tradicional. Através dessa técnica, Woolf procurou representar a experiência interior dos indivíduos de forma mais completa e precisa, indo além da simples descrição dos eventos externos. O ser humano é confrontado com questões profundas sobre a natureza humana e a complexidade de nossa existência interior. A autora nos convida a refletir sobre a dificuldade de expressar completamente nossa experiência interna através de palavras e como a compreensão plena de nós mesmos pode ser um desafio.

Ao indagar o que uma pessoa diria sobre si mesma se lhe fosse solicitado que expressasse suas experiências interiores, Woolf nos chama a atenção para a subjetividade do ser humano. Cada indivíduo possui uma vivência interna única e intrincada, repleta de pensamentos, emoções e percepções pessoais. No entanto, transmitir essa riqueza interior através da linguagem pode ser uma tarefa complexa, pois muitas vezes nos faltam palavras adequadas para descrever nossos sentimentos mais profundos e sutis nuances de nossa mente, questionando o que realmente conhecemos sobre nós mesmos. Mesmo que passemos uma vida inteira em busca de autoconhecimento, é possível que permaneçamos em certa medida desconhecidos para nós mesmos. Nossos pensamentos e sentimentos podem ser labirintos intrincados e imprevisíveis, e nem sempre temos plena consciência de todas as facetas de nossa própria identidade.

Essas indagações levantadas por Woolf ressoam como um convite à autodescoberta e à exploração de nossa complexidade interior. Ela nos convida a adentrar os meandros de nossa mente e a nos questionar sobre quem somos realmente. A busca pelo autoconhecimento e a capacidade de expressar nossas experiências mais íntimas e verdadeiras tornam-se, assim, desafios significativos em nossa jornada existencial. E, tal como os personagens de "Mrs. Dalloway", somos confrontados com a grandeza e o mistério da vida interior humana, um universo vasto

e profundo a ser explorado. Em geral, a representação do indivíduo e de sua experiência interior para Virginia Woolf era um aspecto central de sua escrita, e sua técnica narrativa do "fluxo de consciência" foi um marco na representação da interioridade dos personagens na literatura moderna. Para Roland Barthes, a própria linguagem se torna um objeto de reflexão na literatura por meio da teoria estruturalista. Segundo Barthes, a literatura é uma forma de produção de significados que usa a linguagem como principal instrumento. Barthes argumenta que a linguagem não é apenas um meio de transmitir informações, mas tem sua própria estrutura e sistema de regras. Na literatura, a linguagem se torna um objeto de análise e experimentação, que é usada para criar significados e transmitir ideias de maneira criativa.

Em sua obra "S/Z", Barthes aplica essa teoria à leitura de um conto de Balzac, "Sarrasine", analisando como as diferentes unidades linguísticas do texto se combinam para criar significado. A leitura não é um processo unidirecional e linear, onde o significado é simplesmente transmitido do texto para o leitor. Pelo contrário, é um processo interativo e dinâmico, no qual o leitor se envolve ativamente com o texto, criando e reconstruindo o significado através da interação com as diferentes unidades linguísticas presentes na obra. Quando lemos um texto, não apenas absorvemos as palavras de forma passiva, mas também interpretamos, relacionamos e conectamos as ideias e informações presentes nele. Cada palavra, frase e parágrafo contribuem para a construção de um sentido mais amplo e complexo, e o leitor desempenha um papel ativo nesse processo de significação.

A interpretação do texto depende da bagagem de conhecimentos, experiências e perspectivas do leitor, tornando cada leitura única e pessoal. O mesmo texto pode ser interpretado de maneiras diversas por diferentes pessoas, pois cada uma traz consigo sua subjetividade e compreensão do mundo.

Essa visão da leitura destaca a importância da participação ativa do leitor no processo de compreensão e significação do texto. É uma abordagem que enfatiza a interação dinâmica entre o leitor e o texto, onde o significado é construído em conjunto, em uma dança complexa entre as palavras do autor e a mente do leitor. A literatura se torna, assim, um meio de explorar as possibilidades da linguagem, destacando como o significado pode ser criado, manipulado e reinterpretado por meio de sua estrutura.

### 3.2 Miguel de Unamuno: A Alma inquieta que desafiou os limites da existência

Miguel de Unamuno, a alma apaixonada da literatura, a voz ardente da filosofia, nasceu em 29 de setembro de 1864, em Bilbao, Espanha. De família de classe média, desde a juventude, nutriu um amor avassalador pelas letras e pelo pensamento profundo. Imerso na busca pelo conhecimento, trilhou o caminho da Filosofia e Letras na Universidade de Madrid, onde, com fervor inigualável, conquistou seu doutorado em 1884, com a magnífica tese sobre as origens e a pré-história da língua basca.

Durante sua juventude, Unamuno se destacou por sua brilhante inteligência e sua participação em tertúlias literárias e debates. Sua estadia em Madrid e posteriormente em Paris, onde estudou as correntes filosóficas europeias mais inovadoras, influenciou seu pensamento e sua abordagem multidisciplinar.

Em 1880, aos dezesseis anos, ingressou na Universidade de Madrid para estudar Filosofia e Letras. Durante seus anos universitários, mergulhou em uma ampla variedade de disciplinas acadêmicas. Sua formação foi eclética e abrangeu áreas como literatura, filosofia, história, línguas clássicas e modernas, entre outras. Essa diversidade em sua educação proporcionou-lhe uma visão integral do conhecimento humano e estabeleceu as bases para sua abordagem multidisciplinar em sua obra posterior e demonstrou um talento excepcional e uma paixão avassaladora pelo conhecimento. Participou ativamente de tertúlias literárias e grupos intelectuais, frequentava lugares como a Sociedade Cosmológica e a tertúlia do Café de Pombo onde travou debates e discussões com outros escritores e filósofos de sua época. Esses encontros permitiram-lhe trocar ideias e enriquecer sua mente com diferentes perspectivas filosóficas e literárias, aprimorando assim seu próprio pensamento

Em 1884, aos vinte anos de idade, Unamuno apresentou sua tese de doutorado intitulada "Crítica do problema sobre a origem e pré-história da língua basca". A escolha desse tema reflete seu interesse por suas raízes bascas e seu desejo de aprofundar a realidade linguística e cultural de sua terra. Unamuno sempre nutriu um forte sentimento de pertencimento à sua terra, e através de sua pesquisa acadêmica, procurou compreender e resgatar as origens de sua língua materna e as tradições do povo basco. A tese revela sua habilidade para analisar e argumentar com rigor, demonstrando um profundo compromisso com a pesquisa e a busca pela

verdade.

Essa busca por suas raízes e identidade, refletida em sua tese, tornou-se um tema recorrente em muitos de seus escritos futuros. Unamuno estava constantemente explorando questões de identidade pessoal e coletiva, e como elas se entrelaçavam com questões filosóficas e existenciais. Sua conexão com suas origens vascas e o desejo de compreender a realidade cultural de sua terra natal influenciaram sua obra literária e filosófica ao longo de sua vida.

A partir dessa etapa em sua formação, Unamuno continuou a se aprofundar em seus estudos filosóficos e literários. A universidade foi o local onde ele encontrou um ambiente propício para nutrir sua paixão pela literatura e pela filosofia, e onde ele teve a oportunidade de dialogar com outros intelectuais e pensadores da época. Essa troca de ideias e perspectivas enriqueceu seu próprio pensamento e influenciou sua abordagem multidisciplinar em sua obra posterior.

Portanto, a experiência universitária foi de extrema importância para o desenvolvimento intelectual de Miguel de Unamuno. Ela o impulsionou a se aprofundar em suas raízes culturais e linguísticas, e também lhe proporcionou a base acadêmica sólida para forjar sua carreira como escritor, poeta e filósofo influente. Sua tese de doutorado foi apenas o começo de uma jornada intelectual extraordinária, que deixou um legado duradouro na literatura e filosofia espanholas.

Durante seus anos universitários, ele também começou a escrever poesia e ensaios, manifestando sua inquietação em relação à existência humana e seu desejo de explorar as questões fundamentais da vida. Sua produção literária e filosófica precoce estabeleceu as bases para seu estilo distintivo, caracterizado por sua profunda introspecção e sua luta para compreender o sentido da existência.

Podemos, sem dúvida, afirmar que sua passagem pela Universidade de Madrid marcou um período crucial na vida de Unamuno, onde ele cultivou sua paixão pela literatura e filosofia, forjou seu pensamento crítico e estabeleceu as bases de sua carreira como escritor e pensador influente. Sua formação multidisciplinar e seu compromisso com a busca da verdade e a reflexão sobre a existência humana estabeleceram os alicerces de seu legado literário e filosófico, que perdura até os dias atuais.

Em 1891, Miguel de Unamuno mudou-se para Salamanca. Foi lá que ele foi nomeado catedrático de Língua e Literatura Grega na prestigiosa Universidade de Salamanca. Essa nomeação marcou um momento crucial em sua carreira acadêmica,

pois lhe proporcionou a oportunidade de lecionar em uma das mais antigas e prestigiadas universidades da Espanha. Unamuno transmitiu sua paixão pelo conhecimento aos seus alunos, incentivando-os a refletir sobre a cultura clássica e suas conexões com a realidade contemporânea. Seu entusiasmo e abordagem inovadora do ensino fizeram dele um professor altamente respeitado e admirado.

Durante sua estadia em Salamanca, Unamuno mergulhou de forma intensa em suas atividades literárias e acadêmicas. Ele publicou uma série de ensaios, poesias e romances que abordavam temas variados, incluindo reflexões filosóficas, questões sociais e preocupações existenciais. Sua produção literária durante esse período contribuiu significativamente para sua crescente reputação como escritor e pensador.

Além de sua prolífica atividade literária, Unamuno também estabeleceu vínculos importantes com outros escritores e pensadores de sua época. Ele participou de círculos literários e intelectuais em Salamanca, onde encontrou mentes afins e envolveu-se em debates e discussões estimulantes. Essas interações com outros intelectuais influenciaram seu pensamento e aprofundaram seu interesse em questões filosóficas e literárias.

Unamuno, ao longo de sua vida em Salamanca, tornou-se uma figura influente na cidade e além dela. Sua personalidade carismática e seus interesses diversificados atraíram a atenção tanto do público em geral como dos círculos intelectuais. No entanto, sua busca constante pela verdade e sua natureza questionadora também o colocaram em conflito com as autoridades acadêmicas e políticas.

Durante essa fase, Unamuno se envolveu no movimento da Geração de 98, um grupode intelectuais e escritores espanhóis que refletia sobre os problemas e a crise de identidade que a Espanha enfrentava após a perda das últimas colônias na América, especificamente Cuba, Porto Rico, Filipinas e Guam, em 1898. Seus escritos foram caracterizados por sua abordagem introspectiva e sua análise crítica sobre a identidade e o destino da Espanha.

A Geração de 98, como veremos a seguir, buscava uma profunda revisão da realidade espanhola e questionava a decadência do país, tanto política quanto culturalmente. A derrota na Guerra Hispano-Americana de 1898 e a perda de seu império colonial expuseram uma crise de valores e uma perda de identidade nacional na Espanha. Diante dessa situação, os escritores dessa geração buscavam encontrar uma saída para a crise, uma forma de regenerar a nação e recuperar a verdadeira

essência da cultura espanhola.

Nesse contexto, os escritos de Unamuno se destacaram por seu enfoque introspectivo e sua análise crítica sobre a identidade e o destino da Espanha. Ele se preocupava profundamente com a situação do país e a necessidade de uma reflexão profunda sobre os valores essenciais da nação. Para Unamuno, a chave para a regeneração da Espanha estava na recuperação de sua autenticidade e no retorno às suas raízes culturais e filosóficas.

Em suas obras e ensaios, Unamuno expressou a inquietação existencial e a angústia que sentia naquela época. Seu estilo literário era caracterizado pelo uso da introspecção e da reflexão interior, mergulhando nas dúvidas, temores e conflitos que afetavam os indivíduos e a sociedade como um todo.

Um dos temas recorrentes em seus escritos era o conflito entre a razão e a fé, e como essa luta interna impactava na busca pela verdade e autenticidade. Para Unamuno, a fé religiosa e a racionalidade intelectual se confrontavam, gerando uma tensão entre o desejo de encontrar respostas e a aceitação da incerteza e da dúvida. Essas ideias foram plasmadas em sua obra "Do sentimento trágico da vida" (1912), onde reflete sobre o enfrentamento entre a razão e a fé, e como essa luta molda a experiência humana.

Con la razón buscaba un Dios racional, que iba desvaneciéndose por ser pura idea, y así paraba en el Dios Nada a que el panteísmo conduce, y en un puro fenomenismo, raíz de todo sentimiento de vacío. Y no sentía al Dios vivo, que habita en nosotros, y que se nos revela por actos de caridad y no por vanos conceptos de soberbia. Hasta que llamó a mi corazón, y me metió en angustias de muerte... Si se ha hecho inmortal el hombre será dios<sup>4</sup> (UNAMUNO, 2005, p. 141)

Unamuno também abordou o tema da imortalidade da alma e da busca por significado na vida em seu romance "Niebla" (1914), onde examina a existência humana e a possibilidade de encontrar propósito e transcendência em um mundo aparentemente absurdo.

Durante sua carreira acadêmica, Unamuno teve alguns conflitos com as autoridades universitárias devido a sua postura crítica e sua atitude desafiadora em

---

<sup>4</sup> Com a razão, buscava um Deus racional, que ia se desvanecendo por ser mera ideia, e assim chegava ao Deus Nada ao qual o panteísmo conduz, e a um puro fenomenismo, raiz de todo sentimento de vazio. E não sentia o Deus vivo, que habita em nós e que se revela por atos de caridade, não por vãos conceitos de soberba. Até que chamou o meu coração e me mergulhou em angústias de morte... Se o homem se tornou imortal, será deus

relação aos dogmas estabelecidos. Em 1924, foi destituído de seu cargo e exilado pelo governo ditatorial de Miguel Primo de Rivera devido às suas críticas políticas e sociais. Essa atitude o levou a se confrontar com aqueles que defendiam o status quo e as ideias dominantes

Sua postura crítica e sua busca constante pela verdade e autenticidade lhe renderam tanto admiradores como detratores. Unamuno não se conformava com respostas fáceis e verdades estabelecidas, mas sempre buscava questionar e aprofundar nos temas que o preocupavam. Essa atitude o levou a se confrontar com aqueles que defendiam o status quo e as ideias dominantes. Sua atitude de dissidência e sua recusa em aceitar as imposições do regime autoritário o tornaram uma ameaça e um incômodo opositor

O exílio de Unamuno marcou um período difícil em sua vida, mas também mostrou sua coragem e seu compromisso inabalável com seus princípios. Sua atitude desafiadora diante da opressão e sua paixão pela justiça o tornaram um símbolo de resistência frente à tirania.

Embora sua destituição e exílio tenham representado momentos difíceis e suas obras foram proibidas na Espanha por um tempo, Unamuno nunca deixou de lutar por seus ideais e valores. Seu legado perdura na história da literatura e filosofia espanholas, e seu espírito de liberdade e resistência continua sendo uma fonte de inspiração para muitos até hoje. Sua contribuição para a cultura e o pensamento espanhóis têm sido reconhecidos e valorizados ao longo do tempo, tornando-o uma das figuras mais importantes e influentes de sua época e da história da Espanha.

Em meio aos turbulentos dias da Guerra Civil Espanhola, no ano de 1936, Miguel de Unamuno enfrentou um embate, um choque de ideais, em Salamanca. Diante do general franquista Millán Astray, o poeta e filósofo ergueu-se com valentia, para defender suas convicções, sua voz ressoando como espada, sua palavra como escudo. Naquele discurso, Unamuno não se dobrou à sombra da opressão, Ergueu-se em defesa da verdade e da liberdade, firme em sua posição. Em meio ao tumulto de ideias, enfrentando a tempestade da guerra, Seu espírito inabalável tornou-se um farol de resistência e bravura.

Mas, como os ventos da história sopram implacáveis, as consequências do confronto foram severas e inescapáveis. O preço de sua valentia foi alto, seu cargo como reitor lhe foi retirado, porém, Unamuno não se vergou perante a adversidade, manteve-se digno e honrado. Na noite de 31 de dezembro daquele fatídico ano, A

chama de Unamuno se apagou em Salamanca, como um último arcano, mas seu legado perdura, sua voz ecoando em cada verso que criou em cada pensamento que expressou, sua paixão pela verdade resplandeceu.

### 3.3 Raízes em crise: O contexto histórico da Geração de 98

Como vimos no capítulo anterior, durante sua vida, Unamuno passou por várias guerras e viveu num contexto de profunda tristeza interior como espanhol, pois Espanha vive uma situação de crise na segunda metade do século XIX e os movimentos independentistas que aconteciam desde o começo do século na América latina, desestabilizaram o país europeu, gerando assim o conceito das duas Espanhas, progressista e conservadora, devido à divisão ideológica e cultural que marcou a história política e social da Espanha desde o século XIX até os dias atuais.

Para poder entender essa situação que influenciará diretamente a forma de pensar e escrever de Miguel de Unamuno, se faz necessário realizar um *excursus* histórico que começa com a Guerra de Independência espanhola e que culminará com a guerra Hispano-Estadunidense que marcará a crise política e social da Espanha, cujo reflexo estará presente na obra unamuniana.

A Guerra de Independência de 1808, também conhecida como Guerra da Independência Espanhola, foi um conflito que ocorreu na Espanha entre 1808 e 1814.

A guerra começou como resultado da invasão francesa da Espanha durante as Guerras Napoleônicas. Em 1807, o imperador francês Napoleão Bonaparte, visto por Unamuno como um egocêntrico e tirano:

Lo mismo los que piden que cerremos o poco menos las fronteras y pongamos puertas al campo, que los que piden más o menos explícitamente que nos conquisten, se salen de la verdadera realidad de las cosas, de la eterna y honda realidad, arrastrados por el espíritu de anarquismo que llevamos todos en el meollo del alma, que es el pecado original de la sociedad humana, pecado no borrado por el largo bautismo de sangre de tantas guerras. Piden un nuevo Napoleón, un gran anarquista, los que tiemblan de las bombas del anarquismo y mantienen la paz armada, fuente de él. (UNAMUNO, 2002, p.15)

O imperador francês planejou a invasão de Portugal para forçar os britânicos a se retirarem da Península Ibérica. Para isso, ele precisava que a Espanha permitisse que as tropas francesas passassem por seu território. Embora o rei

espanhol Carlos IV tenha mostrado relutância em aceitar o pedido de Napoleão, ele foi deposto por seu próprio filho, Fernando VII, que se aliou à França.

No entanto, a população espanhola se opôs à invasão e surgiu um movimento de resistência. A resistência se transformou em uma guerra de guerrilha liderada por figuras como o Duque de Wellington e o general espanhol Francisco de Paula Santander. As forças espanholas também receberam ajuda dos britânicos e portugueses. A população espanhola se uniu em massa ao esforço de guerra, criando milícias populares conhecidas como "os guerrilheiros".

A guerra terminou em 1814, quando as forças francesas se retiraram da Espanha e Fernando VII foi restaurado como rei.

No início de seu reinado, Fernando VII, definido por Unamuno com um rei triste e covarde que, em lugar de ajudar o seu povo, tentou restaurar o absolutismo e reprimir as ideias liberais e constitucionais que haviam surgido durante a Guerra de Independência espanhola contra a invasão francesa. Em 1820, no entanto, o movimento liberal obteve uma grande vitória com a promulgação da Constituição espanhola, que limitava os poderes do rei e criava uma monarquia constitucional.

Fernando VII reagiu à aprovação da Constituição espanhola desencadeando a chamada "Década ominosa", uma dura repressão das liberdades e dos direitos civis. Em 1823, com a ajuda do exército francês, ele suprimiu o movimento liberal e restaurou seu poder absoluto.

Em 1830, Fernando VII promulgou a Lei Sálica, que estabelecia que apenas homens poderiam herdar o trono da Espanha. Isso excluiu as mulheres, incluindo sua filha Isabela, da sucessão ao trono e levou a uma série de conflitos dinásticos após a morte de Fernando VII.

O reinado de Isabel II foi um dos mais controversos da história da Espanha, governou durante um período turbulento da história espanhola que abrangeu de 1833 a 1868. Durante o seu reinado, a Espanha experimentou uma série de conflitos políticos e sociais, incluindo guerras civis, levantes populares e confrontos com potências estrangeiras. Uma das crises mais notáveis durante o reinado de Isabel II foi a Guerra de Cuba (1868-1878), que explodiu em 1868 depois de anos de tensões entre as autoridades espanholas e os rebeldes cubanos que buscavam a independência da ilha. A guerra se prolongou por quase uma década e resultou na perda de milhares de vidas e na ruína econômica da Espanha.

No meio desta crise, Isabel II lutou para manter o controle do país, mas o seu

governo foi criticado pela sua corrupção e falta de habilidade para resolver os problemas da Espanha. Em 1868, a rainha foi deposta num golpe militar e exilou-se na França, pondo fim ao seu reinado de 35 anos e se deu início ao chamado Sexênio democrático que durou de 1868 a 1874, marcado pela monarquia parlamentar onde o rei era detentor do poder executivo, enquanto o Parlamento administrava o poder legislativo.

Este período foi uma tentativa de modernização e democratização do país, e teve início com a Revolução de 1868, que pôs fim ao reinado de Isabel II e estabeleceu um governo provisório. Durante este tempo, uma nova Constituição foi promulgada em 1869, que estabelecia a liberdade de expressão, de associação e de culto, bem como a separação de poderes e o sufrágio universal masculino. O Sexênio Democrático foi um período de grandes mudanças políticas e sociais, em que ocorreram numerosas reformas e avanços em diferentes áreas, como educação, saúde, justiça e economia. Novas instituições e organismos públicos foram criados, importantes obras públicas foram realizadas e a industrialização do país foi impulsionada.

No entanto, também foi um período de grande instabilidade política, marcado pela corrupção, fraude eleitoral e lutas entre diferentes facções políticas. O reinado de Amadeu de Sabóia, que foi proclamado rei em 1871, foi breve e marcado por tensões e crises políticas. Após sua abdicação em 1873, a Primeira República foi proclamada, que teve uma duração curta e tumultuada.

O Sexênio Democrático chegou ao fim em 1874, com o pronunciamento militar do general Arsenio Martínez Campos, que pôs fim à Primeira República e restaurou a monarquia com o reinado de Alfonso XII. Apesar de suas limitações e contradições, este período estabeleceu as bases para o desenvolvimento do sistema político e social da Espanha contemporânea, sendo considerado um período-chave na história do país.

Essas mudanças se refletiram tanto na política como na sociedade, de fato, por um lado, a Espanha progressista representa os setores sociais e políticos que defenderam a modernização e a liberalização do país e valores como liberdade, igualdade, democracia e laicidade. Os partidos políticos que se identificam com essa Espanha costumam ser de esquerda ou de centro-esquerda e lideraram processos como a Revolução de 1868, a Segunda República, a Transição e a consolidação de um Estado social e democrático de direito.

Por outro lado, a Espanha conservadora representa os setores sociais e políticos que defenderam uma visão mais tradicional e conservadora da sociedade e da política, baseada em valores como religião, família, pátria e autoridade. Os partidos políticos que se identificam com essa Espanha costumam ser de direita ou de centro-direita e defenderam processos como a Restauração Bourbon, o franquismo e uma concepção mais limitada da democracia e dos direitos civis.

Apesar das tensões e confrontos entre essas duas Espanhas, também houve momentos de diálogo e de acordos, como o Pacto do Pardo de 1885, um acordo político assinado na Espanha entre os partidos políticos conservador e liberal, com o objetivo de pôr fim à Restauração borbônica e estabelecer um sistema político mais democrático e representativo.

O acordo foi assinado no Palácio do Pardo, residência oficial da família real espanhola, e contou com a presença de personalidades como o rei Alfonso XII, os líderes políticos Antonio Cánovas del Castillo e Práxedes Mateo Sagasta, e outros representantes da elite política e social do país.

O Pacto do Pardo estabelecia a alternância no poder entre os partidos políticos conservador e liberal, a realização de eleições livres e transparentes, a garantia das liberdades civis e políticas, e a modernização do país por meio de reformas econômicas e sociais, porém não conseguiu transformar profundamente o sistema político e social espanhol da época, e a Restauração borbônica continuou até 1931, quando foi proclamada a Segunda República Espanhola.

Essa crise culminou com o “Desastre del 98”, uma crise política, econômica e social que afetou a Espanha no final do século XIX e que foi marcada pela perda das últimas colônias espanholas ultramarinas: Cuba, Porto Rico e Filipinas e Guam. A crise foi desencadeada em 1898 após a guerra hispano-americana, na qual a Espanha foi derrotada pelos Estados Unidos em um conflito que evidenciou a fraqueza do país em termos militares, econômicos e políticos. O desastre teve um forte impacto na sociedade espanhola e desencadeou um período de reflexão e reformas conhecido como o Regeneracionismo.

A derrota da Espanha nesta guerra, em particular com a perda de Cuba, cujo processo de independência durou várias décadas, a partir de 1860 quando, o movimento independentista, liderado por José Martí, entre outros, se levanta contra o governo peninsular, desembocando na Guerra de Independência que ocorreu entre 1895 e 1898, representando um dos conflitos mais longo e caros da história cubana.

A *causa belli* foi a explosão do Maine, um navio de guerra dos Estados Unidos, que havia sido enviado a Havana para proteger cidadãos e interesses estadunidenses na ilha. No entanto, na noite de 15 de fevereiro, o Maine explodiu no porto de Havana, matando 260 membros de sua tripulação.

O governo americano imediatamente acusou a Espanha de ter causado a explosão, embora nunca tenha sido encontrada evidência clara de que isso fosse verdade. A imprensa americana sensacionalizou o acidente, acusando a Espanha de um ato terrorista e exigindo uma resposta do governo americano.

Embora a causa exata da explosão do Maine nunca tenha sido oficialmente determinada, a explosão foi amplamente utilizada como propaganda para justificar a entrada dos Estados Unidos na guerra contra a Espanha.

O conflito terminou em 1902, com o tratado de Paris que declarou a independência das colônias espanholas e representou uma crise de identidade e uma revisão crítica da cultura e da forma de ser espanhola, uma vez que se considerava que a perda das colônias era um sinal da decadência da Espanha e de sua falta de modernização. Essa crise afetou tanto a política quanto a sociedade e a cultura espanholas.

Politicamente, o Desastre de 98 provocou uma mudança de regime na Espanha, que passou de uma monarquia absoluta para uma monarquia parlamentar. O reinado de Alfonso XIII, iniciado em 1902, foi caracterizado pela instabilidade política e social e por uma intensa atividade reformista.

Socialmente, o Desastre de 98 representou uma crise de autoestima e uma revisão crítica da cultura espanhola, o que levou a uma busca pela modernidade e por uma abertura às correntes culturais europeias. Surgiram movimentos intelectuais e artísticos como a Geração de 98, o Modernismo e o Regeneracionismo, que buscaram renovar a cultura e a identidade espanholas, marcando um antes e um depois na história da Espanha, representando uma profunda crise que obrigou a repensar a identidade e a forma de ser espanholas, além de buscar novos caminhos de modernização e renovação cultural.

### **3.4 Nascimento da Alma: A origem e conceitualização da Geração de 98**

Segundo Marías (1989), o termo “geração”, em sua raiz, pressupõe o ato ou efeito de gerar, originar, porém não é um conceito que se aplica à literatura, mas de

acordo com os estudos sociais e à história, porém é a partir do estudioso Wilhelm Dilthey que o termo “geração” passará ser utilizado também para os estudos literários.

A geração de 98 é um movimento literário que surgiu como consequência da crise social, econômica e política, suscitada pelo desastre do 98, porém tratar desta geração é um tema bastante complexo, pois muitos teóricos, não aceitam que exista uma geração literária porque, raramente, obedece a certos padrões, de fato para Valbuena Prat *apud* Hernández (1998):

Como imagen escolar de la presentación de la Generación del 98, puede utilizarse el siguiente texto de Valbuena Prat: "La fecha de 1898 es todo un símbolo de historia y de cultura. La pérdida de las últimas colonias españolas, el desastre de la guerra con los Estados Unidos, sumieron al espíritu nacional en la desesperación, en la desilusión. Como en otros momentos comparables de desaliento nacional, con ser muy dolorosa la realidad, aún se hizo mayor en las mentes y en los labios desesperanzados.

Valbuena Prat (1998) apresenta uma visão substancialmente relevante da Geração de 98, enfatizando a significativa importância histórica e cultural que o ano de 1898 assumiu para a nação espanhola. Este período emerge como um momento crucial no qual a Espanha, confrontada com a dolorosa perda de suas últimas colônias e a derrota desastrosa na guerra contra os Estados Unidos, experimentou uma profunda reviravolta no âmago de seu espírito nacional, caracterizada por um profundo sentimento de desesperança e desilusão.

Quando se pensa nos teóricos da Geração de 98, se faz referência a Ortega y Gasset. Primeiro, é importante destacar que Ortega y Gasset não é exatamente o criador do conceito de gerações e do método histórico das gerações, que vem sendo construído filosoficamente desde o final do século XVIII até a própria época de Ortega y Gasset.

As épocas históricas podem ser definidas pela aparição e obra de diferentes gerações que promovem mudanças e novas circunstâncias na história. Ortega y Gasset, que estudou na Alemanha no início do século XX como bolsista do governo espanhol, volta para a Espanha como um jovem filósofo que conseguiu compreender perfeitamente a mentalidade europeia e deseja incorporá-la à Espanha.

Isso é algo muito importante para entender Ortega y Gasset e o peso de sua influência na cultura espanhola da primeira metade do século XX, bem como em

toda a literatura. Ele é um dos nomes mais influentes e que mais vão mudar a cultura espanhola de sua época.

Quando Ortega y Gasset retorna à Espanha, não quer ser apenas um filósofo, mas deseja intervir na vida cultural e na vida espanhola e modificá-la para que não voltasse a ser aquela do recente passado espanhol, pois não gostava da circunstância da época em que se movia Espanha e, portanto, queria intervir, quer modificar e para isso constrói todo um sistema de pensamento. Na realidade, todo o pensamento de Ortega é essa tentativa de destruir o anterior, modificá-lo, mudá-lo, regenerá-lo e provocar uma Espanha diferente. Não podemos compreender nada do que Ortega irá fazer nessas primeiras décadas do século XX sem entender que quer modificar e que quer mudar. Quanto ao método histórico das gerações, quando ele regressa a Espanha, quer convocar os homens mais importantes da cultura espanhola do seu tempo para que se incorporem a essa necessidade de mudança e quer capitalizar, quer protagonizar essa mudança. Ele incorpora todo esse histórico das gerações que aprendeu consultando os grandes filósofos do século XIX chegando à conclusão de que as gerações são uma ferramenta metodológica científica para compreender a história de um país, a história de uma cultura e a história de uma sociedade.

Para Ortega y Gasset *apud* Martín (2008):

Es un error querer analizar la vida como si fuera una categoría matemática, ella se resiste a ser catalogada bajo nociones y guarismos, pues por su naturaleza está afecta a manifestaciones que escapan a cualquier delimitación. Ninguna persona es joven o vieja de un año para otro, se convive en un espacio generacional una cantidad de años y esa es la base constitutiva de una generación. De esto se desprende para Ortega que la mayoría de los autores han establecido que en cada generación hay tres o cuatro grupos. Ya no es como en los tiempos de las civilizaciones clásicas; en que en cada generación podían existir hasta siete clases distintas (como en el caso de los Pitagóricos), ni como en la antigua Esparta, en la que las leyes y el orden civil y jurídico en general, estaba administrado por la gerúsia, que era un consejo de ancianos de sesenta años para arriba<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> É um erro tentar analisar a vida como se fosse uma categoria matemática, pois ela se recusa a ser catalogada por noções e números, uma vez que, por sua natureza, está sujeita a manifestações que escapam de qualquer delimitação. Nenhuma pessoa fica jovem ou velha de um ano para o outro, convivemos em um espaço geracional por uma quantidade de anos, e essa é a base constitutiva de uma geração. A partir disso, para Ortega, a maioria dos autores estabeleceu que em cada geração existem três ou quatro grupos. Já não é como nos tempos das civilizações clássicas, onde em cada geração poderiam existir até sete classes distintas (como no caso dos Pitagóricos), nem como na antiga Esparta, onde as leis e a ordem civil e jurídica em geral eram administradas pela gerúsia, que era um conselho de anciãos com sessenta anos ou mais.

Segundo ele, em qualquer momento histórico que façamos, teremos pelo menos três gerações: uma geração que está se formando e que será a que irá protagonizar o futuro do país, uma geração que está governando e que está no domínio desse país, dessa cultura, dessa sociedade e uma geração em decadência, uma geração de saída que são os mais velhos, os que protagonizaram a história do país uns anos antes. O momento histórico de uma geração pode ser dividido em períodos de quinze anos: quinze anos de formação, quinze anos de domínio e quinze anos em que essa geração vai desaparecendo, vai se extinguindo. A partir daí, essas conexões vão ser estabelecidas e ele decide fazer um estudo do passado recente espanhol. Evidentemente, com essa ideia, ele vai forçando um pouco a leitura dos marcos históricos anteriores, dos momentos históricos anteriores, e como muito pode chegar até finais do século XIX na sua análise. Uma coisa muito importante é que Ortega y Gasset jamais fará um corpo teórico completo absoluto de pensamento como faziam os filósofos antigos. Ele analisa um problema, busca soluções para esse problema, mas não faz um corpo filosófico tal como se entendia até então dentro do pensamento. Isso caberá a um discípulo seu, Julián Marías.

Os acontecimentos históricos de 1898 e a Espanha dos primeiros anos do século XX, são o ponto de partida para o conceito de Geração segundo Ortega y Gasset. A partir daí, começa a construir sua teoria. Em 1898 sincrônico, podemos ver uma geração de maiores que são aqueles que haviam protagonizado o sexênio revolucionário, os que haviam protagonizado a grande literatura realista espanhola, que já tinha pouco a dizer. São pessoas que estavam desaparecendo, e que tanto seu pensamento como sua literatura, como sua forma de entender o mundo, era uma forma antiga de entender o mundo, que não servia mais.

Temos também uma geração que formada pelos dirigentes que estavam no governo naquele momento e que protagonizaram precisamente o desastre de 1898 e, portanto, porém também não são úteis pois, nem são autores literários, escritores, políticos, pintores, etc., que não servem ou não são mais pessoas a quem possamos redimir, a quem se pudessem recuperar para a nova Espanha.

Uma geração de muito jovens que é a dele, a do próprio Ortega, que ainda criança e muito jovem se vêem afetados por aquilo.

Entre os autores que estavam na juventude durante o ano de 1898, há um grupo que se destaca dos líderes e da cultura oficial, e é o que ele vai chamar de "geração". Unamuno- Baroja, falando do mais antigo e jovem dessa geração. Outro

dos princípios que regem a teoria do método histórico das gerações é colocar um líder, um chefe à frente, que vai explicar e ser o melhor representante dessa geração. Neste caso, será Unamuno e sua parceira Baroja, que serão os protagonistas referenciais dessa geração assim como Ortega a define. Outra das questões fundamentais que regem precisamente o método histórico das gerações é que todas as gerações têm uma missão histórica, têm algo a cumprir ao longo da história e seu sucesso ou fracasso será avaliado de acordo com o cumprimento dessa missão. O conceito de missões é algo fundamental na teoria filosófica e no pensamento de Ortega y Gasset, que aplica a missão da burguesia, a missão da universidade, a missão do governo e a ambição, para o conceito de missão, é fundamental. Colocar que as gerações têm uma missão histórica a cumprir e, se não a cumprirem, serão julgadas como gerações fracassadas.

Estamos diante desse panorama, naquela geração, Unamuno e Baroja lhe atribuem uma missão de destruição de todo o panorama cultural, governamental, administrativo e educacional que a Espanha tinha naquele momento, no final do século XIX. Portanto, será uma geração destruidora, conforme desejam que sua missão histórica seja cumprida: destruir todo o edifício antigo, deixando-o como um terreno baldio para que se possa reiniciar a modificação, um novo conceito de Espanha e uma nova tarefa. Essa tarefa cabe à geração que eram crianças ou muito jovens em 1898, que é a geração de Ortega. Ortega se coloca como líder dessa nova geração e sua geração lhe atribui o valor e a missão histórica de construir os fundamentos dessa nova realidade espanhola, construir o que será o futuro da Espanha. Isso é algo fundamental. Essa teoria é difundida por Ortega por meio de conferências, artigos, conversas particulares e tertúlias, até encontrar a pessoa adequada que pode ajudá-lo nesse caminho, que será Azorín.

Unamuno e Baroja são personalidades no mundo jornalístico. Eles escrevem artigos em todos os grandes jornais espanhóis da época e especialmente no "La Tercera". São artigos com grande demanda por parte dos leitores. Em primeiro lugar, é um jornalista com muita fama e impacto publicitário e, em segundo lugar, tem uma grande preocupação pessoal em desaparecer do valor literário. Ele quer passar para a história como um escritor de verdade, não apenas como um jornalista. E ele vê que os membros de sua geração estão evoluindo e sendo entendidos como o melhor romancista, o melhor pensador ou o melhor poeta, enquanto ele está ficando um pouco à margem do que considera que deve ser sua posição na literatura. Portanto,

Azorín recebe com grande entusiasmo as teorias de Ortega e contribui para difundir e popularizá-las mais naquele momento.

A geração não havia alcançado ainda a fama, quando José Ortega y Gasset escreveu uma série de doze artigos famosíssimos que podem ser recuperados na página web do ABC. Nessa série de artigos no ABC, na Terceira do ABC, ele começa a definir esse grupo de escritores de "Geração de 98" e vai se apropriar do conceito de Ortega para sua própria geração. Em seus artigos, ele tenta definir o que é a "Geração de 98": O último dos artigos é uma famosa lista na qual ele tenta incorporar a lista da geração. É uma lista enorme, uma lista que, geralmente surpreende os leitores, pois ele tenta incorporar ao projeto pessoas que nada têm a ver com a chamada "Geração de 98", mas tenta somar esforços e não ficar mal com nenhum deles. Na verdade, logo depois, muitos dos que ele incorporou nesta lista vão dizer que não pertenciam à Geração de 98 e um deles será Unamuno,

A partir desses artigos publicados em 1913, o impacto dessa chamada suposta "Geração de 1898" não faz mais do que crescer. É algo que já passa para o jargão, para a linguagem popular, para o reconhecimento acadêmico, e já ninguém começa a discutir tudo aquilo que é dado por certo: esta é a "Geração de 1898" e é o início porque há uma vontade de modificação da Espanha. O espanhol não pode mais ser o que era, isso é fundamental para compreender o que estava acontecendo.

Podemos concluir dizendo que criar um conceito de geração é uma empreitada que exige uma análise profunda das características compartilhadas, da diversidade individual, do contexto histórico e dos desafios de delimitação temporal. É uma tarefa que requer sensibilidade para evitar generalizações excessivas e abarcar a complexidade e a riqueza das experiências humanas que compõem um determinado movimento intelectual ou literário, como a Geração de 98. Portanto, por mais que seja muito difícil porque ainda está em muitos planos de estudos, muitos manuais que se manejam hoje em dia, mas usamos o conceito de geração de 98 sem colocar nenhum matiz, se consegue apresentar um conceito muito ideologizado, mesmo que seja sem saber, à prática cultural, à prática de minhas análises, e é algo que temos que ter claro para evitar erros de conceito.

### 3.5 O Coração da literatura: O Pensamento de Unamuno e sua visão do romance

Estudar Miguel de Unamuno e escrever sobre o escritor e filósofo espanhol, é uma tarefa empreendida por muitos estudiosos ao longo dos anos porque desde sempre, a escrita do inventor da *nivola*, despertou o interesse dos teóricos por conjugar habilmente a literatura com a filosofia e, a partir desse conúbio, conseguir tratar os mais diferentes temas que permeavam o ânimo dos leitores, sendo definido pelo brasileiro Guimarães Rosa, o “poeta da alma”

Unamuno, sim! Unamuno poderia ter sido meu avô. Dele herdei minha fortuna: meu descontentamento. Unamuno era um filósofo; sempre se equivocam, referindo-se a ele nesse sentido. Unamuno foi um poeta da alma; criou da linguagem a sua própria metafísica pessoal (ROSA, 1994, p. 32-33).

Podemos evidenciar, a partir das palavras do Guimarães Rosa que Unamuno é considerado, mais do que um escritor, um filósofo por criar uma própria metafísica visto que, a partir da obra dele, é possível fazer uma análise crítica de si mesmo e dos outros e um poeta por utilizar uma linguagem que refletia a sua identidade que permeia a totalidade da sua obra, cujo protagonista era o homem de carne e osso, com seu desejo de imortalidade e suas exigências sentimentais que eram o elemento indispensável para atuar no teatro da vida., Entre os sentimentos mais comuns não braunamuniana, encontramos aquele que o mesmo escritor define como trágico:

el sentimiento trágico de la vida es la base de todo filosofar. Es un afán, un deseo de plenitud, de romper los estrechos límites de la existencia, es decir un ansia de inmortalidad, un instinto de perpetuación. Para Unamuno la muerte es la negación de su supuesto filosófico, o sea, de la existencia. Y desde aquí se llega al tema de Dios quien tiene que ser inmortalizador.

Miguel de Unamuno, desenvolveu um pensamento profundo e complexo que abrange diversos campos de estudo, como a literatura, a filosofia, a teologia e a política. Sua obra foi impregnada de uma constante busca pela verdade e autenticidade, bem como uma profunda preocupação com a condição humana e as inquietações existenciais.

No parágrafo anterior falamos de “verdades”, porém é importante entender que para o escritor e filósofo espanhol, não existem verdades absolutas, mas as mesmas

são um conceito dinâmico

Alguien podrá ver un fondo de contradicción en todo cuanto voy diciendo, anhelando unas veces la vida inacabable, y diciendo otras que esa vida no tiene el valor que se le da. ¿Contradicción?

¡Ya lo creo! ¡La de mi corazón, que dice que sí, mi cabeza, que dice no! Contradicción, naturalmente. ¿Quién no recuerda aquellas palabras del Evangelio: «¡Señor, creo; ayuda a mi incredulidad!»? ¡Contradicción!, ¡naturalmente! Como que sólo vivimos de contradicciones, y por ellas; como que la vida es tragedia, y la tragedia es perpetua lucha, sin victoria ni esperanzade ella; es contradicción. Se trata, como veis, de un valor afectivo, y contra los valores afectivos no valen razones. Porque las razones no son nada más que razones, es decir, ni siquiera son verdades.<sup>6</sup> (UNAMUNO, 1966, p,5)

Para entender o pensamento de Miguel de Unamuno, é necessário refletir sobre a visão profunda e complexa do autor sobre a natureza humana e a condição existencial.

O autor reconhece que existe uma contradição em suas afirmações, uma vez que em algumas ocasiões ele anseia por uma vida eterna e inacabável, enquanto em outros momentos ele afirma que essa vida não tem o valor que lhe é atribuído. Essa contradição é atribuída à dualidade entre seu coração, que diz "sim", e sua cabeça, que diz "não". Unamuno ressalta que essa contradição é uma característica intrínseca da condição humana, e ele mesmo se identifica com a figura bíblica que clama: "Senhor, creio; ajuda a minha incredulidade!".

Unamuno (1980) também destaca a importância dos valores afetivos em nossa vida, afirmando que esses valores têm um poder que vai além da razão. Ele argumenta que as razões podem ser apenas argumentos e não necessariamente verdades. Portanto, os sentimentos e emoções são fundamentais na formação de nossas crenças e visões de mundo, mesmo que essas crenças possam entrar em conflito com a lógica racional.

Unamuno apresenta a vida como uma tragédia marcada por lutas constantes e sem esperança de vitória. Essa ideia de tragédia está associada à nossa existência repleta de contradições e paradoxos, onde nossos desejos e convicções podem

---

<sup>6</sup> Alguém poderá perceber um fundo de contradição em tudo o que estou dizendo, desejando às vezes a vida interminável, e outras vezes afirmando que essa vida não tem o valor que lhe é atribuído. Contradição? Sem dúvida! A do meu coração que diz sim, a minha cabeça que diz não! Contradição, naturalmente. Quem não se lembra daquelas palavras do Evangelho: "Senhor, eu creio; ajuda a minha incredulidade!"? Contradição, naturalmente! Pois vivemos apenas de contradições e por elas. A vida é uma tragédia, e a tragédia é uma luta perpétua, sem vitória ou esperança dela; é contradição. Trata-se, como veem, de um valor afetivo, e contra os valores afetivos não valem razões. Pois as razões não são nada mais do que razões, ou seja, nem mesmo são verdades.

entrar em conflito uns com os outros. Ele enfatiza que a vida é permeada por ambiguidades, incertezas e dualidades, e é nesse contexto que as contradições surgem e moldam nossa experiência devida como ser humano.

O ser humano, segundo Unamuno, é caracterizado por uma tensão existencial constante entre o desejo de perdurar e a realidade da finitude, o que resulta em uma "angústia existencial".

No es, pues, necesidad racional, sino angustia vital, lo que nos lleva a creer en Dios. Y creer en Dios es ante todo y sobre todo, he de repetirlo, sentir hambre de Dios, hambre de divinidad, sentir su ausencia y vacío, querer que Dios exista. Y es querer salvar la finalidad humana del Universo. Porque hasta podría llegar uno a resignarse a ser absorbido por Dios si en una Conciencia se funda nuestra conciencia, si es la conciencia el fin del Universo<sup>7</sup>. (UNAMUNO, 1966, p; 60)

Essa concepção unamuniana sobre a condição humana encontra paralelos nas ideias do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard.

Kierkegaard, considerado um dos precursores do existencialismo, também abordou a angústia existencial e a luta do indivíduo em suas obras filosóficas. Em sua obra "O Conceito de Angústia" ("Begybet Angest"), ele explora a natureza da angústia e como ela surge a partir da consciência da liberdade humana e da responsabilidade por suas escolhas.

A angústia é uma qualificação do espírito que sonha, e pertence como tal à Psicologia. Na vigília está posta a diferença entre meu eu e meu outro: no sono, está suspensa, e no sonho ela é um nada insinuado. A realidade efetiva do espírito se apresenta sempre como uma figura que tenta sua possibilidade, mas se evade logo que se queira captá-la, e é um nada que só pode angustiar. Mais ela não pode, enquanto apenas se mostra. O conceito de angústia não é tratado quase nunca na Psicologia, e, portanto, tenho de chamar a atenção sobre sua total diferença em relação ao medo e outros conceitos semelhantes que se referem a algo determinado, enquanto que a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade. Por isso não se encontrará angústia no animal, justamente porque este em sua naturalidade não está determinado como espírito. (KIERKEGAARD, 1982, p.81)

Kierkegaard (1982) aborda a angústia como uma qualidade do espírito que sonha, relacionando-a à Psicologia. Ele distingue a angústia do medo e outros

---

<sup>7</sup> Não é, portanto, uma necessidade racional, mas uma angústia vital que nos leva a crer em Deus. E acreditar em Deus é, acima de tudo, sentir fome de Deus, fome de divindade, sentir Sua ausência e vazio, desejar que Deus exista. E é desejar salvar a finalidade humana do Universo. Pois até se poderia resignar a ser absorvido por Deus se nossa consciência se fundar em uma Consciência, se a consciência for o fim do Universo

conceitos semelhantes que se referem a algo determinado, pois a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade, destacando que a angústia surge quando o espírito confronta sua própria liberdade e possibilidade. Na vigília, percebemos a diferença entre o "eu" e o "outro", mas no sono, essa distinção é suspensa e no sonho a angústia se torna algo indefinido e insinuado. A realidade efetiva do espírito se apresenta como algo evasivo, tentando sua própria possibilidade, mas escapando sempre que tentamos captá-la, tornando-se assim uma angústia que nos atormenta.

A angústia, segundo Kierkegaard, está relacionada com a condição humana de liberdade e escolha. É uma experiência que só pode ser vivenciada pelos seres humanos, não sendo encontrada nos animais, pois estes não possuem a mesma determinação como espírito.

Ao abordar a angústia dessa forma, Kierkegaard a considera uma dimensão essencial da existência humana, associada à responsabilidade que cada indivíduo tem diante de suas próprias escolhas e possibilidades. É uma condição que acompanha a liberdade humana e se torna um aspecto significativo de sua busca por autenticidade e autorrealização.

Assim como Unamuno, Kierkegaard reconhece que o ser humano se encontra em uma luta interna entre o desejo de alcançar uma existência significativa e perene e a realidade inevitável de sua finitude e limitações. Ambos os pensadores enfatizam a dualidade inerente à condição humana, na qual o indivíduo enfrenta dilemas existenciais, incertezas e contradições, porém, enquanto Unamuno se concentra na busca por uma imortalidade ou perpetuação do ser, Kierkegaard ressalta a importância da escolha individual e da responsabilidade pessoal na vivência da angústia. Para Kierkegaard, a angústia surge quando o indivíduo se depara com a liberdade de escolha e a possibilidade de seguir diferentes caminhos existenciais, cada um com suas implicações e consequências.

Essa convergência de ideias entre Unamuno e Kierkegaard sugere que ambos os pensadores compartilham uma profunda preocupação com a experiência humana e a angústia inerente à existência. Ambos destacam a importância de enfrentar a finitude e as incertezas com coragem e autenticidade, buscando significado e propósito em meio às contradições e ambiguidades da vida. Essa perspectiva existencialista abraça a complexidade da existência humana e oferece uma reflexão profunda sobre a angústia e as escolhas que moldam nossa jornada como seres

humanos.

A angústia vivida pelo ser humano, segundo Unamuno (1968) é gerada, essencialmente, pela religião e, em específico, pelo Cristianismo, a partir do conceito de pecado:

No ha sido la preocupación del pecado nunca tan angustiosa entre los católicos, o por lo menos, con tanta aparentialidad de angustia. El sacramento de la confesión ayuda a ello. Y tal vez es que persiste aquí más que entre ellos el fondo de la concepción primitiva judaica y pagana del pecado como de algo material e infeccioso y hereditario, que se cura con el bautismo y la absolución. En Adán pecó toda su descendencia, casi materialmente, y se transmitió su pecado como una enfermedad material se transmite. Tenía, pues, razón Renán, cuya educación era católica, al resolverse contra el protestante Amiel, que le acusó de no dar la debida importancia al pecado<sup>8</sup>. (UNAMUNO, 1968,p; 41)

Unamuno (1968) trata da preocupação com o pecado entre os católicos, com fonte de angústia, abordando a influência persistente da concepção primitiva judaica e pagã do pecado como algo material, infeccioso e hereditário. Unamuno (1968) observa que a angústia em relação ao pecado parece ser mais intensa entre os católicos, possivelmente devido ao papel do sacramento da confissão na religião católica.

O autor menciona que a concepção tradicional do pecado, influenciada pelas tradições judaicas e pagãs, considerava-o como uma espécie de doença material transmitida desde Adão a toda a sua descendência. Essa visão pecaminosa originalmente ligada ao pecado original, curável através do batismo e da absolvição, parece continuar presente de alguma forma entre os católicos, o que resulta em uma preocupação mais acentuada com o pecado.

Unamuno (1980), menciona o filósofo e escritor francês Ernest Renan, que tinha uma formação católica, e que em um debate com o protestante Henri-Frédéric Amiel, foi acusado de não dar a devida importância ao pecado. A citação sugere que Renan, por sua educação católica, talvez reconhecesse a influência persistente da concepção do pecado como algo material e hereditário, o que contribuía para a ênfase na preocupação com o pecado entre os católicos, apontando para a persistência de uma concepção primitiva do pecado como algo

---

<sup>8</sup> A preocupação com o pecado nunca foi tão angustiante entre os católicos, ou pelo menos, não com tanta aparência de angústia. O sacramento da confissão contribui para isso. Talvez persista aqui mais do que entre eles o fundamento da concepção primitiva judaica e pagã do pecado como algo material, infeccioso e hereditário, que é curado pelo batismo e absolvição. Em Adão pecou toda a sua descendência, quase materialmente, e o seu pecado foi transmitido como uma doença material é transmitida. Portanto, Renan tinha razão, cuja educação era católica, ao discordar do protestante Amiel, que o acusou de não dar a devida importância ao pecado.

material e hereditário, o que pode influenciar a angústia em relação a essa questão. Ele destaca a relevância da concepção histórica e teológica do pecado, refletindo sobre como essa percepção o de influenciar as atitudes e crenças dentro da comunidade católica.

Essa crítica ao Cristianismo como gerador de angústia se deve ao fato que para Unamuno, existe uma diferença entre religião e fé e é importante destacar essa diferença pois, como veremos no próximo capítulo e na análise da obra *Niebla*, a religião, diferentemente da fé, carrega consigo uma visão patriarcalista da sociedade sendo, portanto, apontada como origem dos sofrimentos das mulheres no contexto social.

Para Unamuno, a fé não era apenas uma crença dogmática ou religiosa imposta, mas sim uma experiência pessoal e íntima que podia ser vivida de maneira autêntica e profunda. Ele defendia a necessidade de uma fé genuína, baseada na luta interior do indivíduo em busca de valores e significados que dessem sentido à sua vida. Em suas próprias palavras, a fé era um valor "afetivo" que transcendia a mera racionalidade e que encontrava sua essência na subjetividade e emoção do indivíduo.

Unamuno também explorou a complexidade da religiosidade humana, reconhecendo que a relação do ser humano com a religião muitas vezes envolvia ambiguidades e contradições. Ele se opunha à visão reducionista da religião como um conjunto de dogmas e rituais vazios, e enfatizava a importância de uma religiosidade vivida com autenticidade e sinceridade. Para ele, a religiosidade verdadeira se manifestava na luta interna do indivíduo, na busca incessante por respostas diante de questões fundamentais sobre a existência e o significado da vida.

O pensamento de Unamuno, obviamente, se reflete no conceito de romance do autor bilbaino, assim como podemos ver na obra cumbre da sua visão literária que é *Como se hace una novela* (1975).

Para Unamuno, o romance era muito mais do que uma simples narrativa de ficção; era uma forma de expressão artística que permitia ao escritor explorar e expressar a complexidade da vida humana e as inquietações existenciais. Em suas obras literárias e ensaios, Unamuno procurou transcender os limites convencionais do romance, transformando-o em um meio de reflexão sobre questões filosóficas e existenciais.

O pensamento existencialista de Unamuno, centrado na luta interna do indivíduo e na angústia existencial diante da finitude e incerteza da vida, reflete-se claramente em sua concepção do romance. Para ele, o romance deveria ser uma exploração profunda da psicologia humana, um espaço onde os personagens enfrentassem dilemas e contradições, expressassem suas emoções e desejos mais profundos e confrontassem suas próprias limitações e mortalidade.

Neste ensaio, Unamuno aborda a questão do que é uma novela e como ela é construída. Para ele, a novela é mais do que uma mera ficção literária; é um veículo para explorar a realidade e expressar a luta do indivíduo com sua existência. Sob uma perspectiva acadêmica, Unamuno enfoca a novela como um meio para aprofundar na complexidade humana e manifestar as contradições e angústias do ser humano. Unamuno aborda a importância do autor na criação de uma novela e sustenta que o escritor não pode se separar completamente de sua obra, pois inevitavelmente derrama seus pensamentos, emoções e experiências pessoais nela. Dessa forma, o ato de escrever se torna uma expressão íntima e pessoal do autor. Unamuno afirma que a novela se converte em uma janela para a alma do escritor:

Sí, toda novela, toda obra de ficción, todo poema, cuando es vivo es autobiográfico. Todo ser de ficción, todo personaje poético que crea un autor hace parte del autor mismo. Y si éste pone en su poema un hombre de carne y hueso a quien ha conocido, es después de haberlo hecho suyo, parte de sí mismo. Los grandes historiadores son también autobiógrafos. Los tiranos que ha descrito Tácito son él mismo.<sup>9</sup> (UNAMUNO, 1971, p.3)

Unamuno defende a ideia de que todo romance, obra de ficção ou poema, quando é autêntico e vivo, é autobiográfico em certo sentido. Argumenta que cada personagem fictício ou figura poética criada por um autor faz parte do próprio autor. Mesmo ao descrever um homem de carne e osso que o autor conheceu na vida real, esse personagem se torna parte dele, uma extensão de si mesmo e enfatiza que o escritor traz consigo suas experiências, emoções e perspectivas pessoais para sua escrita. Ao criar personagens e histórias, o autor inevitavelmente reflete sua própria visão de mundo, suas inquietações, paixões e conflitos internos. Nesse sentido, a escrita se torna uma expressão autobiográfica, permitindo que o autor exponha sua

---

<sup>9</sup> Sim, toda novela, toda obra de ficção, todo poema, quando é vivo, é autobiográfico. Todo ser de ficção, todo personagem poético criado por um autor faz parte do próprio autor. E se o autor coloca em seu poema um homem de carne e osso que conheceu, é porque o tornou seu, parte de si mesmo. Os grandes historiadores também são autobiográficos. Os tiranos que Tácito descreveu são ele mesmo.

própria identidade e sensibilidade por meio de suas criações literárias.

Essa visão de Unamuno(1975) destaca a importância da autenticidade na literatura, onde o escritor não apenas narra eventos externos, mas também revela sua própria existência interna através de suas palavras. Argumenta que os grandes historiadores também são autobiógrafos, pois suas interpretações e perspectivas sobre o passado refletem suas próprias experiências e compreensão do mundo.

Na obra, Unamuno também destaca a importância da autenticidade na narrativa. Argumenta que o romance deve ter uma conexão com a vida real e refletir os dilemas, as paixões e os conflitos do ser humano. Rejeita a ideia de um romance simplesmente como um entretenimento vazio e defende uma literatura que se aprofunde na condição humana, enfrentando as complexidades da existência.

Lo que merece comentario: Lo primero, que la comparación del reló está muy mal traída y responde a la idea del "mecanismo de su ficción". Una ficción de mecanismo, mecánica, no es ni puede ser novela. Una novela, para ser viva, para ser vida, tiene que ser, como la vida misma, organismo y no mecanismo. Y no sirve levantar la tapa del reló. Ante todo porque una verdadera novela, una novela viva, no tiene tapa, y luego porque no es maquinaria lo que hay que mostrar, sino entrañas palpitantes de vida, calientes de sangre. Y eso se ve fuera. Es como la cólera que se ve en la cara y en los ojos y sin necesidad de levantar tapa alguna.<sup>10</sup> (UNAMUNO, 1971, p.20)

Unamuno (1975) critica a comparação entre o relógio e o romance, argumentando que um romance não pode ser simplesmente um mecanismo, pois isso o transformaria em uma ficção vazia e sem vida. Para Unamuno, um romance verdadeiro e vivo deve ser como a própria vida, um organismo em vez de um mecanismo, rejeitando a ideia de que se possa reduzir o romance a uma estrutura mecânica ou previsível, como se poderia fazer com um relógio. Ele defende que um romance autêntico deve ser um organismo complexo, cheio de vida e emoção. Nesse sentido, destaca-se que um romance vivo não precisa "levantar a tampa do relógio" para revelar seu funcionamento, pois não é uma maquinaria fria e previsível, mas sim uma expressão de entranhas palpitantes de vida, quente de sangue, que se

---

<sup>10</sup> O que merece comentário: Em primeiro lugar, a comparação do relógio é inadequada e reflete a ideia de "mecanismo de sua ficção". Uma ficção mecânica não é e nem pode ser uma novela. Para ser viva, para ser vida, uma novela precisa ser como a própria vida, um organismo e não um mecanismo. Não adianta levantar a tampa do relógio. Primeiro, porque uma verdadeira novela, uma novela viva, não tem tampa, e depois porque não é a maquinaria que deve ser mostrada, mas sim as entranhas palpitantes da vida, quentes de sangue. E isso se vê externamente. É como a raiva que se vê no rosto e nos olhos, sem a necessidade de levantar qualquer tampa.

mostra por si mesma, refletindo a realidade interna dos personagens e suas emoções, que seja verossímil e autêntico em sua representação da complexidade humana. Considera que um romance vivo, assim como a própria vida, não pode ser reduzido a um mero mecanismo narrativo, mas deve explorar a profundidade da existência humana e mostrar o pulso vital dos personagens e suas lutas emocionais sem a necessidade de artifícios mecânicos.

Para Unamuno, o romance possui uma estreita relação com a sociedade em que se desenvolve. Ele considera que o romance é um reflexo e uma expressão da realidade social e cultural de sua época. Através do romance, o autor pode explorar e retratar os problemas, inquietações e conflitos que afetam a sociedade e seus indivíduos.

Unamuno vê o romancista como um observador e analista da vida social, capaz de captar as complexidades e contradições do mundo em que vive. O romance torna-se um meio de examinar a natureza humana no contexto da sociedade e questionar as normas e valores estabelecidos, se tornando um agente de mudança social. Através da narrativa, o autor pode apresentar ideias e questionamentos que desafiam as estruturas e crenças tradicionais da sociedade. O romance pode despertar a reflexão e o debate nos leitores, instigando-os a questionar e examinar seu próprio ambiente e seu papel na sociedade.

Da mesma forma, Unamuno considera que o romance é uma ferramenta para a emancipação e a liberdade individual. Através da exploração dos personagens e suas lutas internas, o romance pode inspirar os indivíduos a buscar sua própria identidade e romper com as limitações impostas pela sociedade, sendo um espelho da mesma e uma ferramenta para compreendê-la e transformá-la. É uma maneira de explorar a complexidade humana no contexto social e questionar as normas e estruturas estabelecidas, oferecendo a possibilidade de emancipação e liberdade individual, instigando os leitores a refletirem sobre seu ambiente e seu papel na sociedade, assim como acontece para as questões sociais relativas ao gênero.

#### 4 DESVENDANDO IDENTIDADES: ESTUDOS DE GÊNERO EM FOCO

A palavra "gênero" tem sua origem etimológica a partir do termo latim "*genus*", que significa "tipo", "espécie" ou "classe". Ao longo do tempo, o conceito de gênero foi sendo ampliado e adaptado para além do seu significado original, passando a abranger as construções sociais, culturais e identitárias relacionadas ao sexo e à identidade de gênero. A palavra "gênero" é comumente utilizada hoje em dia para se referir às características e papéis socialmente atribuídos a homens e mulheres, bem como às diversas identidades de gênero que vão além da binariedade masculino/feminino.

O termo "gênero" deriva da palavra latina *genus* e esta pode ser traduzida para o português como: "raça", "tipo", "variedade". Este conceito teve seu uso restrito aos estudos da gramática até meados de 1970 quando o psicólogo neozelandês John Willian Money, em seu trabalho intitulado "Man & Woman, Boy & Girl" faz uso do termo dando a ele características muito próximas ao uso que fazemos contemporaneamente, atribuindo ao gênero as características culturais relativas ao sexo. (COELHO, 2018)

Resulta evidente pela citação anterior que os estudos de gênero são um campo interdisciplinar de pesquisa acadêmica que analisa como as noções de gênero, identidade de gênero e relações de poder relacionadas ao gênero são construídas, vivenciadas e representadas em diferentes sociedades e culturas. Essa área de estudo busca entender como o gênero molda as experiências individuais e coletivas, bem como os sistemas sociais e políticos.

Os citados estudos, assim como veremos a seguir, reconhecem que o gênero não é uma característica inata ou biologicamente determinada, mas uma construção social e cultural complexa. Questionam-se as ideias tradicionais de masculinidade e feminilidade, examinando como esses conceitos são moldadas por fatores históricos, sociais e culturais, e como podem variar em diferentes contextos, porém têm suas raízes em um contexto histórico e religioso marcado por transformações sociais, movimentos de emancipação e avanços nas teorias sociais, surgindo como resposta às desigualdades de gênero e ao reconhecimento da importância de compreender e analisar criticamente as questões relacionadas ao gênero, tendo aplicações em várias áreas, como sociologia, antropologia, psicologia, história, ciência política, estudos culturais e literatura. Eles têm sido fundamentais na desconstrução de estereótipos de gênero e na promoção da igualdade de gênero, bem como no

entendimento das experiências diversas das pessoas em relação ao gênero e também analisam as desigualdades de gênero e as relações de poder. Eles investigam como o gênero influencia a distribuição de recursos, oportunidades e privilégios na sociedade, levando em consideração questões como o feminismo, a masculinidade hegemônica, a violência de gênero, o patriarcado e a discriminação.

No final do século XIX e início do século XX, ocorreram importantes movimentos de luta pelos direitos das mulheres, como o sufragismo, que buscava o direito ao voto e a igualdade de direitos políticos. Esses movimentos trouxeram à tona a necessidade de questionar as normas sociais e as estruturas de poder que perpetuavam a subordinação das mulheres.

A partir dos anos 60 do século XX, o movimento feminista de segunda onda ganhou força, levantando questões fundamentais sobre a igualdade de gênero, direitos reprodutivos, violência contra as mulheres e a necessidade de reconhecer o trabalho doméstico e o cuidado como trabalho válido e valorizado. Esse movimento foi importante para estabelecer uma base sólida para os estudos de gênero, ao destacar a importância da análise crítica das relações de gênero e da busca pela igualdade de direitos e oportunidades. De acordo com Henning *apud* Ferreira Caetano (2017):

A associação analítica de gênero, raça e classe tem origem no questionamento sobre a adoção de apenas um destes marcos para a compreensão das desigualdades sociais. É por isso, que a interseccionalidade coloca em questão os modelos analíticos pautados no marxismo tradicional e, também, no feminismo de segunda onda, que apontava um marcador específico como fundados da opressão dos demais. Em perspectiva interseccional, portanto, não se observa tão somente a mera sobreposição de padrões de dominação, mas um “entrelaçamento complexo, o que faz com que qualquer interpretação aprofundada do mundo social e qualquer projeto emancipatório consequente precisem incorporar simultaneamente os três eixos”.

O feminismo, na sua segunda onda, ganha mais força a nível político e cultural que busca a igualdade de gênero, defendendo os direitos das mulheres e promovendo a valorização das suas experiências, perspectivas e contribuições para a sociedade. O feminismo reconhece que as mulheres historicamente enfrentam discriminação, desigualdades e opressões com base no seu gênero, e busca transformar essas estruturas de poder.

É importante ressaltar que o feminismo não é um movimento homogêneo, mas

sim um conjunto diversificado de correntes e abordagens que compartilham o objetivo de alcançar a igualdade de gênero. Dentro do feminismo, existem várias correntes e tipos de feminismo, cada um com suas perspectivas, ênfases e estratégias específicas.

Os primeiros movimentos feministas começaram a surgir no final do século XVIII e início do século XIX. Esse período é conhecido como a primeira onda do feminismo. Durante esse tempo, as mulheres começaram a se organizar e a lutar por direitos e igualdade. Um marco importante nesse contexto foi a publicação do livro "A Vindication of the Rights of Woman" (Uma Vindicação dos Direitos da Mulher) de Mary Wollstonecraft, em 1792. Nessa obra, Wollstonecraft argumentou pela igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres, defendendo a educação e a participação política das mulheres. Outro evento significativo foi a convenção de Seneca Falls, realizada em 1848 nos Estados Unidos. Nessa convenção, Elizabeth Cady Stanton e Lucretia Mott lideraram um movimento em prol dos direitos das mulheres, redigindo a Declaração de Sentimentos, que reivindicava direitos igualitários para as mulheres, incluindo o direito ao voto.

Ainda nesta primeira onda do feminismo no Brasil, vale chamar a atenção para o movimento das operárias de ideologia anarquista, reunidas na "União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas". Em manifesto de 1917, proclamam: "Se refletirdes um momento vereis quão dolorida é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente, amesquinhas por seres repelentes" Este feminismo inicial, tanto na Europa e nos Estados Unidos como no Brasil, perdeu força a partir da década de 1930 e só aparecerá novamente, com importância, na década de 1960. No decorrer destes trinta anos um livro marcará as mulheres e será fundamental para a nova onda do feminismo: O segundo sexo, de Simone de Beauvoir, publicado pela primeira vez em 1949. Nele, Beauvoir estabelece uma das máximas do feminismo: "não se nasce mulher, se torna mulher" (PINTO, 2003, p. 35).

Durante a primeira onda do feminismo, as mulheres se envolveram em lutas por direitos políticos, como o direito ao voto, e pela igualdade de oportunidades na educação, no trabalho e na vida pública. As ativistas dessa época enfrentaram resistência e críticas, mas seu trabalho pioneiro estabeleceu as bases para as lutas feministas subsequentes.

No século XIX, as mulheres começaram a se organizar e a se mobilizar em diferentes partes do mundo para reivindicar seus direitos e lutar contra a opressão de gênero. Esses movimentos foram influenciados por contextos políticos, sociais e

intelectuais da época, como as lutas por liberdade e igualdade que ocorriam durante o Iluminismo e a Revolução Francesa.

Na Europa, as sufragistas, lideradas por figuras como Emmeline Pankhurst, na Inglaterra, e Susan B. Anthony, nos Estados Unidos, lutaram pelo direito das mulheres ao voto. Elas organizaram manifestações, greves de fome, marchas e outras formas de protesto para chamar a atenção para a falta de direitos políticos das mulheres e exigir mudanças. Essa luta pelo sufrágio feminino foi um marco importante na conquista dos direitos políticos das mulheres e na busca por igualdade de participação na vida pública.

Além do direito ao voto, as feministas da primeira onda também lutaram por outras questões, como a igualdade de oportunidades na educação e no trabalho, a reforma das leis de família que discriminavam as mulheres e o acesso ao controle contraceptivo. Elas rejeitavam a visão tradicional que limitava as mulheres ao papel de donas de casa e defendiam a ideia de que as mulheres eram capazes de contribuir para a sociedade em diferentes áreas.

Embora a primeira onda do feminismo tenha alcançado algumas vitórias significativas, como o direito ao voto em vários países, também enfrentou resistência e obstáculos. As mulheres ativistas foram frequentemente ridicularizadas, desacreditadas e enfrentaram hostilidade por parte da sociedade e das autoridades. No entanto, elas conseguiram criar um movimento social importante que pavimentou o caminho para lutas futuras pela igualdade de gênero.

Sob a influência do feminismo anglo saxão, inicia-se nos anos de 1980 um período de crítica pelo fato de o feminismo ser liderado por mulheres brancas, urbanas e da classe média alta (MARTINS DE SOUZA)

É importante ressaltar que os primeiros movimentos feministas eram predominantemente liderados por mulheres brancas de classe média e alta, o que limitou a representatividade e a inclusão de outras mulheres, como mulheres negras, indígenas e trabalhadoras. Essa falta de interseccionalidade foi uma crítica importante que posteriormente levou ao desenvolvimento do feminismo interseccional, que busca abordar as interseções entre raça, classe e gênero na luta pela igualdade.

No geral, a primeira onda do feminismo foi um período fundamental para a conscientização das desigualdades de gênero, a conquista de direitos políticos e a

promoção da igualdade de oportunidades para as mulheres. As lutas e conquistas desse período continuaram a influenciar e a inspirar gerações subsequentes de feministas, moldando a trajetória do movimento feminista até os dias de hoje.

Paralelamente, os estudos *queer* começaram a emergir na década de 1980, questionando as normas binárias de gênero e as hierarquias sociais relacionadas à sexualidade. Esses estudos enfocaram a diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais, desafiando as noções convencionais de gênero e sexualidade como categorias fixas e estáveis.

Esses movimentos, debates e teorias proporcionaram o contexto histórico necessário para o surgimento dos estudos de gênero. Eles abriram espaço para a compreensão crítica das desigualdades de gênero, a análise das estruturas de poder e a busca por uma sociedade mais igualitária, onde todas as pessoas possam viver com plenitude, independentemente de seu gênero ou identidade.

Além disso, os estudos de gênero consideram a interseccionalidade, ou seja, a interação entre gênero e outras categorias sociais, como raça, classe social, sexualidade e habilidade física. Essa perspectiva reconhece que as experiências de gênero são moldadas por múltiplos aspectos de identidade, e que as opressões e desigualdades não podem ser compreendidas isoladamente.

No contexto acadêmico, os estudos de gênero ganharam força com a emergência de teorias feministas e a demanda por uma análise crítica das estruturas de poder que perpetuavam a opressão e a subordinação das mulheres. A ênfase inicial estava na desigualdade de gênero e nos papéis tradicionais atribuídos a homens e mulheres na sociedade.

Conforme o campo evoluiu, os estudos de gênero expandiram seu foco para incluir outras formas de identidade de gênero e para examinar como o gênero interage com outras categorias sociais, como raça, classe social e sexualidade. Essa abordagem mais inclusiva é conhecida como interseccionalidade e se tornou central nos estudos de gênero a partir da década de 1980.

Atualmente, os estudos de gênero são uma área estabelecida e reconhecida em muitas disciplinas acadêmicas, abrangendo uma variedade de temas e teorias. Eles continuam a evoluir e se adaptar para refletir os avanços nas compreensões conceituais e nas lutas pelos direitos e igualdade de gênero e, teóricas feministas e acadêmicas, como Simone de Beauvoir, Judith Butler, Bell Hooks e Gayle Rubin, entre outras, desenvolveram teorias críticas sobre o gênero, explorando a

construção social e cultural do gênero, as interseções com raça, classe social e outras categorias, e as formas como as normas de gênero afetam a vida das pessoas. Essas teorias que analisaremos a seguir, serão utilizadas como ponto de contato para entender a visão da mulher de Miguel de Unamuno ao longo da sua trajetória como pessoa antes e como escritor depois.

#### **4.1 Desconstruindo Normas Sociais: Judith Butler e a Performatividade de Gênero**

Judith Butler é uma importante teórica dos estudos de gênero que contribuiu significativamente para a compreensão do gênero como uma construção social e performativa. Sua obra mais conhecida, "Gender Trouble" (Trouble in Paradise: A teoria do gênero em discurso), publicada em 1990, revolucionou o campo dos estudos de gênero.

Butler argumenta que o gênero não é uma característica fixa e determinada biologicamente, mas uma performance repetida e ritualizada de identidade de gênero. Ela introduz o conceito de "performatividade de gênero", que enfatiza que o gênero não é algo que as pessoas têm, mas algo que elas fazem e desempenham através de comportamentos, gestos, expressões e linguagem.

Dizer que o gênero é um ato performativo é dizer que é um certo tipo de decreto; a "aparência" do gênero é muitas vezes confundida como um sinal de sua verdade interna ou inerente; o gênero é incitado pelas normas obrigatórias a ser um gênero ou outro (geralmente dentro de um quadro estritamente binário) e a reprodução do gênero é, portanto, sempre uma negociação com o poder; e, finalmente, não há gênero sem essa reprodução de normas correndo o risco de desfazer ou refazer a norma de maneiras inesperadas, abrindo assim a possibilidade de refazer a realidade de gênero ao longo de novas linhas. (BUTLER, 2009, p.01)

Butler argumenta que a identidade de gênero é produzida e mantida por meio de uma série de performances cotidianas, como gestos, movimentos corporais, maneirismos, estilo de vestir e uso da linguagem. Essas performances de gênero são influenciadas por normas e expectativas sociais sobre como homens e mulheres devem agir, se vestir e se comportar.

Ao repetir essas performances de gênero, as pessoas reafirmam e reforçam as noções estabelecidas de masculinidade e feminilidade. A performatividade de

gênero sugere que o gênero não é uma essência interior, mas algo que é constantemente construído e reforçado através das interações sociais.

Ao destacar a performatividade de gênero, Judith Butler desafia a visão tradicional de gênero como algo fixo e imutável. Ela nos convida a questionar e repensar as normas de gênero, a reconhecer a diversidade de identidades e expressões de gênero, e a lutar por uma maior liberdade e igualdade na vivência do gênero.

Butler desafia a ideia de que existem apenas duas categorias rígidas de gênero, masculino e feminino, e argumenta que o gênero é uma construção contínua e fluida. Ela questiona as normas de gênero e as identidades binárias, destacando a diversidade e a multiplicidade de experiências de gênero que vão além da dicotomia tradicional. Ele é aprendido e internalizado por meio de interações sociais, normas e expectativas compartilhadas dentro de uma determinada sociedade.

O gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2015, p.20)

As interseções geram, portanto, uma fluidez de gênero, conceito que refere-se à ideia de que as identidades de gênero não são fixas nem imutáveis. As pessoas podem experimentar e expressar uma variedade de identidades de gênero ao longo de suas vidas. Isso desafia a ideia de que existem apenas duas categorias rígidas e opostas de masculino e feminino, abrindo espaço para uma ampla diversidade de identidades de gênero, como não-binário, gênero fluido, a gênero, entre outros.

Essa compreensão do gênero como fluido reconhece que as pessoas têm autonomia para definir e vivenciar sua própria identidade de gênero. Ela também valoriza a importância de respeitar e acolher as experiências de gênero diversas, sem impor normas ou expectativas restritivas e propõe que o gênero seja entendido como uma performance discursiva, em constante processo de produção e desconstrução.

A construção contínua do gênero significa que as noções e as práticas de gênero estão sujeitas a mudanças históricas, culturais e sociais. À medida que as sociedades evoluem e novas perspectivas emergem, as concepções de gênero

também se transformam. Isso pode ser visto em movimentos sociais contemporâneos que reivindicam a igualdade de gênero, a visibilidade de identidades não normativas e a desconstrução de estereótipos de gênero.

A compreensão de que o gênero é uma construção contínua e fluida desafia as normas e os estereótipos de gênero, promovendo a igualdade, a diversidade e o respeito pelas experiências de gênero diversas. Ela abre espaço para uma sociedade mais inclusiva, na qual todas as pessoas possam expressar sua identidade de gênero de maneira autêntica e livre de discriminação.

A performatividade de gênero também está ligada ao poder e à política. Butler argumenta que as normas de gênero são impostas pela sociedade como formas de controle e regulação social. Ela enfatiza que essas normas são discursivas e podem ser contestadas e subvertidas por meio da desestabilização das performances de gênero dominantes. Além disso, Butler também aborda a relação entre o gênero e o poder. Ela argumenta que o gênero é uma forma de controle social e que as normas de gênero são impostas pela sociedade para manter hierarquias de poder e dominação. Butler critica a forma como as normas de gênero restringem e oprimem as pessoas, e enfatiza a importância de questionar e desafiar essas normas para buscar uma maior liberdade e igualdade de gênero

“O sujeito” é uma questão crucial para a política, e particularmente para a política feminista, pois os sujeitos jurídicos são invariavelmente produzidos por via de práticas de exclusão que não “aparecem”, uma vez estabelecida a estrutura jurídica da política. (BUTLER, 2015, p.19)

A obra de Judith Butler teve um impacto profundo nos estudos de gênero, influenciando o pensamento acadêmico e ativismo relacionados à questão do gênero e da identidade. Suas ideias provocaram debates e reflexões sobre a natureza do gênero e contribuíram para expandir as fronteiras da teoria de gênero.

#### **4.2 Para Além do Segundo Sexo: Simone de Beauvoir e a Análise da Opressão de Gênero**

Simone de Beauvoir foi uma filósofa, escritora e feminista francesa que teve um papel fundamental nos estudos de gênero. Sua obra mais conhecida, "O Segundo Sexo" ("Le Deuxième Sexe"), publicada em 1949, é considerada um marco na teoria feminista.

Em "O Segundo Sexo", Beauvoir analisa a condição das mulheres na sociedade, abordando questões de gênero, sexualidade e opressão. Ela questiona as ideias dominantes sobre a feminilidade e a masculinidade, argumentando que o gênero não é uma essência biológica, mas uma construção social e cultural.

Ela argumenta que as diferenças biológicas entre homens e mulheres não são a base para a opressão das mulheres, mas sim a maneira como essas diferenças são interpretadas e utilizadas para justificar a subordinação feminina.

Temos aqui a chave de todo o mistério. No nível da biologia é somente criando-se inteiramente de novo que uma espécie se mantém; mas essa criação não passa de uma repetição da mesma Vida sob formas diferentes. É transcendendo a Vida pela Existência que o homem assegura a repetição da Vida: com essa superação, ele cria valores que denegam qualquer valor à repetição simples. No animal, a gratuidade, a variedade das atividades do macho permanecem vãs porque nenhum projeto o habita; quando não serve a espécie, o que faz não é nada; ao passo que, servindo a espécie, o macho humano molda a face do mundo, cria instrumentos novos, inventa, forja um futuro. (BEAUVOIR, 1970)

Ao questionar a essência biológica do gênero, Beauvoir destaca que os papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade são resultado de processos de socialização e aprendizado. Ela argumenta que as pessoas são ensinadas desde cedo a desempenhar determinados papéis de acordo com o gênero atribuído a elas, moldando sua identidade e comportamento.

Beauvoir enfatiza que o gênero é uma construção social e cultural que pode variar ao longo do tempo e em diferentes contextos. Ela destaca como as normas de gênero são impostas e internalizadas, limitando a liberdade e a autonomia das mulheres ao estabelecer expectativas rígidas e estereotipadas sobre seu papel na sociedade.

A perspectiva de Beauvoir desafia a visão de que a biologia é o destino das mulheres e propõe que a igualdade de gênero só pode ser alcançada através da desconstrução das normas de gênero e da superação das desigualdades sociais. Ela defende a importância de reconhecer a diversidade de experiências e identidades de gênero e lutar por uma sociedade na qual as pessoas possam se expressar livremente, além das restrições impostas pelos estereótipos de gênero.

Beauvoir critica a visão de que as mulheres são naturalmente inferiores aos homens e que seu destino é serem subordinadas. Ela argumenta que as mulheres são socializadas para desempenhar papéis específicos na sociedade, limitando

assim sua liberdade e autonomia e, em sua obra principal, *O Segundo sexo*, analisa o papel da mulher na sociedade patriarcal de uma forma bem exaustiva e que nos será útil para tratar das personagens femininas em *Niebla* de Miguel de Unamuno.

Simone de Beauvoir argumenta em "*O Segundo Sexo*" que as mulheres são socializadas desde a infância a desempenhar papéis específicos na sociedade, o que acaba limitando sua liberdade e autonomia. Ela observa que, desde cedo, as meninas são ensinadas a se comportarem de maneira "feminina", de acordo com as normas e expectativas de gênero estabelecidas pela sociedade.

Essa socialização ocorre através de diversos mecanismos, como a educação, a família, a mídia e as instituições sociais. As meninas são incentivadas a serem delicadas, submissas, preocupadas com a aparência e agradáveis, enquanto os meninos são encorajados a serem fortes, assertivos e competitivos. Essas expectativas sociais moldam a forma como as mulheres são vistas e como elas se veem, influenciando suas escolhas, ambições e comportamentos.

Ao serem socializadas para desempenhar papéis específicos, as mulheres muitas vezes encontram limitações em sua liberdade e autonomia. Elas podem sentir-se pressionadas a se encaixar em padrões estreitos de feminilidade, o que pode restringir suas opções de vida e carreira, limitar seu acesso a recursos e oportunidades, e afetar sua autoestima e bem-estar.

Essa socialização de gênero também perpetua desigualdades e relações de poder entre homens e mulheres. Ao impor expectativas e normas específicas às mulheres, a sociedade reforça a noção de sua inferioridade e subordinação em relação aos homens.

Beauvoir chama a atenção para a importância de reconhecer e desafiar essas normas de gênero, permitindo que as mulheres tenham a liberdade de explorar suas potencialidades, tomar decisões autônomas e desfrutar de igualdade de oportunidades. Ela argumenta que a emancipação das mulheres requer a superação das limitações impostas pela socialização de gênero, abrindo caminho para uma maior igualdade e autonomia.

Simone de Beauvoir examina minuciosamente a dinâmica de poder nas relações entre homens e mulheres em "*O Segundo Sexo*". Ela critica a ideia de que as mulheres devem ser dependentes dos homens e argumenta em favor de relações baseadas na igualdade, no respeito mútuo e na autonomia das mulheres.

Beauvoir questiona as estruturas patriarcais que historicamente colocaram as

mulheres em uma posição de subordinação em relação aos homens. Ela destaca como as normas sociais e as expectativas de gênero frequentemente limitam a liberdade e a autonomia das mulheres em suas relações pessoais e íntimas e que as mulheres precisam se emanciparem.

De acordo com Fraser *apud* Vintges (2019)

Em seu artigo, publicado em 2013, “How Feminism Became Capitalism’s Handmaiden – and How to Reclaim It”, Fraser especifica que, na atualidade, o capitalismo enfatiza os bens da autonomia individual, maior escolha, e avanço meritocrático. Ele quer que mulheres se tornem indivíduos autônomos que buscam sucesso pessoal e autorrealização – com o empreendedorismo feminino como seu maior ideal.

Assim como Fraser *apud* Vintges (2019), Simone de Beauvoir defende a importância de as mulheres se afirmarem como indivíduos autônomos, com direito a terem voz nas decisões que afetam suas vidas. Ela argumenta que as mulheres devem ser livres para expressar suas opiniões, desejos e necessidades, e que seus parceiros devem respeitar e valorizar suas perspectivas.

Beauvoir destaca a necessidade de relações igualitárias, onde tanto homens quanto mulheres compartilhem responsabilidades e poder de forma equitativa. Ela critica a ideia de que a submissão das mulheres aos homens é natural ou desejável, afirmando que isso perpetua desigualdades e restringe a liberdade das mulheres.

Ao analisar a relação entre homens e mulheres, Beauvoir promove uma visão de parceria baseada no respeito mútuo, no diálogo e na equidade. Ela desafia as noções tradicionais de hierarquia e submissão, incentivando a busca por relacionamentos baseados na autonomia individual e na valorização mútua.

Beauvoir ressalta a importância de desconstruir as estruturas de poder desigual que permeiam as relações de gênero e enfatiza que as mulheres têm o direito de viver relacionamentos saudáveis e igualitários, onde possam se desenvolver plenamente como indivíduos.

Ao aprofundar a análise da relação entre homens e mulheres, Beauvoir contribui para a reflexão sobre a necessidade de transformar as estruturas opressivas e construir uma sociedade que promova relações baseadas na igualdade, respeito e liberdade individual.

Entrando em profundidade na temática da opressão das mulheres, Beauvoir explora questões como a maternidade, o casamento, a sexualidade e a relação entre

homens e mulheres. Ela argumenta que as mulheres são objetificadas e reduzidas a um "outro" em relação aos homens, sendo vistas como seres passivos e submissos.

Relativamente à maternidade, a autora questiona a visão dominante de que a maternidade é o destino natural e único das mulheres, argumentando que essa ideia é uma construção social que impõe expectativas e restrições às mulheres.

Beauvoir destaca como a maternidade é socialmente idealizada e romantizada, sendo frequentemente considerada o ápice da feminilidade. Ela critica a pressão exercida sobre as mulheres para se tornarem mães e enfatiza como essa pressão pode restringir suas oportunidades de educação, carreira e realização pessoal. A ênfase na maternidade muitas vezes resulta em estereótipos de gênero, onde as mulheres são vistas primariamente como cuidadoras e seu valor é medido em termos de seu papel materno.

A autora questiona a ideia de que a maternidade é uma experiência natural e intrinsecamente gratificante para todas as mulheres. Ela argumenta que essa visão é simplista e ignora as complexidades e diversidades das experiências maternas. Beauvoir destaca como a maternidade pode ser uma escolha individual, e que nem todas as mulheres desejam ser mães ou encontram realização exclusivamente nesse papel.

A estudiosa, observa que a ênfase na maternidade como o principal objetivo das mulheres pode levar a desigualdades de gênero, uma vez que as obrigações maternas muitas vezes recaem desproporcionalmente sobre as mulheres, limitando seu tempo, energia e recursos para outras áreas da vida.

Ao questionar a visão tradicional da maternidade, Beauvoir defende a importância de permitir que as mulheres tenham autonomia para fazer escolhas sobre sua vida reprodutiva. Ela enfatiza a necessidade de garantir que a maternidade seja uma escolha informada e voluntária, e que as mulheres tenham acesso a oportunidades educacionais, profissionais e de realização pessoal além do papel materno. Isso envolve desconstruir as normas que limitam as mulheres a uma única identidade e papel na sociedade, permitindo que elas sejam reconhecidas como indivíduos completos, com desejos e aspirações diversas.

Mas a gravidez é principalmente um drama que se desenrola na mulher entre si e si; ela sente a um tempo como um enriquecimento e uma mutilação; o feto é uma parte de seu corpo e um parasito que a explora; ela o possui e é por ele possuída; ele resume todo o futuro e, carregando-o, ela sente-se

ampla como o mundo; mas essa própria riqueza a aniquila: tem a impressão de não ser mais nada. Uma existência nova vai manifestar-se e justificar sua própria existência; disso ela se orgulha, mas sente-se também um brinquedo de forças obscuras, é sacudida, violentada. (BEAUVOIR, 1970, p. 295)

Numa sociedade patriarcal, a gravidez, assim como a maternidade estão ligadas estritamente ao casamento e Beauvoir argumenta que, historicamente, o casamento foi estruturado de forma a favorecer a posição dominante dos homens na relação. Ela observa que as expectativas sociais colocam a responsabilidade pela satisfação e felicidade do casal nas mãos das mulheres, enquanto os homens são socializados para exercer o poder e a autoridade na dinâmica conjugal.

Essas normas tradicionais do casamento podem limitar a independência das mulheres, restringindo suas oportunidades de desenvolvimento pessoal, educação, carreira e liberdade individual. Beauvoir destaca que muitas vezes as mulheres são incentivadas a colocar as necessidades dos homens e da família acima das suas próprias, sendo esperado que renunciem a suas aspirações e desejos pessoais em prol da estabilidade e harmonia do casamento.

A autora critica a instituição do casamento como uma forma de propriedade das mulheres pelos homens. Ela argumenta que essa noção de posse, expressa em práticas como o sobrenome do marido prevalecendo sobre o da esposa, reforça a desigualdade de poder e restringe a autonomia das mulheres em suas relações conjugais.

Beauvoir defende a necessidade de repensar as normas do casamento, a fim de construir relacionamentos mais igualitários e baseados no respeito mútuo. Ela enfatiza a importância de uma parceria em que homens e mulheres compartilhem responsabilidades, poder e tomada de decisões. Para Beauvoir, o casamento deve ser uma escolha livre e consensual, onde as mulheres não sejam limitadas em suas aspirações e possam buscar sua própria realização pessoal.

Ao criticar as normas tradicionais do casamento, Beauvoir contribui para uma reflexão sobre as relações de poder entre os gêneros e a importância de questionar e transformar as estruturas opressivas que podem existir dentro dessa instituição. Sua análise provoca uma discussão sobre a necessidade de relações conjugais baseadas no respeito mútuo, na igualdade de oportunidades e na liberdade individual.

Se a mulher na visão patriarcal está destinada ao casamento e ao cuidado dos filhos, com certeza a sua sexualidade será um tabu e Simone de Beauvoir dedica

atenção à sexualidade feminina, explorando como as noções de sexualidade são construídas socialmente e como isso afeta as mulheres. Ela critica as normas e expectativas que frequentemente objetificam as mulheres, desvalorizam suas experiências sexuais e impõem pressões sobre sua sexualidade.

Beauvoir argumenta que as mulheres muitas vezes são reduzidas a objetos de desejo e são ensinadas a se encaixarem em padrões estreitos de comportamento sexual. Ela destaca como as mulheres são frequentemente definidas em relação aos homens e como sua sexualidade é muitas vezes subordinada à satisfação masculina.

A autora enfatiza a importância de uma sexualidade autônoma e consentida para as mulheres. Ela defende o direito das mulheres de explorarem e expressarem sua sexualidade de acordo com seus próprios desejos e preferências, em vez de serem limitadas pelas expectativas sociais. Beauvoir critica a ideia de que a sexualidade feminina deve ser moldada para agradar aos homens, argumentando que as mulheres têm o direito de buscar sua própria satisfação sexual e de ter voz ativa em suas experiências íntimas.

Beauvoir ressalta a importância de uma sexualidade livre de estigmas e julgamentos. Ela critica a tendência de rotular as mulheres com base em sua expressão sexual e de restringir sua liberdade e autonomia por meio de concepções negativas e discriminatórias. Beauvoir enfatiza a necessidade de uma sociedade que valorize a diversidade e respeite a sexualidade das mulheres, livre de moralismos e preconceitos.

Ao explorar a sexualidade feminina, Beauvoir desafia as normas restritivas e opressivas que são impostas às mulheres em relação à sua sexualidade. Sua abordagem promove a importância do consentimento, do respeito mútuo e do empoderamento sexual das mulheres, destacando a necessidade de uma sociedade que promova uma sexualidade saudável, livre e igualitária para todos os indivíduos, independentemente do seu gênero.

Beauvoir desafia as normas de gênero e a ideia de que as mulheres são predestinadas a uma existência subordinada. Ela defende a importância da autonomia e da liberdade individual para as mulheres, enfatizando a necessidade de rejeitar os estereótipos de gênero e lutar por uma sociedade mais igualitária.

Podemos dizer, em conclusão, que "O Segundo Sexo" foi uma obra pioneira que influenciou profundamente o movimento feminista e os estudos de gênero. Através de sua análise crítica e incisiva, Beauvoir questionou as bases sociais e

culturais da desigualdade de gênero, destacando a importância de lutar por uma sociedade em que todas as pessoas tenham igualdade de oportunidades e direitos, independentemente do seu gênero.

Assim, Beauvoir contribuiu de forma significativa para a compreensão crítica do gênero como uma construção social e cultural, destacando a importância de desafiar as normas e lutar por uma sociedade mais igualitária e inclusiva.

### **4.3 Entrelaçando experiências: Bell Hooks e o conceito de Interseccionalidade**

Bell Hooks, cujo nome verdadeiro é Gloria Jean Watkins, é uma renomada autora feminista e ativista conhecida por sua abordagem interseccional na análise das opressões de gênero, raça e classe social. Seu trabalho desafia as opressões interconectadas e busca compreender as complexidades e interseções das várias formas de desigualdade.

Uma das contribuições mais significativas de Hooks é o conceito de interseccionalidade, que ela desenvolveu a partir das obras de outras teóricas feministas, como Kimberlé Crenshaw.

Crenshaw cunhou o termo "interseccionalidade" em seu trabalho acadêmico, buscando abordar as interconexões entre as opressões e desigualdades baseadas em gênero, raça e outras categorias sociais. Em seu artigo seminal de 1989, intitulado "Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics" (Descentralizando a Interseção de Raça e Sexo: Uma Crítica Feminista Negra da Doutrina Antidiscriminatória, Teoria Feminista e Políticas Antirracistas), Crenshaw introduziu o conceito de interseccionalidade como uma forma de analisar e compreender a experiência de mulheres negras que enfrentam discriminações simultâneas e interligadas.

Ela argumenta que as formas tradicionais de análise social e política tendem a tratar o gênero e a raça como categorias separadas, negligenciando a experiência das mulheres negras e outras mulheres de cor que enfrentam opressões interseccionais. Crenshaw enfatiza a importância de entender como essas opressões se sobrepõem e se entrelaçam, criando experiências únicas de discriminação e marginalização.

A interseccionalidade reconhece que as opressões não podem ser

compreendidas isoladamente, mas devem ser analisadas em conjunto, considerando as interações entre diferentes categorias sociais, como gênero, raça, classe social, sexualidade, entre outras.

Hooks argumenta que as opressões de gênero, raça e classe social estão intrinsecamente ligadas e que é essencial examiná-las de forma interseccional para entender como as experiências de opressão e privilégio se manifestam de maneira complexa e interligada na vida das pessoas.

Em sua análise, Hooks destaca como as mulheres negras e outras mulheres de cor enfrentam opressões específicas que são resultado da interseção do sexismo, racismo e outras formas de discriminação. Ela enfatiza que o feminismo precisa ser inclusivo e abordar as múltiplas formas de opressão, a fim de lutar por uma igualdade genuína.

Hooks também critica as noções *main stream* de feminismo que tendem a privilegiar as experiências das mulheres brancas e de classes privilegiadas, negligenciando as experiências das mulheres marginalizadas. Ela defende a importância de uma abordagem feminista interseccional que inclua as vozes e experiências de todas as mulheres, buscando a justiça social de forma abrangente.

Além disso, Hooks aborda questões relacionadas à cultura popular, educação e política, explorando como essas esferas influenciam as dinâmicas de poder e perpetuam opressões. Ela incentiva uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais e uma ação transformadora para alcançar a igualdade e a justiça para todas as pessoas.

Em suma, o pensamento de Bell Hooks é marcado por uma abordagem interseccional que busca compreender as interconexões das opressões de gênero, raça e classe social, promovendo um feminismo inclusivo e uma luta por justiça social que englobe a diversidade das experiências das mulheres.

#### **4.4 Desafiando Normas Sexuais: Gayle Rubin e a Hierarquia do Sexo**

Gayle Rubin é uma antropóloga e teórica feminista conhecida por suas contribuições para a teoria queer e a análise das normas e hierarquias sociais relacionadas ao gênero e à sexualidade. Seu trabalho tem sido fundamental para compreender as formas como as sociedades estruturam e valorizam diferentes práticas sexuais e identidades de gênero.

Rubin introduziu o conceito de "sistema sexo/gênero" em seu ensaio clássico "O Tráfico de Mulheres: Notas sobre a Economia Política do Sexo" (1975), no qual analisa como as sociedades dividem as pessoas em categorias de gênero e estabelecem normas e expectativas em torno da sexualidade.

Em sua teoria, Rubin argumenta que o sistema sexo/gênero é uma estrutura social que atribui significados e papéis diferentes com base na diferenciação sexual. Essa estrutura cria hierarquias e desigualdades sociais, privilegiando algumas formas de sexualidade e gênero em detrimento de outras, criticando a noção de que apenas a sexualidade heterossexual é considerada legítima, enquanto outras formas de expressão sexual são estigmatizadas e marginalizadas.

O Estado também defende a hierarquia sexual através da regulação burocrática. A política de imigração ainda proíbe a admissão de homossexuais (ou outros "desviantes" sexuais) nos Estados Unidos. Regulações militares barram homossexuais de servirem nas forças armadas. O fato que as pessoas gays não podem se casar legalmente significa que não podem gozar os mesmos direitos legais de heterossexuais de muitas formas, incluindo a herança, tributação, proteção de testemunho em tribunal, e a aquisição de cidadania para companheiros estrangeiros. Esses são alguns de muitas formas nas quais o estado reflete e mantém as relações sociais de sexualidade. A lei dá suporte as estruturas de poder, códigos de comportamento e formas de preconceito. Na pior das hipóteses, a legislação sexual e a regulação sexual são simplesmente uma apartheid sexual. Apesar do aparato legal do sexo ser cambaleante, a maior parte do controle social é extra-legal. Menos formal, mas sacões sociais muito efetivas são impostas aos membros de populações sexuais "inferiores". (RUBIN, 1975)

Um dos conceitos centrais explorados por Rubin é o da "hierarquia do sexo", que se refere à valoração diferencial de práticas e identidades sexuais com base em normas sociais. Ela destaca como certas formas de sexualidade são privilegiadas, enquanto outras são consideradas desviantes ou perigosas.

Rubin também analisa as questões de consentimento, liberdade sexual e direitos das pessoas que são marginalizadas devido a suas práticas sexuais ou identidades de gênero. Ela defende a importância de reconhecer e respeitar a diversidade de experiências sexuais e de gênero, e lutar por uma sociedade que valorize a liberdade sexual e a autodeterminação.

Em resumo, Gayle Rubin contribuiu significativamente para a teoria queer e para a análise crítica das normas e hierarquias sociais relacionadas ao gênero e à sexualidade. Seu trabalho trouxe à tona a importância de questionar as estruturas de poder que sustentam o sistema sexo/gênero e defendeu a valorização da diversidade

e autonomia nas expressõessexuais e identidades de gênero.

#### **4.5 Vozes Feministas: Unindo Diferenças e Resplandecendo Diversidade**

Há similitudes e diferenças importantes nas teorias de Judith Butler, Simone de Beauvoir, Bell Hooks e Gayle Rubin no que diz respeito às questões de gênero.

Uma similitude significativa entre essas teóricas é o foco na crítica às normas de gênero e à opressão que as mulheres enfrentam. Todas elas argumentam que o gênero é uma construção social e cultural, em vez de uma essência biológica, e destacam como essas construções afetam a vida das mulheres. Elas também abordam as desigualdades de poder existentes nas relações de gênero e defendem a importância de buscar a igualdade ea autonomia das mulheres.

No entanto, existem algumas diferenças nas ênfases e abordagens de cada teórica. Por exemplo, Simone de Beauvoir, em "O Segundo Sexo", enfatiza a socialização das mulheres e a forma como elas são limitadas pelos papéis de gênero impostos pela sociedade. Ela analisa a maternidade, o casamento, a sexualidade e as relações entre homens e mulheres para destacar como esses aspectos restringem a liberdade das mulheres.

Por sua vez, Judith Butler introduz o conceito de performatividade de gênero, argumentando que o gênero é uma performance repetida, construída por normas sociais. Ela enfatiza que o gênero não é uma característica fixa, mas algo que é continuamente construído e desconstruído através de atos performáticos. Butler questiona a ideia de que existem apenas duas categorias de gênero fixas (masculino e feminino), e destaca a importância de desafiar essas normas para alcançar uma maior liberdade de expressão de gênero.

Bell Hooks, por sua vez, traz uma perspectiva interseccional para a análise das opressões de gênero, raça e classe social. Ela destaca como essas opressões estão entrelaçadas e como as mulheres marginalizadas enfrentam experiências únicas de discriminação. hooks também enfatiza a importância de um feminismo inclusivo, que valorize as experiências das mulheres negras e outras mulheres de cor.

Por fim, Gayle Rubin contribui com a teoria queer e o conceito de "sistema sexo/gênero". Ela analisa como as sociedades estruturam e valorizam diferentes práticas sexuais e identidades de gênero, e destaca as hierarquias presentes nesses sistemas. Rubin também examina as questões de consentimento, liberdade sexual e

direitos das pessoas marginalizadas devido às suas práticas sexuais ou identidades de gênero.

Embora haja semelhanças entre essas teóricas em relação à crítica das normas de gênero e à busca pela igualdade, cada uma delas traz contribuições únicas e perspectivas diferentes para a compreensão das questões de gênero. Suas teorias se complementam, ampliando nossa compreensão e proporcionando bases sólidas para a luta por uma sociedade mais justa e inclusiva em relação ao gênero.

#### **4.6 Além do Patriarcado: Desvendando a face da misoginia e desafiando a supremacia masculina**

O surgimento dos estudos de gênero e do feminismo a eles diretamente relacionados, é uma resposta à existência do machismo na sociedade. O feminismo surge como uma reação crítica às desigualdades, opressões e discriminações enfrentadas pelas mulheres ao longo da história e ainda presentes na sociedade contemporânea.

De fato, segundo Drumont (1980):

O machismo pode ser genericamente considerado como um ideal a ser atingido por todos os homens e acatado e ou invejado pelas mulheres. O machismo constitui, portanto, um sistema de representações-dominação que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos

Praticamente, o machismo é um sistema de crenças, normas e valores que perpetua a dominação masculina sobre as mulheres. Ele se manifesta em diversas formas, desde a violência de gênero até a discriminação no acesso a oportunidades educacionais, econômicas e políticas. O machismo reforça estereótipos de gênero, limita a liberdade e autonomia das mulheres e contribui para a desigualdade de poder entre homens e mulheres que, para responder a essa opressão, se reúnem em grupos que serão a base do feminismo.

Como visto no capítulo anterior, o feminismo surge como um movimento de resistência e luta contra essas formas de opressão. Ele busca desafiar as estruturas patriarcais e as normas de gênero prejudiciais, promovendo a igualdade de direitos, oportunidades e liberdades para todas as pessoas, independentemente de seu

gênero. O feminismo questiona as desigualdades e injustiças de gênero, levanta questões sobre o poder e busca a transformação social em prol da igualdade.

Portanto, o feminismo não existiria sem a presença do machismo na sociedade. É uma resposta consciente e ativa às formas de opressão e discriminação de gênero. O objetivo do feminismo é combater o machismo, desconstruir as normas prejudiciais de gênero e construir uma sociedade mais justa e igualitária para todas as pessoas.

A origem do machismo está relacionada a fatores históricos, culturais e estruturais. É importante notar que o machismo é um sistema de crenças e comportamentos que varia em diferentes sociedades e períodos de tempo, mas em geral está enraizado nas estruturas patriarcais presentes em muitas culturas.

Historicamente, o machismo pode ser traçado até a organização social patriarcal, na qual os homens têm exercido um poder dominante sobre as mulheres. Essa estrutura hierárquica de gênero tem sido perpetuada ao longo do tempo, muitas vezes com base em interpretações religiosas, práticas culturais e normas sociais.

De acordo com Cisne e Santos(2018):

O patriarcado, embora atinja de forma estrutural a sociedade, dirige suas implicações centralmente às mulheres; há contudo, outros sujeitos que ao transgredirem o “modelo” patriarcal do “macho” também sofrem sua opressão. Todos eles, porém, são associados pejorativamente ao sexo feminino. Assim, ainda que atinja outros sujeitos, a lógica que estrutura o patriarcado é de privilégio e dominação masculinos relacionados à subalternização e inferiorização das mulheres e do que é associado ou considerado e identificado como feminino [...] (CISNE; SANTOS, 2018, p. 43)

Em muitas sociedades, os homens eram tradicionalmente considerados superiores e detentores do poder político, econômico e social, enquanto as mulheres eram relegadas a papéis subordinados, frequentemente limitadas às esferas domésticas e reprodutivas. Infelizmente, o machismo pode ser reforçado por normas de gênero estereotipadas que atribuem características e papéis específicos a homens e mulheres, restringindo suas liberdades e oportunidades com base em estereótipos e expectativas sociais. A socialização de gênero, na qual as crianças são ensinadas a adotar comportamentos considerados apropriados para o seu gênero, também desempenha um papel importante na perpetuação do machismo. É

fundamental destacar que o machismo não é inerente aos homens ou à natureza masculina, mas sim um sistema social e cultural construído que pode ser desafiado e transformado(DRUMONT,1980).

A palavra "machismo" tem origem no termo espanhol "macho", que significa "macho" ou "homem". O sufixo "-ismo" é utilizado para formar substantivos que indicam uma ideologia, sistema de crenças ou comportamentos característicos. Portanto, o termo "machismo" refere-se à ideologia, atitudes e comportamentos que valorizam a supremacia masculina sobre as mulheres e reforçam a desigualdade de gênero.

A base da sociedade patriarcal no mundo ocidental está fundamentada na construção histórica, cultural e estrutural que atribui poder e privilégios aos homens em detrimento das mulheres. O patriarcado é um sistema de organização social no qual os homens detêm o poder e exercem controle sobre as mulheres. No contexto ocidental, a base da sociedade patriarcal pode ser rastreada até a antiguidade e se desenvolveu ao longo do tempo, influenciada por fatores como a tradição religiosa, filosofias sociais, estruturas políticas e econômicas.

O machismo, ao estabelecer uma estrutura de desigualdade entre homens e mulheres, cria um ambiente propício para o surgimento da misoginia. Quando as mulheres são consideradas inferiores e tratadas de forma desrespeitosa e violenta, isso reflete a internalização e a expressão do ódio e da desvalorização que estão enraizados no machismo.

No entanto, é importante ressaltar que nem todas as pessoas que têm atitudes machistas se tornam misóginas. Há também indivíduos que podem ter comportamentos machistas sem expressar ódio direto contra as mulheres. No entanto, o machismo como sistema e a misoginia estão intrinsecamente ligados, e um pode alimentar o outro em um ciclo de opressão e discriminação.

O combate ao machismo e à misoginia é fundamental para promover a igualdade de gênero e criar uma sociedade mais justa e inclusiva. Isso envolve desafiar as normas de gênero prejudiciais, promover o respeito mútuo e a valorização das mulheres, e trabalhar para a construção de relações de igualdade e empoderamento para todos, independentemente do gênero.

A palavra "misoginia" tem origem no grego antigo. Ela é formada pela junção dos termos "misein", que significa "odiar", e "gynē", que significa "mulher". Portanto, misoginia se refere ao ódio, desprezo ou aversão em relação às mulheres. No

entanto, é importante ressaltar que a misoginia não está restrita apenas a uma época ou cultura específica. ". Segundo o sociólogo Johnson (2010) é um ato que deriva do ambiente cultural em que o ser está inserido e contempla atos de ódio às mulheres, apenas pelo fato de serem femininas. Segundo o sociólogo, a misoginia é base da opressão das mulheres em uma sociedade patriarcal, que pode ser manifestada de variadas formas e foi usado pela primeira vez no Oxford English Dictionary em 1656, definido como ódio e desprezo pelas mulheres

Evidentemente ao problematizar o conceito de misoginia, entramos no âmbito dos estudos de identidade e de gênero. O conceito de identidade é visto sob um duplo aspecto, coletivo e individual, pois o indivíduo é absorvido dentro de um universo coletivo, embora possamos afirmar que não sempre estas duas fronteiras não são sempre evidentes, porém que nos assente entender melhor o conceito de gênero (SEGDWICK, 2007), permitindo a partir da repetição estilizadas de atos, constituir o significado das identidades tanto masculinas como femininas. Ao discutir misoginia na literatura e, portanto, na sociedade, como sujeito masculino, acreditamos que seja necessário justificar essa intenção, analisando o conceito de lugar de fala.

Segundo Djamila Ribeiro (2018) o lugar de fala parte de uma perspectiva de que as visões do mundo são desigualmente posicionadas, não diz respeito a negar experiências individuais, mas sim que se faz necessário entender que "romper com a lógica de que somente subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem" (DJAMILA RIBEIRO, 2018, p. 84). Isto é, todas as pessoas possuem um lugar de fala, uma vez que todos são sujeitos políticos e no caso específico da misoginia.

Segundo Simone de Beauvoir (2010), o homem pode falar sobre a mulher sempre que a veja como sujeito e, evidentemente, ao detectarmos elementos misóginos dentro da obra em análise podemos supor que, quem escreve, está percebendo a mulher como sujeito social.

Essa palavra foi cunhada para descrever um sentimento de hostilidade e aversão direcionado especificamente às mulheres. Ela é utilizada para descrever atitudes, comportamentos e crenças que denotam um profundo desrespeito, desvalorização e discriminação das mulheres. A misoginia não possui uma origem específica, pois as atitudes de ódio, desprezo e aversão em relação às mulheres têm sido presentes em várias culturas ao longo da história. Essas atitudes podem ser

encontradas em mitos, textos religiosos, obras literárias e filosóficas antigas.

Um exemplo notável é a mitologia grega, que apresenta narrativas que retratam mulheres como seres inferiores, manipuladoras ou causadoras de problemas. Além disso, em algumas obras filosóficas da Grécia Antiga, como os escritos de filósofos como Aristóteles, é possível encontrar opiniões que desvalorizam o papel e a natureza das mulheres.

Aristóteles tinha visões desfavoráveis sobre as mulheres e sua posição na sociedade. Ele acreditava que as mulheres eram inferiores aos homens tanto biologicamente quanto intelectualmente. Em sua obra "A Política", Aristóteles afirma que as mulheres são "imperfeições" da natureza e que são naturalmente destinadas a serem submissas aos homens.

Mais acima, dividimos o governo doméstico em três poderes: o do senhor, de que acaba de se tratar, o do pai e o do marido. O pai de família governa sua mulher e seus filhos como a seres livres, mas cada um de um modo diferente: sua mulher como cidadã, seus filhos como súditos. Na ordem natural, a menos que, como em certos lugares, isto tenha sido derogado por alguma consideração particular, o macho está acima da fêmea e o mais velho, quando atinge o termo de seu crescimento, está acima do mais jovem, que ainda não alcançou sua plenitude. Na ordem política, tal como ela existe na maior parte dos povos, obedece-se e comanda-se alternadamente. Todos os homens livres são considerados iguais por natureza e todas as diferenças se eclipsam; tanto que se torna preciso distinguir os que comandam dos seus inferiores por marcas exteriores, os hábitos e as dignidades, como disse Amasis, falando de sua bacia transformada em deus". Quanto ao sexo, a diferença é indelével: qualquer que seja a idade da mulher, o homem deve conservar sua superioridade. (ARISTÓTELES, sd, p.89)

Segundo Aristóteles, as mulheres não possuíam a mesma capacidade de raciocínio que os homens e eram vistas como seres emocionais e irracionais. Ele argumentava que a função principal das mulheres era procriar e cuidar do lar, enquanto os homens deveriam ser os responsáveis pela esfera pública e pelo governo da cidade.

Essas visões de Aristóteles influenciaram o pensamento ocidental por muitos séculos e foram usadas para justificar a subordinação das mulheres na sociedade. No entanto, é importante ressaltar que as ideias de Aristóteles não são consensuais nem atualmente nem ao longo da história. Muitos filósofos, teólogos e pensadores têm questionado e criticado suas visões, defendendo a igualdade de gênero e o respeito pela dignidade e pelos direitos das mulheres. As visões de Aristóteles sobre as mulheres são amplamente consideradas problemáticas e refletem um viés

patriarcal e sexista. Suas ideias baseavam-se em uma concepção hierárquica da natureza, na qual ele via as mulheres como seres inferiores destinados a papéis específicos na sociedade.

No entanto, é importante destacar que as visões de Aristóteles não são consensuais nem mesmo na antiguidade. Outros filósofos gregos, como Platão, tiveram visões mais favoráveis às mulheres e reconheceram sua capacidade intelectual. Além disso, ao longo da história, muitos pensadores, filósofos e teólogos questionaram e criticaram as visões de Aristóteles, defendendo a igualdade de gênero e promovendo a valorização das mulheres como seres humanos plenos de dignidade e direitos.

Ao estudar a filosofia de Platão no contexto da misoginia, é crucial compreender suas perspectivas dentro do panorama cultural e social da Grécia Antiga, uma sociedade caracteristicamente patriarcal. Platão, cujas obras formaram a base da filosofia ocidental, oferece uma visão complexa sobre as mulheres que, por vezes, reflete as atitudes de sua época. Em particular, suas obras sugerem que nascer mulher era visto como algo negativo ou inferior.

Platão, em alguns de seus diálogos, aborda a questão da reencarnação e as formas de vida. Em obras como "A República", ele discute a ideia de que as almas são reencarnadas em diferentes corpos, e em alguns contextos, sugere que nascer mulher poderia ser uma consequência de uma vida menos virtuosa anteriormente. Esta concepção pode ser interpretada como um reflexo da visão predominante em sua sociedade, onde ser mulher era associado a um estado de menor valor ou honra.

Porém, é importante notar que Platão também apresenta visões mais progressistas sobre as mulheres em outros aspectos. Por exemplo, em "A República", ele propõe que as mulheres devem ter os mesmos deveres que os homens na classe guardiã, incluindo a participação na guerra e na filosofia. Esta ideia era radical para a época e sugere uma visão de igualdade de gênero em termos de capacidade e potencial.

A tensão nas obras de Platão entre a visão tradicionalmente negativa sobre o nascimento feminino e suas ideias mais igualitárias reflete as complexidades de seu pensamento e o contexto contraditório em que ele estava inserido. Ao estudar a misoginia em Platão, é essencial ponderar essas nuances, reconhecendo tanto as limitações de sua perspectiva, moldada pelas normas de sua sociedade, quanto seus insights progressistas que desafiavam as convenções de seu tempo.

Em sua obra "A República", Platão argumentava que homens e mulheres possuíam habilidades e capacidades intelectuais semelhantes. Ele defendia que, para alcançar uma sociedade justa e ideal, as mulheres deveriam ter acesso à educação e serem treinadas nas mesmas disciplinas que os homens. Platão acreditava que algumas mulheres poderiam se destacar intelectualmente e ocupar posições de liderança na cidade ideal.

Glauco — Somos da opinião de que devem fazer tudo em comum, com a ressalva de que, para as tarefas que deles esperamos, consideremos as fêmeas mais fracas e os machos mais fortes. Sócrates — Mas é possível exigir de um animal os mesmos trabalhos exigidos de outro, se ele não tiver sido alimentado e criado da mesma forma? Glauco — E impossível, naturalmente. Sócrates — Logo, se exigimos das mulheres os mesmos serviços que dos homens, precisamos fornecer-lhes o mesmo tipo de educação (PLATÃO, 2002)

No entanto, é importante notar que, apesar de suas ideias mais progressistas em relação às mulheres, Platão também mantinha algumas concepções patriarcais. Ele argumentava que as mulheres eram mais frágeis fisicamente do que os homens e, portanto, deveriam ser protegidas. Além disso, ele também defendia a ideia de que a procriação deveria ser controlada pelo Estado para garantir a reprodução de cidadãos virtuosos. De fato, de acordo com Helmer (2021)

Tudo se passa então como se a verdade do pensamento de Platão sobre o lugar político das mulheres devesse necessariamente se encontrar de um lado ou de outro. Contra uma tal abordagem, nossa tese é dupla. De uma parte, as duas posições devem ser consideradas juntas, ao invés de separadas: as mulheres não são para Platão nem iguais aos homens, nem inferiores a eles, elas lhes são “inferiores semelhantes” ou “semelhantes inferiores” – prefere-se o termo “semelhante” do que “igual”, uma vez que a igualdade comporta uma ideia de valor ausente nas passagens em que Platão advoga, em termos puramente funcionais, a favor do papel político das mulheres. Um tal oxímoro não é sinal da incapacidade do filósofo decidir claramente a respeito das mulheres, mas o sintoma do que significa, segundo ele, traçar o espaço político e habitá-lo. Para elas, assim como para as outras categorias da cidade – os estrangeiros, os escravos e até mesmo aqueles que são aparentemente os melhores estabelecidos, os filósofos-reis –, o fato de ocuparem um lugar funcional e simbólico bem delimitado no espaço da cidade justa não impede que as fronteiras que o separam de seu outro ou de seus outros sejam

frágeis Embora a visão de Platão sobre as mulheres tenha sido mais inclusiva em comparação com outros filósofos da época, suas ideias não alcançavam uma verdadeira igualdade de gênero. No entanto, seus pensamentos foram influentes na história da filosofia e contribuíram para a ampliação do debate sobre os papéis das mulheres na sociedade.

No entanto, Platão também sustentava que as mulheres deveriam compartilhar tudo em comum com os homens, incluindo a propriedade e a família. Ele propunha um sistema de matrimônio e procriação controlado pelo Estado, onde os casais seriam selecionados por suas qualidades genéticas e criados para produzir filhos saudáveis e virtuosos para a cidade. Essa visão coloca as mulheres como instrumentos de reprodução e, de certa forma, limita sua autonomia e liberdade de escolha.

Apesar de sua visão mais inclusiva em relação às mulheres em comparação a outros filósofos de sua época, a visão de Platão ainda mantém concepções patriarcais e limitações na liberdade e autonomia das mulheres. Embora ele reconheça sua capacidade intelectual, sua abordagem ainda as coloca dentro de um sistema controlado pelo Estado e dentro das expectativas sociais de maternidade e família.

É importante ressaltar que, ao analisar as ideias patriarcais de Platão, devemos considerar o contexto histórico e a evolução do pensamento feminista ao longo do tempo. As discussões e lutas posteriores em prol da igualdade de gênero contribuíram para a ampliação das possibilidades e direitos das mulheres, superando as concepções limitadas e restritivas que existiam na antiguidade.

O patriarcado também se manifesta nas esferas política, econômica e social. Historicamente, o acesso das mulheres à educação, propriedade, trabalho remunerado, participação política e outras oportunidades tem sido limitado em comparação aos homens. Normas e estereótipos de gênero, bem como barreiras estruturais, têm perpetuado essa desigualdade que, embora desemboque em várias esferas sociais, de acordo com Cruz apud Mesquita, Souza, Honorato (2019) tem sua base na religião judaico-cristã:

Justificamos este estudo a partir de estudos que mostram que a perseguição e pressão sobre a mulher exercida pelas instituições de poder, como o estado, que garantiu ao longo da história a autoridade do homem como um direito e a Igreja, que aliada ao ideal masculino, utilizou sua influência sobre a mentalidade e comportamento dos indivíduos ao longo da história, resultou no estabelecimento ideológico do poder centrado no

homem e autoridade sobre a sociedade e a família. Assim a compreensão da mulher como inferior ao homem foi organizada ao longo dos séculos atendendo aos interesses dos homens na busca pela manutenção do poder. Esta construção favoreceu o estabelecimento de interdições sobre a mulher que podem ser percebidas ainda hoje em praticamente todas as sociedades do mundo (CRUZ, 2013)

A partir da esfera religiosa, muitas crenças ocidentais estabeleceram uma hierarquia de gênero que coloca os homens como líderes e autoridades, enquanto as mulheres são frequentemente relegadas a papéis subordinados e limitadas em sua participação nas esferas religiosas e clericais. O patriarcado exerceu uma influência significativa no catolicismo ao longo da história. O catolicismo é uma religião que possui uma estrutura hierárquica e tradicionalmente reserva os papéis de liderança e autoridade clerical exclusivamente para os homens. Essa exclusão das mulheres de posições de poder dentro da igreja é uma expressão do patriarcado.

No catolicismo, o Papa, como líder máximo da Igreja Católica, é sempre um homem. As posições mais altas de autoridade, como cardeais, bispos e padres, também são ocupadas apenas por homens. Essa estrutura de liderança masculina reforça a ideia de que os homens têm um acesso privilegiado à autoridade religiosa e ao poder espiritual.

No entanto, é importante ressaltar que existem vozes dentro do catolicismo que questionam e desafiam o patriarcado dentro da igreja. Movimentos de base, grupos de mulheres e teólogas feministas têm trabalhado para promover uma maior inclusão e participação das mulheres na vida eclesial. Esses esforços visam superar as estruturas patriarcais e promover uma visão mais igualitária e justa do papel das mulheres na igreja, porém dentro do catolicismo, há uma tradição de atribuir papéis específicos às mulheres, com ênfase na maternidade e nos papéis de cuidadoras e servidoras. Essa visão tradicional coloca a mulher como responsável pela criação dos filhos, cuidado do lar e apoio aos membros da família. Esses papéis são frequentemente considerados como a "vocação" ou a "missão" natural das mulheres.

Essa ênfase nos papéis de maternidade e cuidado, como veremos a seguir, está enraizada em interpretações teológicas e doutrinárias que destacam a importância da família e da criação dos filhos dentro do plano divino. A maternidade é vista como uma vocação sagrada e um meio de transmitir a vida e os valores religiosos para as gerações futuras.

Essa ênfase nos papéis tradicionais de gênero também está relacionada à

visão da igreja sobre a complementaridade dos sexos. A doutrina católica enfatiza a complementaridade entre homens e mulheres, atribuindo a cada um, papéis distintos, porém igualmente importantes. Enquanto os homens são vistos como líderes e provedores, as mulheres são valorizadas por sua capacidade de nutrição, cuidado e apoio emocional.

Assim, enquanto o catolicismo tradicionalmente atribui papéis específicos às mulheres, como a maternidade e os papéis de cuidadoras e servidoras, há um debate em curso sobre a necessidade de uma maior igualdade de gênero e uma visão mais inclusiva dentro da igreja.

As interpretações teológicas e doutrinárias que enfatizam a importância da família e da maternidade dentro do catolicismo podem ser encontradas em diversas fontes, incluindo documentos oficiais da Igreja Católica.

O primeiro que iremos analisar é "Humanae Vitae" é uma encíclica escrita pelo Papa Paulo VI e publicada em 1968. Ela aborda a questão da regulação da natalidade e reafirma a posição da Igreja Católica sobre o assunto.

A encíclica começa apresentando uma visão positiva do matrimônio como uma instituição sagrada e uma vocação para os cônjuges. Ela enfatiza a importância do amor conjugal, da abertura à vida e da responsabilidade dos pais na formação de uma família. Em relação à questão da regulação da natalidade, a encíclica reafirma a proibição do uso de métodos artificiais de contracepção. Ela defende que a contracepção artificial, como o uso de pílulas anticoncepcionais e preservativos, é contrária à lei divina e à ordem natural.

Pense-se ainda seriamente na arma perigosa que se viria a pôr nas mãos de autoridades públicas, pouco preocupadas com exigências morais. Quem poderia reprovar a um governo o fato de ele aplicar à solução dos problemas da coletividade aquilo que viesse a ser reconhecido como lícito aos cônjuges para a solução de um problema familiar? Quem impediria os governantes de favorecerem e até mesmo imporem às suas populações, se o julgassem necessário, o método de contracepção que eles reputassem mais eficaz? Deste modo, os homens, querendo evitar dificuldades individuais, familiares, ou sociais, que se verificam na observância da lei divina, acabariam por deixar à mercê da intervenção das autoridades públicas o setor mais pessoal e mais reservado da intimidade conjugal. Portanto, se não se quer expor ao arbítrio dos homens a missão de gerar a vida, devem-se reconhecer necessariamente limites intransponíveis no domínio do homem sobre o próprio corpo e as suas funções; limites que a nenhum homem, seja ele simples cidadão privado, ou investido de autoridade, é lícito ultrapassar. E esses mesmos limites não podem ser determinados senão pelo respeito devido à integridade do organismo humano e das suas funções naturais, segundo os princípios acima recordados e segundo a reta inteligência do "princípio de totalidade",

ilustrado pelo nosso predecessor Pio XII (PAULO VI, 2001)

A encíclica enfatiza a conexão intrínseca entre o ato sexual e a procriação, afirmando que a abertura à vida é um aspecto essencial do matrimônio. Ela argumenta que os cônjuges devem estar dispostos a aceitar os filhos como um dom de Deus e que eles devem confiar em métodos naturais de regulação da fertilidade, como a abstinência periódica ou o método do calendário, quando há razões graves para espaçar os nascimentos.

"*Humanae Vitae*" (1968) provocou uma intensa controvérsia quando foi publicada, gerando discussões e reações divergentes dentro da Igreja Católica e na sociedade em geral. Alguns católicos aceitaram e apoiaram a posição da encíclica, enquanto outros a criticaram e buscaram uma revisão das políticas da Igreja em relação à contracepção.

É importante observar que, desde então, a discussão sobre a regulação da natalidade e a contracepção continuou a evoluir e a gerar diferentes perspectivas e interpretações dentro do catolicismo. Além disso, é possível encontrar católicos que adotam uma interpretação mais flexível em relação a essas questões, reconhecendo a importância da consciência individual e da responsabilidade na tomada de decisões relacionadas à regulação da fertilidade.

As ideais presentes na *Humane vitae*, também se encontram nos escritos de Hans Urs von Balthasar, um teólogo católico suíço do século XX, conhecido por suas contribuições significativas para a teologia católica, incluindo reflexões sobre questões relacionadas à família, gênero e espiritualidade feminina.

Em relação à família, von Balthasar enfatizou a importância da família como um "sacramento do amor divino" e uma comunidade de amor entre marido, esposa e filhos. Ele destacou a natureza complementar dos papéis do homem e da mulher na família, enfatizando a importância da doação mútua e da cooperação conjugal na formação dos filhos.

No que diz respeito ao gênero, von Balthasar reconheceu a importância das diferenças entre homens e mulheres, mas também enfatizou sua igualdade essencial como seres humanos e filhos de Deus. Ele procurou integrar uma visão complementar de gênero com uma ênfase na dignidade e na vocação de cada pessoa, independentemente de seu sexo. De acordo com Martins Fernandes (2014),

Entre a mulher, criada da costela de Adão, e os animais, a quem Adão dá nome, após desfilarem diante dele, como sinal de domínio, há uma

diferença essencial: ela é sua parceira (Gegenbild, em alemão). Com isto, ele a reconhece como “ossos meus ossos e carne da minha carne” (Gn 2,23), e, desse modo, escapa eternamente de sua dominação. Como parceira, ele reconhece nela a mesma natureza humana, embora com uma diferença, fruto da sexualidade diferente da sua: Adão é masculino e Eva feminina. Todavia, homem e mulher têm em comum a mesma natureza humana, mas na diferença sexual, tornando a pessoa, desde a criação, uma unidade dual. Esta diferença sexual os faz compreender a si mesmos de modo diferente e perceber a própria existência também de modo diverso. No entanto, não significa que a unidade formada pelo homem e pela mulher possa ser multiplicada por dois, pois o homem e a mulher formam uma polaridade, onde cada polo é irreduzível ao outro, mas cada polo se refere necessariamente ao outro (MARTINS FERNANDES, 2014)

É importante notar que as ideias de von Balthasar sobre família, gênero e espiritualidade feminina estão inseridas em uma tradição teológica católica mais ampla e podem ser interpretadas e discutidas de várias maneiras. Suas reflexões foram influentes no pensamento católico e podem servir como ponto de partida para debates e diálogos sobre essas questões dentro da Igreja Católica e além. Porém no texto sagrado, fonte de conhecimento da religião católica alguns livros os versículos do mesmo apontam para uma superioridade do homem sobre a mulher, delineando traços típicos da misoginia.

Em Provérbios 31:10-31 encontra-se um poema conhecido como "Poema da Mulher Virtuosa" ou "Poema da Mulher de Valor". Ele descreve as características e habilidades de uma mulher exemplar, destacando suas qualidades e contribuições em diferentes áreas da vida.

Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de finas joias. O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho. Ela lhe faz bem e não mal, todos os dias da sua vida. Busca lã e linho e de bom grado trabalha com as mãos. É como o navio mercante: de longe traz o seu pão. É ainda noite, e já se levanta, e dá mantimento à sua casa e a tarefa às suas servas. Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com as rendas do seu trabalho. Cinge os lombos de força e fortalece os braços. Ela percebe que o seu ganho é bom; a sua lâmpada não se apaga de noite. Estende as mãos ao fuso, mãos que pegam na roca. Abre a mão ao aflito; e ainda a estende ao necessitado. No tocante à sua casa, não teme a neve, pois todos andam vestidos de lã escarlate. Faz para si cobertas, veste-se de linho fino e de púrpura. Seu marido é estimado entre os juizes, quando se assenta com os anciãos da terra. Ela faz roupas de linho fino, e vende-as, e dá cintas aos mercadores. A força e a dignidade são os seus vestidos, e, quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações. Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua. Atende ao bom andamento da sua casa e não come o pão da preguiça. Levantam-se seus filhos e lhe chamam ditosa; seu marido a louva, dizendo: Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas. Enganosa é a graça, e vã, a formosura, mas a mulher que teme ao SENHOR, essa será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos, e de público a louvarão as suas obras. (BÍBLIA, 2002)

O poema começa com uma pergunta retórica: "Mulher virtuosa, quem a achará?" (Provérbios 31:10a). Essa pergunta sugere a raridade e o valor dessa mulher virtuosa que será descrita ao longo do poema, mostrando como a mulher pode ser boa, confiável, porém essas características são raras nas mulheres, identificando assim um ser quase totalmente negativo.

O texto descreve que "O seu valor muito excede o de finas joias" (Provérbios 31:10b), o que indica seu valor inestimável. Ela é vista como uma esposa fiel e confiável, trazendo confiança e honra ao seu marido, evidenciando como a mesma está submissa ao homem. Ela é elogiada por suas habilidades em administrar sua casa, cuidar de sua família e ser uma pessoa generosa e compassiva com os necessitados. A mulher virtuosa é retratada como trabalhadora e diligente. Ela busca o melhor para sua família e está disposta a trabalhar arduamente para alcançar isso. Ela é retratada como uma mulher sábia, que toma decisões com sabedoria e orienta sua família de forma prudente.

Esse poema é frequentemente usado como uma referência idealizada para o papel das mulheres na sociedade. Ele destaca a importância do trabalho, cuidado e generosidade das mulheres. No entanto, é importante lembrar que essa descrição é uma idealização e não deve ser usada para impor padrões irreais ou criar expectativas excessivas para as mulheres.

É válido reconhecer que as mulheres são diversas e têm habilidades, dons e contribuições únicas para oferecer à sociedade. Nem todas as mulheres terão as mesmas habilidades descritas no poema, e isso não diminui sua importância e valor, mas não se queira encontrar neste poema em elogio à mulher em geral porque, como citado anteriormente, a raridade, neste caso, não possui uma conotação positiva, mas sim é elemento de desprezo contra a grande maioria das mulheres.

Também em Gênesis 2:18 encontramos um versículo que faz parte do relato da criação no livro de Gênesis. Neste versículo, "Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea" (2002) Deus declara que não é bom para o homem (Adão) estar sozinho e que Ele fará uma ajudante adequada para ele. Essa passagem tem sido interpretada de várias maneiras ao longo da história e é importante considerar diferentes perspectivas teológicas.

De acordo com Crisp (2002):

Após mostrar a Adão a necessidade de uma companheira, Deus se encarregou de supri-la. Colocando Adão em um profundo sono, Deus tomou uma de suas costelas e fez a mulher. Este método que Deus utilizou, levou um pregador a se referir à mulher como o 'pó duplicadamente refinado e duplamente removido da terra'. Sem dúvida a mulher foi feita do homem e não diretamente do pó, para enfatizar a unidade dos dois e a propriedade do homem". (CRISP, 2002)

Uma interpretação comum é que Deus criou a mulher (Eva) como uma parceira e companheira adequada para o homem. A palavra traduzida como "companheira" no texto original em hebraico é "ezer kenegdo", que é usada para descrever alguém que é uma ajuda, companheira ou parceira adequada. Essa interpretação enfatiza a complementaridade entre homem e mulher, sugerindo que eles são destinados a trabalhar juntos em parceria e colaboração. A mulher é vista como uma ajudante que supre as necessidades emocionais, intelectuais e espirituais do homem, e o homem, por sua vez, cumpre seu papel como líder e provedor.

Já em Efésios 5:22-24, se diz que:

“As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido.

Este versículo faz parte das instruções de Paulo aos cristãos sobre a vida em comunidade e os relacionamentos dentro do contexto familiar. Esses versículos são frequentemente citados em discussões sobre papéis de gênero e podem ser interpretados de diferentes maneiras.

No trecho citado, Paulo exorta as mulheres a se sujeitarem a seus maridos, comparando essa sujeição à relação entre Cristo e a igreja. Ele usa a metáfora do marido como "cabeça" da mulher, assim como Cristo é a "cabeça" da igreja.

Essa passagem tem sido interpretada de várias formas. Alguns argumentam que ela estabelece uma hierarquia na qual os maridos têm autoridade sobre as esposas. Essa interpretação enfatiza a submissão feminina e pode ser usada para justificar uma visão de liderança masculina na família.

De fato se, por um lado, João Paulo II (2002), tentando explicar a metáfora cabeça/corpo, tornados os elementos um todo um, afirma que:

As mulheres sejam submissas aos seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja, Seu Corpo, do qual Ele é o Salvador. E, como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres se devem submeter em tudo aos seus maridos. Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e por ela se entregou a si mesmo...(25/ 5, 22-25). Esta analogia suplementar "cabeça-corpo" faz que, no âmbito da passagem inteira da Epístola aos Efésios 5, 22-33, temos de tratar de dois assuntos distintos, os quais em virtude duma particular *relação recíproca, se torna em certo sentido um só sujeito*: a cabeça constitui, justamente com o corpo, um sujeito (no sentido físico e metafísico), um organismo, uma pessoa humana, um ser.

Por outro lado, Mauro Biglino (2013), afirma que essa comparação entre o marido e Cristo como "cabeça" e a mulher e a Igreja como "corpo" é profundamente problemática, pois perpetua uma visão misógina que reduz a mulher a uma mera extensão do homem. Isso desvaloriza sua individualidade e autonomia, negando-lhe a igualdade e dignidade que todas as mulheres merecem, pois ao equiparar o papel do homem ao de Cristo, colocando-o em uma posição de autoridade sobre a mulher, essa interpretação reforça dinâmicas patriarcais antiquadas, desfavorecendo a busca por uma sociedade mais igualitária. A mulher não deve ser vista como uma figura secundária, subordinada ao homem, mas sim como um ser autônomo, capaz de exercer suas escolhas e ter voz ativa na sociedade.

É essencial questionar essa perspectiva ultrapassada que subjuga a mulher, pois todas as pessoas merecem respeito, igualdade e liberdade para viverem suas vidas com plenitude e dignidade. É hora de dismantelar essas ideias misóginas e avançar em direção a uma compreensão mais inclusiva e igualitária das relações de gênero, onde homens e mulheres possam caminhar juntos, lado a lado, em busca de um mundo mais justo e respeitoso.

Portanto, ao interpretar esses versículos, é importante considerar uma abordagem equilibrada, levando em conta o conjunto da Escritura e princípios mais amplos do amor, igualdade e dignidade de todas as pessoas. A interpretação desses versículos pode variar entre diferentes tradições teológicas e é importante respeitar e dialogar com diferentes perspectivas dentro do contexto da fé cristã.

No decorrer deste capítulo, examinamos a presença e influência da misoginia e do patriarcalismo tanto na Bíblia como em outras esferas sociais. Foi evidente como essas ideologias profundamente enraizadas moldaram as relações de gênero ao longo da história e, em muitos casos, continuam a perpetuar desigualdades e injustiças de gênero nos dias atuais.

Ao analisarmos as escrituras bíblicas, encontramos passagens que parecem endossar a subjugação das mulheres, relegando-as a papéis secundários e subordinados aos homens. Essas interpretações têm sido usadas como justificativa para práticas discriminatórias em várias sociedades, o que resultou na marginalização e silenciamento das mulheres em muitos aspectos da vida pública e privada e, ao considerar as outras esferas sociais, percebemos que a misoginia e o patriarcalismo não se limitam apenas à religião, mas também estão presentes em instituições políticas, econômicas e culturais. A desigualdade salarial, a sub-representação das mulheres em cargos de liderança e o aumento da violência de gênero são apenas alguns exemplos preocupantes.

Os estudos de gênero têm sido uma ferramenta importante na desconstrução desses padrões discriminatórios e no avanço em direção a uma sociedade mais justa e igualitária. Ao questionar as normas tradicionais e analisar criticamente as estruturas sociais, os estudos de gênero possibilitam a identificação e o enfrentamento das práticas que perpetuam a desigualdade de gênero.

## **5 KRAUSISMO: TEORIA E INFLUENCIA SOBRE O PENSAMENTO DE UNAMUNO E A IMPORTÂNCIA DA MULHER**

Na primeira parte desta tese, iniciamos uma jornada intelectual imersiva, explorando as interseções entre filosofia e literatura, particularmente no contexto da influente Geração de 98 da Espanha. Nosso foco recaiu sobre a obra "Niebla" de Miguel de Unamuno, uma peça literária que não apenas reflete as complexidades de sua época mas também ressoa profundamente com questões atemporais de gênero e existencialismo.

À medida que avançamos para a segunda parte desta investigação acadêmica, nosso olhar se aprofunda na influência do krausismo sobre Unamuno, um movimento intelectual significativo que moldou seu pensamento e escrita. Exploraremos a distinção entre as formas literárias da novela e da novella, um conceito inovador em literatura que Unamuno adotou para expressar suas ideias filosóficas de maneira única e provocativa.

Um elemento central deste capítulo será um resumo de "Niebla", acompanhado de uma análise crítica. Esta análise não se limitará a uma exploração superficial da narrativa; em vez disso, mergulharemos nas camadas de significado, simbolismo e filosofia que permeiam a obra. Crucialmente, esta parte da tese se dedicará a desvendar e discutir os elementos misóginos em "Niebla". Buscaremos entender como esses aspectos refletem a mentalidade e as crenças de uma época marcada por desigualdades e opressões, e como Unamuno as aborda, seja de maneira crítica ou como um produto de seu tempo.

Ao fazer isso, não apenas honramos o legado de Unamuno, mas também contribuimos para uma compreensão mais profunda das dinâmicas de gênero e dos desafios sociais que continuam relevantes em nossa sociedade contemporânea. Esta investigação, portanto, não é apenas um exercício acadêmico, mas também um esforço para promover um diálogo crítico e conscientização sobre questões que transcendem o âmbito literário, ecoando no tecido de nossa realidade social.

Com essa abordagem interdisciplinar, a segunda parte desta tese almeja ser um contributo significativo não apenas para o campo dos estudos literários e de gênero, mas também para a nossa compreensão coletiva do poder transformador da literatura e do pensamento crítico na sociedade.

Para poder entender as críticas movidas à sociedade da época por Unamuno,

em relação ao papel da mulher, é essencial compreender a influência do Krausismo na obra do escritor espanhol, especialmente em relação à sua visão da mulher. O Krausismo, com suas raízes na filosofia de Karl Christian Friedrich Krause e sua posterior adaptação na Espanha, ofereceu um novo paradigma para pensar sobre a educação, a ética, e as relações sociais, incluindo a posição da mulher na sociedade.

O Krausismo enfatizava a importância da educação integral, que abrangia tanto o desenvolvimento intelectual quanto moral. Esta visão contrastava com as concepções educacionais predominantes da época, que frequentemente marginalizavam as mulheres. Ao defender uma abordagem mais holística e inclusiva, o Krausismo abriu caminho para a reconsideração do papel da mulher na sociedade. Esta filosofia via a educação como uma ferramenta essencial para a emancipação feminina, e por extensão, para o progresso e harmonia da sociedade.

Miguel de Unamuno, uma figura central da Geração de 98 na Espanha, foi profundamente influenciado pelo Krausismo. Seu pensamento sobre a condição humana, a luta entre razão e fé, e a busca pelo significado transcendental reflete essa influência. No entanto, é na sua abordagem à questão da mulher que o impacto do Krausismo se torna particularmente evidente.

Em sua obra, Unamuno frequentemente explora a complexidade das personagens femininas, atribuindo-lhes profundidade e agência. Essa representação pode ser vista como um reflexo do ideal krausista de igualdade e dignidade humana. Ao invés de retratar as mulheres como meras figuras secundárias ou símbolos de virtude doméstica, Unamuno as apresenta como indivíduos complexos e fundamentais para a narrativa e para a compreensão mais ampla da condição humana.

Além disso, Unamuno, influenciado pelo Krausismo, frequentemente questiona e desafia as normas sociais e de gênero de sua época. Sua obra sugere uma busca por uma compreensão mais profunda do papel da mulher na sociedade, que vai além dos estereótipos e restrições impostas pelo contexto social e cultural da Espanha do início do século XX.

Portanto, para entender plenamente a visão da mulher em Unamuno, é crucial reconhecer e analisar a influência do Krausismo em seu pensamento. Esta abordagem oferece insights valiosos sobre como Unamuno aborda questões de gênero, emancipação feminina e a luta pela igualdade, refletindo assim as nuances

deseu pensamento filosófico e sua visão de mundo.

O krausismo espanhol, um movimento cultural e filosófico que emergiu na Espanha do século XIX, baseou-se nas ideias do filósofo alemão Karl Christian Friedrich Krause. Este movimento ainda necessita de uma revisão profunda para queo julgamento sobre ele seja justo e equilibrado.

Desde que don Julián Sanz del Río (1814-1869) introdujo en España a mediados del siglo XIX la filosofía krausista, no se ha dejado de denunciar su mal gusto y desacierto. La preferencia que mostró por el oscuro epígono del idealismo alemán Karl Chr. Krause (1781-1832), elevándolo con su elección por encima incluso del brillante y grandioso Hegel (1770-1831), ha tenido por efecto desencadenar contra el pensador de Illescas críticas durísimas, cuando no mofas y chuecas, rayando a veces algunos juicios en la injuria y ofensa personales. (HEREDIA, 1975)

Este movimento surgiu em um contexto histórico marcado por mudanças significativas na Europa e na Espanha dos séculos XVIII e XIX, uma era dominada pelo pensamento iluminista e transformações sociais e econômicas resultantes da revolução industrial.

No entanto, a Espanha, em grande parte, ficou à margem desse processo, sofrendo um isolamento que a privou das influências do Iluminismo. Ortega y Gasset (1946) descreveu esta situação como uma trágica ausência do século XVIII na história espanhola, uma lacuna que impactou negativamente a cultura do país. Os krausistas espanhóis, tentando compensar esse atraso, montaram-se "no último vagão do trem que a Espanha já havia perdido"(BUEZAS, 1978), buscando mitigar as consequências desse atraso cultural. Eles eram vistos como figuras influentes na história, moldando esendo moldados pelos eventos de sua época.

O krausismo, como sistema filosófico, era rigoroso, totalizante e fechado, com um forte componente de panenteísmo e misticismo religioso, que fascinava figuras como Sanz del Río. O ponto de partida do krausismo era o "eu" individual, que servia como fundamento para a unidade subjetiva de toda ciência, conduzindo a um entendimento panenteísta do universo, não sendo apenas um ponto de partida filosófico, mas também uma entidade vital na compreensão do universo e de seu funcionamento.

O conceito do "eu" no Krausismo é profundamente introspectivo e reflexivo. Ele não está isolado, mas intrinsecamente conectado ao mundo e aos outros. Esta noção de interconexão é fundamental para entender o panenteísmo krausista, que

vê o divino em tudo e tudo no divino. O "eu" não é uma entidade fechada, mas parte de um todo maior, constantemente em diálogo com o universo.

El krausismo camina, al igual que los sistemas de Hegel y Fichte, por una teoría monista. Dios, o el Absoluto es la esencia (Wesen), la sustancia de todo lo que es. La raíz de todo conocimiento es el conocimiento de Dios en sí mismo y su manifestación en el mundo, la razón y la Humanidad (Naturaleza y Espíritu); objeto de la Filosofía de la Historia será, pues, el análisis de esa manifestación de la vida divina en el cosmos. Es así cómo la ciencia —y en ello estarán Francisco de Paula Canalejas, Joaquín Sama, y otros— con el conocimiento subjetivamente cierto que tiene de sí misma a través del «yo» (razón) puede elevarse a Dios por un procedimiento analítico ya percibido, con claridad y certeza, para después descender por un método objetivo y sintético, y «reproducir el organismo entero de la existencia (Terrón)

Nesse contexto, a ciência não é vista apenas como uma busca por conhecimento objetivo, mas também como uma jornada introspectiva e subjetiva. O krausismo propõe que a verdadeira compreensão científica surge da harmonia entre o conhecimento interior e exterior. O "eu" individual, ao buscar o conhecimento, deve sempre considerar sua relação com o todo maior, refletindo a visão panenteísta.

Essa abordagem ao conhecimento científico e filosófico é radicalmente diferente das visões mais materialistas e mecanicistas do universo. Ao invés de ver o mundo como uma série de objetos a serem estudados isoladamente, o Krausismo enfatiza a unidade, sugerindo que o entendimento de qualquer parte do universo requer uma compreensão de sua relação com o todo.

Além disso, essa visão do "eu" como fundamental para a unidade subjetiva de toda ciência tem implicações éticas significativas. No Krausismo, a ética não é uma lista de regras externas, mas emerge da compreensão profunda do indivíduo de sua conexão com o universo. O respeito e a responsabilidade para com os outros e o mundo são vistos como extensões naturais dessa compreensão panenteísta

La moral krausista en estrecha relación con la religión, el derecho y la educación, marcará la impronta de sus seguidores, convirtiéndose en la heredera de la metafísica krausista. El paso de la metafísica a la ética, como forma de vida y por tanto de conducta, teniendo como coordenadas fundamentales la honradez y la tolerancia será un hecho en el ideal de la Institución Libre de Enseñanza. Krause y Sanz del Río, el primero en su Sistema de Moral, y ambos en el Ideal de la Humanidad, constatarán el «ideal ético» como tendencia a la moral de la libre razón (Terrón)

A ética krausista, embora rígida em suas raízes, apresentava-se como atrativa, universalista e humanitária, sendo um fator chave na formação de um amplo movimento cultural na Espanha. A inflexibilidade do sistema krausista em questões especulativas, particularmente em disputas com eclesiásticos, contrastava com sua abertura ética e cultural para a Europa. No entanto, essa abordagem inflexível levou a conflitos com forças profundamente enraizadas na Espanha, como o catolicismo e o tradicionalismo.

Apesar de suas limitações, o krausismo catalisou um despertar cultural na Espanha do século XIX, impulsionando várias áreas do saber e expressando um desejo profético por uma nova era da humanidade. Contribuiu significativamente para a educação, multiplicando círculos de estudo, reformas universitárias e conferências dominicais, sob a liderança de figuras como Giner de los Ríos, sob cuja liderança o Krausismo não apenas promoveu reformas educacionais, mas também influenciou significativamente a forma como a educação era concebida e implementada.

O Krausismo via a educação como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento individual e social. Esta visão estava enraizada na crença de que a educação deveria ser integral, abrangendo não apenas o intelecto, mas também o desenvolvimento moral e emocional dos indivíduos. O movimento defendia uma educação que enfatizasse o pensamento crítico, a auto-reflexão e a responsabilidade social, contrastando com as abordagens mais dogmáticas e memorísticas que predominavam na época.

La filosofía pedagógica del krausismo, eminentemente educadora, y en la línea de su metafísica, subordinando la instrucción a la educación, definirá ésta, de modo general, como el perfeccionamiento de la Humanidad, y por tanto de las distintas asociaciones y de sus individuos.

Sob a influência de Giner de los Ríos e outros líderes krausistas, foram criados círculos de estudo e reformas universitárias. Estes círculos e reformas buscavam democratizar o acesso à educação, tornando-a mais acessível e relevante para uma gama mais ampla de pessoas. Eles também enfatizavam a importância de uma abordagem mais humanista e menos dogmática ao ensino e à aprendizagem.

No que diz respeito ao papel da mulher, o Krausismo desempenhou um papel crucial ao desafiar as normas de gênero da época e promover a educação feminina.

Em um período em que as mulheres eram frequentemente excluídas do ensino superior e de muitas esferas da vida pública, o Krausismo defendia a igualdade de gênero na educação. Este movimento reconhecia que a emancipação das mulheres e seu desenvolvimento intelectual eram fundamentais para o progresso da sociedade como um todo.

Além disso, as conferências dominicais, outro aspecto importante da disseminação do Krausismo, serviam como plataformas para educar e envolver o público em questões sociais e culturais, incluindo a questão dos direitos das mulheres. Estas conferências eram espaços onde ideias progressistas, incluindo a igualdade de gênero, podiam ser discutidas e promovidas.

O Krausismo, portanto, foi influente na reformulação do sistema educacional e na promoção da igualdade de gênero na educação. Sob lideranças como Giner de los Ríos, o movimento não apenas trouxe reformas significativas para as instituições educacionais, mas também desempenhou um papel vital na luta pela igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres. Defendendo veementemente a liberdade de cátedra, muitos krausistas enfrentaram expulsão e exílio, resistindo aos esforços de controle ideológico do governo espanhol.

Por fim, é necessário reconhecer que o krausismo falhou em atender a muitas realidades vivas e urgentes da Espanha da época. Seu espírito cultista muitas vezes impediu de perceber a interconexão entre mudanças sociais e culturais e o impacto do social sobre a cultura e a educação. O krausismo, embora influente em algumas áreas da vida nacional, não conseguiu abraçar plenamente a realidade espanhola devido à estreiteza de seu esquema ideológico. O estudo dos textos sobre o krausismo espanhol e o pensamento de Miguel de Unamuno revela um panorama fascinante sobre a intersecção de duas correntes intelectuais e culturais significativas da Espanha. O krausismo, com seu enfoque na educação, ética e harmonia entre o espiritual e o material, estabelece um pano de fundo para as inquietações filosóficas de Unamuno, centradas na tensão entre a finitude humana e o anseio pelo infinito.

Unamuno, profundamente influenciado por esta atmosfera intelectual, apresenta um pensamento marcado por um diálogo contínuo entre razão e sentimento, refletindo a complexa natureza da experiência humana. Ele percebe a razão, herança do Iluminismo e de Kant, como um instrumento limitado, incapaz de abarcar a totalidade da existência humana. Para Unamuno, a razão leva ao absoluto

fenomenismo e ao nihilismo, não conseguindo satisfazer a necessidade humana de algo sólido e permanente.

Este dilema intelectual e existencial ecoa com as preocupações do krausismo, que buscava integrar diferentes aspectos da vida humana em um quadro coeso e harmonioso. O krausismo enfatizava a importância da educação e da ética na formação do indivíduo, algo que Unamuno abraça em seu próprio pensamento, embora com uma abordagem mais centrada no indivíduo e na experiência subjetiva.

Unamuno defende a ideia de que a filosofia, mais do que um exercício puramente racional ou sistemático, é uma expressão da vida íntima e profunda dos indivíduos, uma visão que encontra ressonância na filosofia krausista. Para Unamuno, a filosofia deve transcender a lógica e a ciência, adentrando-se em áreas onde a razão não pode chegar. Esta abordagem destaca a importância do sentimento e da intuição na compreensão da realidade, aspectos que são fundamentais também no krausismo, com sua ênfase na educação integral e no desenvolvimento humano.

A personalidade de Unamuno, marcada por uma paixão pela vida e uma contínua busca pelo eterno e pelo absoluto, reflete essa tensão entre a finitude humana e o desejo de infinito. Esta busca, que se manifesta em sua obra através de uma variedade de gêneros literários, ressalta a complexidade e a riqueza da experiência humana, ecos de um diálogo contínuo com as ideias do krausismo.

Ao sintetizar esses dois mundos intelectuais, vemos como o krausismo espanhol e o pensamento de Unamuno se entrelaçam, cada um enriquecendo o outro com suas perspectivas únicas sobre educação, ética, filosofia, e a natureza da existência humana. Ambos compartilham uma preocupação profunda com o desenvolvimento humano, seja na dimensão individual de Unamuno ou no contexto mais amplo e social do krausismo que, ao mesmo tempo em que inspirava a busca por um "homem novo", também estava associado à necessidade de criação de uma "mulher nova", baseando-se nos princípios de igualdade e respeito pela dignidade feminina, conforme descrito por Krause. Ele defendia a ideia de que o reconhecimento da unidade humana e da dualidade intrínseca entre homens e mulheres era essencial para a restauração dos direitos das mulheres e para sua elevação ao lado dos homens.

Contudo, a obra de Krause também demonstra uma clara diferenciação de papéis entre homens e mulheres. Enquanto ao homem cabia a tarefa de "dignificar"

o papel da mulher por meio da educação, esta dignificação, paradoxalmente, não colocava a mulher em pé de igualdade com o homem. O "homem renovado" assumia a responsabilidade de "redimir" a mulher, perpetuando uma hierarquia de gênero em que a mulher, apesar de elevada ao status de "companheira", permanecia em posição subordinada ao homem.

Este aspecto do krausismo reflete uma solução que se alinha com a estrutura social patriarcal da época, limitando a mulher a um papel educativo e apoiador, enquanto o homem detinha a responsabilidade exclusiva pelo progresso da humanidade. Apesar dessas limitações, o krausismo teve impacto significativo na produção literária e no teatro da época, influenciando autores como José Echegaray e Rosario de Acuña. De Acuña, particularmente, utilizou o teatro para transmitir os ideais krausistas não apenas aos homens, mas também às mulheres, criando um modelo de "mulher nova" que desafiava as normas sociais e literárias vigentes.

Segundo García(2001), a importância de reconhecer o papel das mulheres na literatura e no teatro krausistas, argumentando que a obra de Rosario de Acuña foi um esforço pioneiro para remodelar o papel da mulher na sociedade e promover a regeneração social. Por fim, ela conclui que o krausismo, embora tenha trazido à tona a questão do papel das mulheres no processo de regeneração social, não foi um movimento emancipador em si, pois carecia de uma base sólida para promover efetivamente a ilustração e emancipação feminina, cuja base encontramos no Ideal de la Humanidad para la vida, escrito por Krause em 1871 e traduzido por Sanz de Ríó

El hombre que reconoce la idea de la unidad humana, y de la dualidad inmediata y la más íntima contenida en esta unidad, se interesa con igual estima y amor hacia la femenina que hacia la masculina humanidad; ama y respeta la peculiar excelencia y dignidad de la mujer. Cuando observa que esta mitad esencial de la humanidad está hoy en unos pueblos oprimida y degradada, en otros postergada, o abandonada en su educación por el varón, que hasta ahora se ha atribuido una superioridad exclusiva; cuando observa que la mujer dista hoy mucho del claro conocimiento de su destino en el todo, de sus derechos y funciones y altos deberes sociales, se siente poderosamente movido a prestar ayuda y fuerza a la mujer. Con este vivo sentido trabaja, donde ha lugar y lo puede hacer con fruto, para restablecer el santo derecho de la mujer al lado del varón, para mejorar su educación, haciéndola más real, más elevada, más comprensiva, para despertar en todos el reconocimiento de la dignidad de la mujer y cultivar en ésta todos los sentimientos sociales, y sus facultades intelectuales en relación proporcionada con su carácter y su destino. Semejante espíritu anima también a la mujer respecto del varón, de suerte que con su peculiar carácter y prendas regocije y embellezca la vida y que, acompañada la severa dignidad del varón con la dulzura y gracia de la mujer, completen la

primera armonía humana en la tierra y fuente de todas las armonías y progresos sociales. La distancia de la cultura entre la mujer y el hombre es hoy tanto mayor, y el sentimiento de ello tanto más vivo, cuanto más sensibles y más universales son los progresos en el sexo dominante. (KRAUSE, 1999, p. 52)

A citação começa com a menção à "idea de la unidad humana", fundamental no Krausismo, que vê a humanidade como um conjunto integrado, marcado pela dualidade e complementaridade. Isso é expresso quando o autor fala sobre o interesse "con igual estima y amor hacia la femenina que hacia la masculina humanidad". Essa visão de equidade entre os gêneros é emblemática do pensamento krausista, onde a valorização igualitária de homens e mulheres é central.

A crítica à opressão e degradação das mulheres, destacada quando se menciona que "esta mitad esencial de la humanidad está hoy en unos pueblos oprimida y degradada, en otros postergada, o abandonada en su educación por el varón", reflete o progressismo do Krausismo. Essa filosofia defendia a igualdade de direitos e oportunidades, vendo a educação como um meio de emancipação e melhoria da condição feminina.

O autor avança, sugerindo a necessidade de uma educação feminina mais "real, más elevada, más comprensiva". Isso ressoa com a ênfase krausista na educação integral, que não se limita ao desenvolvimento intelectual, mas abrange o crescimento moral e social. Ao defender o "reconocimiento de la dignidad de la mujer", o texto alinha-se com a visão krausista de que cada indivíduo possui uma dignidade inerente que deve ser reconhecida e respeitada.

Finalmente, a ideia de que a colaboração entre homens e mulheres pode "completar la primera armonía humana en la tierra y fuente de todas las armonías y progresos sociales" reflete a visão utópica e idealista do Krausismo. Aqui, a harmonia entre os gêneros não é apenas desejável, mas é vista como a base para todo o progresso e harmonia social, encapsulando a essência do pensamento krausista, com seu foco na unidade e dualidade da humanidade, na igualdade de gênero, na importância da educação e na busca por uma sociedade mais harmoniosa e progressista.

O Krausismo, conforme refletido, claramente foge da visão tradicional da mulher como submissa, que era prevalente na época. Em contraste com a norma social do século XIX, que frequentemente via a mulher como inferior e destinada a

um papel submisso, principalmente no contexto doméstico, o Krausismo promovia uma visão de igualdade e dignidade para ambos os gêneros.

Esta filosofia destacava a importância da educação e do desenvolvimento intelectual e social das mulheres, o que era radical para a época. A ênfase em melhorar a educação das mulheres ("haciéndola más real, más elevada, más comprensiva") e em reconhecer sua dignidade inerente vai diretamente contra a noção de submissão feminina.

Além disso, ao criticar a opressão e a degradação das mulheres e ao chamar a atenção para a necessidade de restabelecer os direitos das mulheres ao lado dos homens, o Krausismo se opõe às normas patriarcais dominantes. A visão de uma "primera armonía humana" alcançada através da colaboração igualitária entre homens e mulheres também demonstra uma clara rejeição à ideia de submissão feminina.

Segundo M.D.Gómez Molleda (1966), estabelece que Unamuno não apenas leu alguns trabalhos krausistas, mas também assistiu às aulas de Giner de los Ríos na Universidade. Então, a visão krausista, influencia diretamente o conceito de mulher no pensamento de Miguel de Unamuno revela uma complexa relação entre as figuras femininas em sua vida e a maneira como ele as representa em sua obra literária. A compreensão da visão de Miguel de Unamuno sobre a mulher requer uma análise que entrelace as influências pessoais, culturais e literárias presentes em sua obra e vida. Unamuno, moldado por um contexto familiar fortemente influenciado pelo matriarcado basco, via a mulher como uma figura central, capaz de exercer um poder mágico e calmante, especialmente frente ao tumulto interior que ele mesmo frequentemente experimentava. Esta visão quase mitológica da mulher se manifesta em sua idealização da "mãe-virgem", uma figura que simboliza pureza e proteção, atributos que ele reconhecia em figuras femininas próximas a ele, como sua própria mãe e esposa.

De acordo com Unamuno *apud* SANDOVAL ULLÁN(2004):

la mujer vasca. Una mujer perenne recordatorio del sosiego del hogar, del castillo, en que se recobran bríos y restauran fuerzas para la lucha inacabable símbolo del espíritu conservador que temple y regula el torbellino del progreso, tierra del hombre Anteo, verdadero principio de continuidad en los pueblo todos, vaso de su íntimo carácter, fuente constante de vida y de consuelo. Y a la par que es la mujer el relicario de la raza, el último y más cerrado depósito de su pegujar, el arca de sus tradiciones, es también la que mejor enlaza a los diversos pueblos, siguiendo la suerte de su hombre,

por muy extranjero que al tomarla lo fuese, pues vive ella en la base de nuestro linaje. Es la sabina que se deja robar por el romano. Levanta hogar, la única patria chica estable, sobre las patrias todas, y une la familia natural a la gran familia humana, sobrenatural, guiada por su sentido de la realidad concreta, libre de elucubraciones y de eso que llamamos opiniones, que son cosa de hombres. ...aquí marchó siempre en los caminos de la vida a la vera de su hombre, con su mano en el hombro de éste, apenas dejando adivinar, si apoyándose o empujándole con dulzura. (SANDOVAL ULLÁN, 2004)

As palavras de Miguel de Unamuno oferecem uma visão profunda e simbólica sobre a mulher basca, que ele considera um pilar fundamental tanto da família quanto da sociedade. Unamuno descreve a mulher basca como um "perenne recordatorio del sosiego del hogar", indicando que ela representa a tranquilidade e a estabilidade do lar. Ela é vista como um castelo, um refúgio onde os homens podem recuperar suas forças, simbolizando a resistência e a continuidade em meio às adversidades da vida.

A mulher é apresentada como um "espírito conservador", que equilibra e regula o avanço turbulento do progresso. Esta descrição sugere que, enquanto o progresso pode ser caótico e desestabilizador, a mulher traz equilíbrio e perspectiva, mantendo os valores e tradições essenciais intactos. Unamuno usa a metáfora do "hombre Anteo" para ilustrar como as mulheres são fundamentais para a continuidade cultural e espiritual dos povos.

Além disso, Unamuno enfatiza o papel da mulher como guardiã das tradições e da essência da raça, descrevendo-a como "el relicario de la raza", o repositório mais sagrado das tradições e do caráter intrínseco de um povo. Ele também destaca a capacidade da mulher de unir diferentes povos, seguindo a sorte de seu companheiro, mesmo que ele seja de origem estrangeira. Esta habilidade de unir famílias e culturas diferentes é simbolizada pela "sabina que se deja robar por el romano", uma referência à lenda romana em que as sabinas foram raptadas pelos romanos, mas acabaram por ser um elo entre os dois povos e percebe a mulher caminhando ao lado do homem, com a mão em seu ombro, num gesto que pode ser interpretado tanto como apoio quanto como um suave impulso para frente. Este gesto simboliza a influência sutil, mas poderosa, que as mulheres exercem sobre os homens e, por extensão, sobre a sociedade.

A mãe de Unamuno, descrita como uma pessoa severa e emocionalmente distante, parece ter tido um impacto significativo na forma como ele percebia a feminilidade. Esta influência se estende à sua visão religiosa, onde ele nota que as

mulheres frequentemente distorciam a essência do cristianismo, um reflexo de sua relação complexa com a fé e a moralidade.

No âmbito da família e da sociedade, Unamuno via a mulher como uma peça central para a continuidade da vida e a manutenção da harmonia doméstica. Em sua visão, a verdadeira significação da vida de um homem se encontra em sua capacidade de se integrar na estrutura familiar, com as mulheres desempenhando um papel maternal essencial para a coesão e bem-estar da família.

Nas suas obras literárias, Unamuno frequentemente retrata as mulheres com uma forte inclinação maternal, onde elas se dedicam tanto aos filhos quanto aos maridos, muitas vezes se sentindo mais mães do que esposas. Esta representação reflete não apenas suas experiências pessoais com mulheres em seu círculo íntimo, mas também sua visão idealizada da maternidade.

Através da análise de suas experiências pessoais e representações literárias, torna-se evidente que Unamuno passou por um calvário em suas relações com as mulheres, impactando profundamente sua visão e conceituação da feminilidade. Ele projetava suas experiências, percepções e ideais nas personagens femininas de suas obras, criando um retrato complexo e multifacetado da mulher.

Portanto, a visão de Unamuno sobre a mulher é uma tapeçaria rica, entrelaçando o mítico com o real, e frequentemente centrada em uma visão materna protetora. Esta compreensão é fundamental para qualquer análise completa de sua obra e pensamento, revelando as camadas de influência pessoal, cultural e literária que moldaram sua abordagem da feminilidade. A relação de Unamuno com as mulheres em seu círculo íntimo, como sua mãe, esposa e filhas, e sua interação com mulheres de fora desse círculo, são centrais para entender sua visão. Ele valorizava o caráter maternal, a inocência e a capacidade de trazer alegria e serenidade, atributos que ele encontrou em sua esposa, Concepción Lizárraga.

A relação de Unamuno com outras mulheres, como Delfina Molina y Vedia de Bastianini, contrasta fortemente com seu relacionamento com Concepción. Delfina, uma intelectual argentina, professava um amor desmedido por Unamuno, uma paixão que ele não correspondia e que chegou a causar desconforto e problemas em sua vida familiar

No encerramento deste capítulo, abordamos a complexa relação de Miguel de Unamuno com o conceito de mulher, uma relação profundamente influenciada pelo Krausismo e suas próprias experiências pessoais e culturais. Unamuno, criado no

contexto matriarcal basco, nutriu uma visão quase mitológica da mulher, idealizando-a como um símbolo de pureza, proteção e sossego.

À medida que avançamos para o próximo capítulo, nosso foco se desloca para o conceito de novela em Unamuno, e em particular, para sua inovação literária, a 'nivola'. Esta análise nos permitirá aprofundar ainda mais nosso entendimento sobre como Unamuno utiliza as formas literárias para explorar e expressar suas ideias sobre a mulher. Investigaremos como a estrutura e a técnica da 'nivola' proporcionam um meio único para Unamuno retratar as complexidades da feminilidade e do papel da mulher, permitindo-lhe transcender as convenções tradicionais da narrativa e oferecer uma perspectiva mais rica e matizada sobre o universo feminino.

### **5.1 Niebla e o conceito de *nivola*: a relação entre filosofia e literatura e a importância para análises a sociedade.**

Ao longo dos anos, muitos estudiosos têm explorado a obra de Unamuno, fascinados por sua habilidade em entrelaçar literatura e filosofia, um aspecto central da sua escrita e do conceito de "nivola". Unamuno é reconhecido não apenas como um escritor, mas também como um filósofo, criando uma metafísica pessoal a partir da linguagem, como aponta Guimarães Rosa.

Refletindo sobre a natureza humana e a condição existencial, Unamuno incorpora uma visão profunda e complexa em suas obras, que vai além da narrativa convencional, transformando-a em um meio de reflexão sobre questões filosóficas e existenciais. Isso se alinha com a discussão anterior sobre a intersecção entre literatura e filosofia, onde a literatura não é apenas um veículo para contar histórias, mas também para explorar ideias profundas e filosóficas.

Ademais, Unamuno defende que todo romance, obra de ficção, ou poema, quando é autêntico e vivo, é em certo sentido autobiográfico, pois cada personagem fictício ou figura poética criada por um autor faz parte do próprio autor.

Sí toda novela, toda obra de ficción todo poema cuando es vivo es autobiográfico. Todo ser de ficción todo personaje poético que crea un autor hace parte del autor mismo (UNAMUNO, 1982, p. 4 )

Isso ressalta a importância da autenticidade na narrativa e a necessidade de uma conexão com a vida real, refletindo os dilemas, as paixões e os conflitos do ser

humano. As obras que conseguem capturar e transmitir a verdade interior de seus criadores muitas vezes ressoam mais profundamente com os leitores. Elas refletem os dilemas, as paixões e os conflitos do ser humano de uma maneira que apenas a verdade pessoal e a experiência vivida podem proporcionar, não sendo um mecanismo:

Una ficción de mecanismo mecánica no es ni puede ser novela. Una novela para ser viva para ser vida tiene que ser como la vida misma organismo y no mecanismo. Y no sirve levantar la tapa del reloj. Ante todo porque una verdadera novela una novela viva no tiene tapa y luego porque no es maquinaria lo que hay que mostrar sino entrañas palpitantes de vida calientes de sangre (UNAMUNO, 1982, p. 23)

A crítica de Unamuno à comparação entre o relógio e o romance, onde ele argumenta que um romance não pode ser simplesmente um mecanismo, também ilustra essa perspectiva. Para Unamuno, um romance, para ser vivo e autêntico, deve ser como a própria vida, um organismo e não um mecanismo. Ele ressalta que o verdadeiro propósito de um romance não é revelar uma maquinaria interna, mas sim expor as 'entrañas palpitantes de vida', as emoções e experiências humanas que estão no cerne da narrativa

Assim, a visão de Unamuno sobre a literatura representa um desenvolvimento natural dos temas abordados na primeira parte da tese. Ao passar da discussão sobre a interseccionalidade de literatura e filosofia para a análise da visão de Unamuno sobre o romance, exploraremos como a literatura pode ser um meio poderoso para o exame da condição humana, refletindo as preocupações e inquietações filosóficas que perpassam tanto a vida quanto a arte.

Miguel de Unamuno, em sua abordagem à narrativa, apresenta um conceito inovador e distinto de novela, que ele chama de "nivola". Este termo, cunhado por Unamuno, busca diferenciar sua obra das convenções tradicionais da novela, enfatizando a exploração de temas filosóficos, psicológicos e existenciais, muitas vezes através de uma estrutura narrativa não linear e de personagens que desafiam os arquétipos convencionais.

No decorrer do texto, Unamuno, ao falar de criação literária, questiona a separação entre autor e obra e entre ficção e realidade. Ele vê a narrativa não apenas como um ato de contar uma história, mas como um processo de auto-exploração e reflexão. Essa visão é ilustrada pelo modo como ele descreve a

relação entre o escritor e suas personagens, e entre a narrativa e a vida do próprio autor.

O escrito espanhol, frequentemente, questiona a ideia convencional de que existe uma separação clara entre o escritor e suas criações. Para ele, as personagens de uma história não são apenas entidades fictícias independentes, mas extensões do próprio autor, refletindo seus pensamentos, medos, dúvidas e aspirações. Esse pensamento é evidenciado na forma como suas personagens muitas vezes parecem ter vida própria, questionando suas existências dentro do universo da história e, em alguns casos, até mesmo interagindo diretamente com o autor, como veremos em "Niebla".

Nesta perspectiva, a narrativa se torna um palco onde o autor pode explorar e questionar aspectos de sua própria existência. A criação literária, portanto, não é apenas uma forma de expressão artística, mas também um meio de autoconhecimento e análise pessoal. Ao escrever, Unamuno se engaja em um diálogo contínuo com suas personagens, e, por extensão, com si mesmo. Isso reflete uma visão da literatura como uma jornada tanto para o autor quanto para o leitor, onde as barreiras entre o mundo real e o fictício são fluidas e permeáveis.

Além disso, essa fusão entre ficção e realidade levanta questões sobre a natureza da existência e da identidade. Em suas obras, Unamuno frequentemente explora a ideia de que a realidade é subjetiva e moldada pelas percepções e emoções individuais. As personagens em suas "nivolas" muitas vezes lutam com crises de identidade e com o significado de sua existência, o que pode ser visto como um reflexo das próprias inquietações existenciais de Unamuno.

Portanto, a abordagem de Unamuno à criação literária é profundamente filosófica e introspectiva. Ele usa a narrativa como um meio de explorar os mais profundos questionamentos sobre a vida, a existência e a natureza humana, desafiando as fronteiras tradicionais da literatura e abrindo novas vias para a compreensão do eu e do mundo. Unamuno, através de sua "nivola", parece buscar uma forma literária que permita uma maior profundidade na exploração dos conflitos internos, das emoções e dos dilemas morais, que são centrais na experiência humana. Isso inclui uma exploração crítica das relações de gênero e do papel da mulher na sociedade. Sua abordagem pode ser vista como um convite para olhar além das narrativas convencionais e questionar as normas sociais e culturais.

Assim, ao estudar a "nivola" de Unamuno, não apenas se explora uma forma

literária única, mas também se ganha uma nova perspectiva sobre como as questões de gênero e a representação das mulheres são tratadas na literatura. Esta análise pode ser crucial para compreender mais profundamente o papel da mulher e as atitudes misóginas em outras obras de Unamuno, bem como na literatura espanhola do início do século XX de uma maneira mais ampla.

Esta análise da "nivola" de Unamuno, com seu foco nas questões de gênero e representação feminina, revela a complexidade e a profundidade com que Unamuno aborda temas socioculturais em suas obras. Essa compreensão enriquece nossa apreciação de sua abordagem inovadora não apenas no conteúdo, mas também na forma. Em "Niebla", por exemplo, Unamuno leva essa inovação adiante ao introduzir o conceito de "nivola". Esta forma de narrativa não apenas desafia as convenções do romance, mas também permite uma exploração mais profunda da natureza da realidade, da existência e da criação literária. Ao entrelaçar a vida do autor com a dos personagens, Unamuno cria um diálogo metafísico e filosófico, demonstrando sua habilidade singular em mesclar temas sociais com questionamentos filosóficos profundos a partir do diálogo entre os personagens.

A importância do diálogo na nivola, é fundamental e encontra um interessante paralelo na filosofia de Sócrates. Na nivola, como Miguel de Unamuno a concebeu, o diálogo é mais do que um mero dispositivo narrativo; é um meio de sondar as profundezas da psique humana e de explorar dilemas morais e existenciais complexos. Esta abordagem reflete a crença de Unamuno de que a verdadeira compreensão emerge do confronto de perspectivas opostas, uma ideia que ele desenvolveu em obras como "Niebla".

Esse conceito se alinha estreitamente com a metodologia socrática na filosofia. Sócrates, frequentemente retratado em diálogos por Platão, acreditava que a verdade poderia ser alcançada através de um questionamento rigoroso e de uma reflexão crítica. Este processo, conhecido como a "maiêutica", envolve o uso de perguntas provocativas para desenterrar suposições não examinadas e levar à autoconsciência e ao conhecimento. Como Sócrates afirmou em "Apologia", seu método era baseado na crença de que "uma vida não examinada não vale a pena ser vivida" (1990).

O diálogo na nivola, portanto, não é apenas uma técnica literária, mas um veículo para a exploração filosófica, semelhante ao modo como Sócrates usava o diálogo para desafiar e iluminar seus interlocutores. Tanto na nivola quanto nos

diálogos socráticos, o diálogo serve como um espelho que reflete as complexidades internas dos personagens ou dos participantes, revelando verdades mais profundas sobre a condição humana e o mundo em que vivemos. Essa interseção entre literatura e filosofia demonstra o poder do diálogo como uma ferramenta para o entendimento e a introspecção, algo que Unamuno e Sócrates exploraram magistralmente em seus respectivos campos.

O diálogo na *novela* e nos diálogos socráticos serve como um catalisador para a introspecção e a busca pela verdade. Essa conexão se manifesta de maneira notável no protagonista da história, Augusto Pérez, é um personagem que busca sentido para sua existência em um mundo que parece cada vez mais nebuloso e incerto. A narrativa segue Augusto em sua jornada de autoconhecimento, pontuada por reflexões sobre a vida, o amor e a morte. Unamuno utiliza a figura de Augusto para questionar a própria natureza da ficção e da realidade, chegando ao ponto de inserir-se como personagem na história, desfazendo as barreiras entre criador e criatura.

Em "Niebla", Unamuno brinca com a ideia de que as personagens têm consciência de sua existência fictícia. Em um dos momentos mais emblemáticos da obra, Augusto vai ao encontro de Unamuno para discutir seu destino dentro da história. Unamuno escreve: “—Y acaso los diálogos que usted forje no sean más que monólogos... —Puede ser. Pero te digo y repito que tú no existes fuera de mí...”. Aqui, Unamuno subverte a noção tradicional de narrativa, onde as personagens são meramente criações do autor, sem vontade própria.

Além disso, a obra aborda temas existenciais profundos, como a natureza da consciência e a busca por um significado maior na vida. Augusto, ao longo da história, questiona sua existência e o mundo ao seu redor. Unamuno escreve: “¿Todo eso ha sido más que una niebla?”, refletindo a constante dúvida de Augusto sobre a realidade de sua existência.

Em ambos os contextos, seja na Atenas antiga ou na Espanha de Unamuno, o diálogo é mais do que uma simples troca de palavras; é uma ferramenta para desvendar as camadas de significado e realidade que compõem a experiência humana. Assim, a busca de Augusto por significado em um mundo "nebuloso e incerto" ecoa o eterno questionamento socrático sobre a vida, o amor e a morte, destacando o papel do diálogo como um veículo para a compreensão profunda e a transformação pessoal.

"Niebla" é uma obra que desafia a compreensão tradicional do que é um romance. Unamuno não se contenta em apenas contar uma história; ele a usa como um meio para explorar questões filosóficas profundas, fazendo da "nivola" um instrumento para questionar a própria natureza da realidade, da literatura e da existência humana. Este aspecto da obra está em perfeita harmonia com a discussão na primeira parte da sua tese sobre a relação entre literatura e filosofia, demonstrando como Unamuno utiliza a literatura não apenas como uma forma de arte, mas como um veículo para a exploração filosófica.

A história de "Niebla" foca em Augusto Pérez, um homem introspectivo e solitário que, após a morte de sua mãe, se encontra perdido na monotonia de sua vida. Sua jornada toma um rumo inesperado quando se apaixona por Eugenia, uma mulher comprometida com Mauricio, um homem prático e materialista. Sua persistência em buscar o amor de Eugenia e sua sensibilidade, que contrastam com o pragmatismo de Mauricio, acabam atraindo Eugenia. Essa atração por Augusto cria um conflito amoroso, pois ela se vê dividida entre o compromisso existente com Mauricio e os sentimentos emergentes por Augusto.

Diante desse conflito e buscando compreender melhor suas emoções e a situação em que se encontra, Augusto procura conselhos com seu amigo Víctor. Víctor, por sua vez, oferece uma visão bastante cínica e pragmática do amor e da vida. Sua perspectiva é mais desapegada e realista, contrastando com a abordagem mais romântica e idealista de Augusto. Esses conselhos de Víctor refletem um ponto de vista que desafia as noções convencionais de amor e relacionamento, contribuindo para a complexidade e profundidade da trama e do desenvolvimento do personagem de Augusto em "Niebla".

O enredo prevê a presença de vários personagens, cada um com uma característica diferentes, porém refletindo sempre atos e estereótipos sociais.

Don Fermín, o tio de Eugenia na narrativa, desempenham um papel significativo como uma figura paternal ou mentor. Sua presença pode representar valores e crenças de uma geração mais antiga, influenciando as decisões e percepções de Eugenia sobre o mundo. Don Fermín, com seus próprios conflitos e histórias, adiciona profundidade e complexidade à trama, servindo como um elo entre o passado e o presente na narrativa.

Margarita, a porteira, traz uma dimensão de sabedoria popular e praticidade à história. Sua posição única de observar as idas e vindas dos personagens lhe dá

uma perspectiva interessante sobre os acontecimentos. Ela pode atuar como uma confidente ou figura materna para Eugenia, oferecendo um olhar realista e cotidiano sobre os eventos da trama.

Rosario, a passadeira com quem Augusto se envolve, introduz uma dimensão emocional íntima na história. Sua interação com Augusto revela vulnerabilidades e reflexões profundas, proporcionando insights sobre a vida interior e os conflitos emocionais do personagem principal. Representando uma classe social diferente, a presença de Rosario também pode trazer à tona discussões sobre desigualdades sociais.

Além disso, Augusto interage com Parrigopoulos, um filósofo grego, cujas conversas exploram temas filosóficos e existenciais que refletem as preocupações centrais da obra. Na obra "Niebla" de Miguel de Unamuno, a interação de Augusto Pérez com o filósofo grego Parrigopoulos é um aspecto crucial para entender a profundidade filosófica do romance. Parrigopoulos representa uma voz que oferece insights sobre os temas existenciais e filosóficos que são fundamentais para a narrativa. Através de suas conversas com Parrigopoulos, Augusto explora questões como a natureza da realidade, o propósito da vida e o conceito de identidade pessoal. Estes diálogos são fundamentais para o desenvolvimento do enredo, pois oferecem um contraponto intelectual à crise existencial de Augusto, que está em busca de significado em sua vida. A relação entre Augusto e Parrigopoulos também pode ser vista como uma reflexão sobre o papel da filosofia na vida cotidiana. Enquanto Augusto luta com questões práticas de amor e existência, Parrigopoulos oferece uma perspectiva mais abstrata e teórica, que desafia Augusto a pensar além das realidades imediatas de sua situação.

Introduzindo o assunto da alma das mulheres, Unamuno aborda o tema sob uma perspectiva que reflete as complexidades das relações humanas e a busca pelo entendimento do "outro". Através das interações de Augusto com as mulheres em sua vida, como Eugenia e Rosario, Unamuno explora a ideia de que compreender a alma feminina é parte integrante da jornada de autodescoberta e compreensão do mundo. As personagens femininas em "Niebla" são apresentadas não apenas como figuras românticas, mas como seres complexos com suas próprias motivações, desejos e conflitos internos, refletindo a busca contínua de Augusto por um entendimento mais profundo da existência humana.

A história culmina em um encontro metaficcional entre Augusto e Unamuno,

revelando que Augusto é um personagem fictício. Apesar de Unamuno planejar o suicídio de Augusto, ele morre de maneira abrupta e absurda, destacando a natureza paradoxal da existência explorada na obra. Neste encontro, Augusto, que até então vivenciava sua própria crise existencial e amorosa, descobre que é, de fato, um personagem fictício criado por Unamuno. Este momento desafia as noções tradicionais de autonomia do personagem e da realidade dentro da narrativa. Unamuno, enquanto autor, revela-se como o criador do mundo em que Augusto vive, detendo poder sobre sua existência e destino. A decisão de Unamuno de planejar o suicídio de Augusto, e a morte subsequente do personagem de maneira abrupta e absurda, serve para enfatizar a natureza paradoxal e muitas vezes inexplicável da existência humana. Ao mesmo tempo, essa reviravolta ressalta a artificialidade da narrativa e o poder do autor, questionando a linha entre a criação artística e a realidade vivida. Este encontro é uma representação direta do conceito de "nivola", onde a narrativa se torna um espaço para a experimentação filosófica e existencial. Unamuno utiliza essa técnica para explorar temas como a criação artística, a liberdade, a existência e a relação entre autor e personagem, questionando o papel do escritor e a natureza da realidade dentro e fora da literatura.

Ao longo da obra não podemos esquecer Orfeu, o cachorro de Augusto na obra, provavelmente serve como um elemento simbólico e emocional importante. Cães na literatura muitas vezes representam lealdade e companheirismo, e Orfeu pode ser visto como uma fonte constante de apoio emocional para Augusto. Esta relação pode ilustrar a capacidade de Augusto para a bondade e o cuidado, além de destacar sua necessidade de companheirismo incondicional. Além disso, Orfeu pode funcionar como um espelho emocional, refletindo ou ampliando as emoções de seu dono. Através das reações e interações de Orfeu, o leitor pode ganhar uma visão mais profunda do estado emocional e psicológico de Augusto. Em alguns momentos, o cachorro pode até simbolizar a pureza e a inocência, contrastando com a complexidade das relações humanas e dos dilemas morais enfrentados pelos personagens. Orfeu também pode atuar como um catalisador para eventos na trama, desencadeando ações importantes ou servindo como um ponto de conexão ou conflito entre personagens. Se a obra explora temas como perda, solidão ou busca por significado, a relação de Augusto com Orfeu pode ser uma representação desses temas, ilustrando a busca de Augusto por conexão ou significado em um mundo confuso. O nome Orfeu, profundamente enraizado na mitologia grega, também pode

carregar um significado simbólico. Na mitologia, Orfeu é conhecido por sua habilidade de encantar todas as criaturas vivas com sua música, o que sugere uma capacidade de comunicação além das palavras e uma conexão transcendental. Esse aspecto pode ser refletido no papel do cachorro na história, sugerindo uma forma de comunicação e entendimento que vai além do convencional. Assim, Orfeu é mais do que um mero animal de estimação; ele é um personagem significativo que ajuda a revelar aspectos do protagonista, Augusto, e contribui para os temas e a estrutura emocional da narrativa, agregando profundidade e complexidade à história.

Esta atenção aos detalhes e às sutilezas de relacionamento, tão característica de Unamuno, abre caminho para uma análise mais profunda de "Niebla" sob a ótica da crítica literária pós-moderna. Essa abordagem, que se aprofunda nas estruturas de poder de gênero e nas narrativas subjacentes presentes na obra, é fortemente influenciada por pensadores como Jacques Derrida, Michel Foucault e Jean-François Lyotard. Eles nos encorajam a olhar além da superfície da narrativa e a considerar as dinâmicas sociais e culturais que moldam as relações entre os personagens.

No contexto da obra de Unamuno, e particularmente em "Niebla", as relações de gênero e poder são aspectos cruciais que merecem uma análise detalhada. Embora Unamuno não trate explicitamente de temas feministas ou de desigualdade de gênero, a forma como seus personagens interagem e se relacionam uns com os outros reflete as normas e as expectativas de gênero de sua época. Ao aplicar as lentes da crítica pós-moderna a "Niebla", podemos desvendar como Unamuno, talvez inconscientemente, tece uma tapeçaria complexa de relações de poder e gênero, refletindo as tensões e desigualdades de sua sociedade contemporânea.

## **6 A FACE OCULTA DO MACHISMO EM 'NIEBLA': UMA DISSECÇÃO FEMINISTA DE PRECONCEITOS ANCESTRAIS**

Neste capítulo, exploraremos a presença de elementos misóginos na obra "Niebla", de Miguel de Unamuno, através de uma abordagem analítica que combina a atenção aos detalhes textuais com as lentes da teoria feminista e de gênero. A nossa análise será estruturada em torno de vários temas chave que emergem da obra, cada um refletindo diferentes aspectos das normas de gênero e das relações de poder entre homens e mulheres, conforme retratado por Unamuno e justificado por Da Silva Lopes (2020) ao afirmar que a violência contra as mulheres pode acontecer de várias formas e sempre a partir do contexto social, político e religioso da época:

Vale reafirmar que as variadas formas de violência contra a mulher hoje tipificadas em lei instrumentalizam e alimentam um cruel julgamento social acerca do comportamento feminino principalmente no que tange ao seu corpo e sexualidade. A violência de gênero apresenta-se organicamente justificada pela inferioridade histórico-religiosa naturalizando aspectos extremos de controle e submissão aos estereótipos sociais de masculino e feminino ( DA SILVA LOPES, p. 31, 2020)

Abordaremos como as personagens femininas são frequentemente reduzidas a suas características físicas e fisiológicas, refletindo uma tendência de simplificar a identidade feminina. Além disso, analisaremos o questionamento da confiabilidade da mulher, um tema recorrente que destaca a desvalorização de sua palavra e integridade.

A investigação se aprofundará na maneira como Unamuno perpetua estereótipos sobre o comportamento das mulheres, especialmente em termos de comunicação e expressão. Exploraremos também a dinâmica de objetivação e dominação física, controlando e manipulando fisicamente as mulheres, o que revela as relações de poder e a posição subordinada das mulheres na sociedade da época.

Além disso, o medo da violência masculina, expresso pelas personagens femininas, será um ponto importante de discussão, assim como a perpetuação da ideia de irracionalidade feminina em contraste com a racionalidade masculina. Examinaremos a tendência de definir as mulheres principalmente por suas características biológicas e a sugestão de que as mulheres não são obrigadas a

manter sua palavra.

Finalmente, a comparação das mulheres com animais domésticos será analisada, uma metáfora que sugere dependência e falta de autonomia, refletindo a desumanização e reforçando os papéis de gênero tradicionais.

Este capítulo estabelece a fundação para uma análise detalhada, permitindo-nos desvendar as complexidades das representações de gênero em "Niebla" e entender como essas representações refletem e perpetuam as normas e preconceitos de gênero da sociedade de Unamuno. No âmbito da crítica literária pós-moderna, a obra "Niebla" de Miguel de Unamuno se apresenta como um campo fértil para uma reinterpretação que destaca as sutilezas das estruturas de poder de gênero. Esta corrente crítica, com suas raízes em pensadores como Jacques Derrida(1967), Michel Foucault(1976) e Jean-François Lyotard(1979), nos oferece ferramentas para desvendar as narrativas implícitas que, embora não abertamente misóginas, refletem e perpetuam dinâmicas de poder desiguais entre homens e mulheres.

De fato, segundo Derrida (1967), "não há nada fora do texto" e ao aplicar esta perspectiva derridiana à "Niebla", percebe-se que as representações de gênero na obra não são meramente reflexos de uma realidade social pré-existente, mas participam ativamente na construção dessa realidade. Em outras palavras, a forma como Unamuno descreve e constrói seus personagens femininos e masculinos, e as relações entre eles, não apenas reflete, mas também molda e perpetua as normas e preconceitos de gênero de sua época.

Esta análise se alinha com a ideia de que a linguagem não é um veículo neutro para a descrição da realidade, mas um campo de batalha onde significados são constantemente negociados e redefinidos. Em "Niebla", a linguagem usada para descrever as interações entre homens e mulheres, as comparações de mulheres com animais, e as reflexões sobre a feminilidade e a masculinidade, todas funcionam não apenas como representações, mas também como instrumentos que reforçam ou desafiam as estruturas de poder de gênero

Um elemento central da crítica pós-moderna é o questionamento das metanarrativas e das estruturas de poder estabelecidas. Em "Niebla", isso se manifesta na maneira como Unamuno constrói seus personagens femininos e na dinâmica de suas interações com os personagens masculinos. Embora Unamuno não fosse misógino de maneira explícita, sua obra pode ser interpretada como um

reflexo das normas de gênero de seu tempo, que, vistas através de uma lente contemporânea, revelam certas atitudes problemáticas em relação às mulheres.

Por exemplo, a relação entre Augusto e Eugenia, e como Augusto percebe e trata Eugenia, pode ser vista como uma representação de como as mulheres eram idealizadas e objetificadas na literatura do início do século XX. Augusto segue Eugenia de maneira obsessiva, reduzindo-a a um objeto de desejo e não reconhecendo sua plena agência e complexidade como personagem. Esta dinâmica reflete o que Foucault(1976) descreve como "poderes microscópicos", ao afirmar que "O poder está em toda parte; não porque englobe tudo, mas porque vem de todos os lugares", encapsula a ideia de que o poder é onipresente e difuso, operando em níveis variados e através de múltiplas formas. Em "Niebla", as interações entre personagens, como as atitudes de Augusto em relação às mulheres, exemplificam esses "poderes microscópicos". As relações cotidianas entre os personagens, que podem parecer triviais ou normais à primeira vista, na verdade refletem e perpetuam a dinâmica de poder patriarcal e a objetificação da mulher.

Ao aplicar o pensamento de Foucault a "Niebla", torna-se evidente como as representações de gênero na obra não são apenas o resultado de atitudes individuais, mas estão enraizadas em um sistema de poder mais amplo. As relações entre homens e mulheres em "Niebla" ilustram como os padrões de comportamento, expectativas de gênero e a dinâmica de poder são replicados e reforçados no nível microscópico, contribuindo para a manutenção do status quo patriarcal.

Além disso, a maneira como Augusto e outros personagens masculinos falam sobre e se relacionam com as mulheres em "Niebla" pode ser interpretada como uma representação das normas patriarcais. As mulheres no romance são frequentemente descritas em termos de sua aparência física ou de sua utilidade para os homens, o que Derrida poderia considerar como um exemplo de "logocentrismo", onde certas formas de significado e representação são privilegiadas sobre outras (DERRIDA,1967).

É importante destacar que a crítica pós-moderna não busca impor intenções misóginas a Unamuno, mas sim explorar como sua obra pode ser lida e interpretada de maneiras que revelam as normas e preconceitos de seu tempo. Lyotard(1979), em "A condição pós-moderna", argumenta que as interpretações dos textos podem variare refletir diferentes "jogos de linguagem", e é neste espírito que "Niebla" pode ser reexaminada para revelar como as normas de gênero se

entrelaçam em sua narrativa.

Podemos afirmar, portanto, que uma leitura pós-moderna de "Niebla" nos permite ver como a obra, embora não misógina em intenção, contém elementos que, vistos sob uma luz contemporânea, podem ser interpretados como reflexos de uma sociedade patriarcal. Esta reinterpretação não busca desacreditar a obra de Unamuno, mas sim enriquecer nossa compreensão dela, destacando como até as obras literárias mais complexas e matizadas estão imersas nas normas culturais e sociais de seu tempo.

### **6.1 Entre Corpo e Alma: A Visão Limitada da Mulher em 'Niebla' de Unamuno**

A redução da mulher a faculdades físicas, como vista na obra "Niebla" de Miguel de Unamuno, é uma atitude que pode ser interpretada como misógina, pois reflete uma visão limitada e unidimensional das mulheres. Esta abordagem ignora a complexidade e profundidade da experiência feminina, enfocando apenas em aspectos físicos e fisiológicos, o que constitui uma forma de objetivação.

Objetivar a mulher, ou seja, vê-la principalmente em termos de seu corpo ou funções biológicas, é uma atitude que desumaniza e reduz sua identidade a algo puramente funcional ou estético. Esta perspectiva não reconhece as mulheres como indivíduos completos, com emoções, pensamentos e aspirações próprias. Em vez disso, ao concentrar-se apenas em características físicas, essa visão perpetua a ideia de que o valor das mulheres está intrinsecamente ligado à sua aparência ou capacidade de desempenhar certos papéis biológicos, como a maternidade.

Além disso, essa redução é uma forma de misoginia, pois implica uma desvalorização da mulher. Ao ignorar as capacidades intelectuais, emocionais e espirituais das mulheres, essa abordagem reforça estereótipos de gênero prejudiciais e perpetua uma visão patriarcal da sociedade, onde as mulheres são vistas como inferiores ou subordinadas aos homens. Em um contexto mais amplo, essa atitude reflete e reforça as estruturas de poder desiguais entre homens e mulheres, mantendo as mulheres em uma posição de menor poder e influência.

Na obra de Unamuno, essa representação pode ser entendida não apenas como um reflexo das normas de gênero de sua época, mas também como uma manifestação das atitudes misóginas arraigadas na cultura e na sociedade. Ao analisar "Niebla" sob esta ótica, torna-se evidente que, embora a obra possa não ter

sido intencionalmente misógina, ela contém elementos que, sob uma luz contemporânea, podem ser interpretados como perpetuadores de uma visão misógina da mulher. Isso destaca a importância de examinar e questionar as representações de gênero na literatura, reconhecendo como elas podem refletir e perpetuar preconceitos e desigualdades de gênero.

Na obra "Niebla" de Miguel de Unamuno, a frase:

me habla al estómago. Y cabeza, corazón y estómago son las tres facultades del alma que otros llaman inteligencia, sentimiento y voluntad. Se piensa con la cabeza, se siente con el corazón y se quiere con el estómago (UNAMUNO, p.93, 1990)

proferida por Augusto, é emblemática da forma como o autor aborda as personagens femininas, revelando uma tendência a reduzi-las a dimensões físicas e fisiológicas, ignorando ou minimizando sua complexidade emocional e intelectual.

Esta representação na obra de Unamuno pode ser entendida como uma manifestação da visão da mulher que predominava no início do século XX, onde as mulheres eram frequentemente vistas e valorizadas mais por suas características físicas do que por suas capacidades intelectuais ou emocionais. Augusto, ao falar das "*facultades del alma*" e associá-las a partes do corpo, reflete uma percepção limitada e redutora da mulher, vinculando sua existência e valor principalmente ao corpo e à sua funcionalidade, seja para a procriação, para o prazer ou para o cuidado doméstico.

A teoria feminista de Simone de Beauvoir (2016), especialmente apresentada em "O Segundo Sexo", oferece uma lente crítica para analisar e compreender essa representação. De Beauvoir discute como as mulheres, ao longo da história, têm sido definidas em relação aos homens e como 'o outro', frequentemente sendo reduzidas a seus papéis biológicos ou físicos. Ela escreve: "A humanidade é masculina e o homem define a mulher não por si mesma, mas como relativa a ele; ela não é considerada um ser autônomo." Este conceito de Beauvoir ilumina a maneira como Unamuno, talvez inadvertidamente, perpetua essa visão limitada da mulher em sua obra.

Aplicando as ideias de Beauvoir (2016) à análise da frase de "Niebla", podemos ver como Unamuno, em sua representação de personagens femininas, pode estar refletindo as normas sociais e culturais de sua época, que

frequentemente relegavam as mulheres a um papel secundário, definido em relação aos homens e focado em aspectos físicos e fisiológicos. Esta perspectiva não apenas limita a compreensão da mulher como um ser completo, com suas próprias emoções, pensamentos e desejos, mas também perpetua uma dinâmica de poder desigual na qual as mulheres são vistas e tratadas como inferiores ou complementares aos homens.

A redução da mulher ao aspecto físico, uma ideia presente em várias culturas e tradições, pode ser rastreada até certas interpretações de textos bíblicos. Na Bíblia(2002), há passagens que têm sido historicamente interpretadas de maneiras que enfatizam ou exaltam os aspectos físicos ou funcionais das mulheres, contribuindo para uma visão que as reduz a esses atributos.

Um exemplo notável encontra-se no livro de Gênesis, que narra a criação de Eva, a primeira mulher. Em Gênesis 2:21-22, a criação de Eva a partir de uma costela de Adão é descrita:

Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e fechou a carne em seu lugar; E da costela que o Senhor Deus tinha tomado do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão." (Gênesis 2:21-22)

Esta passagem tem sido interpretada por alguns como simbolizando a natureza derivada e secundária da mulher em relação ao homem. A ênfase na origem física de Eva de uma parte do corpo de Adão pode ser vista como reforçando a ideia de que a mulher é uma extensão ou complemento do homem, mais do que um ser independente e autônomo. Além disso, a representação de Eva como criada para ser uma companheira para Adão (Gênesis 2:18) pode ser interpretada como reforçando o papel da mulher em termos de sua relação com os homens, em vez de sua própria identidade ou valor intrínseco.

Outro versículo frequentemente citado em discussões sobre o papel e a natureza da mulher é Provérbios 31:30, que, embora exalte a virtude da mulher, também coloca um foco significativo em sua beleza e charme: "Enganosa é a graça e vã é a beleza, mas a mulher que teme ao Senhor, essa sim será louvada." (Provérbios31:30)

Este versículo é parte de um capítulo que descreve a "mulher virtuosa", e embora enfatize virtudes como força, sabedoria e temor a Deus, também inclui

referências à aparência e ao charme físico, o que pode ser interpretado como uma ênfase na importância da beleza e do encanto físico feminino.

É crucial reconhecer que as interpretações desses textos bíblicos variam amplamente e que muitas comunidades e estudiosos modernos promovem leituras que enfatizam a igualdade e a dignidade inerente de todas as pessoas, independentemente do gênero. No entanto, as interpretações tradicionais desses versículos tiveram um papel significativo na formação de atitudes culturais que veem as mulheres principalmente em termos de seus papéis físicos ou relacionais, em vez de como indivíduos completos e complexos.

Para enfatizar mais a redução da mulher às faculdades físicas, na obra de Unamuno se chega a questionar se as mulheres possuem alma, inclusive, neste caso específico, contrastando com o texto bíblico, onde em determinados versículos se exalta figura feminina, mostrando, então, como Augusto reduza muito às capacidades femininas.

A frase de "Niebla" de Miguel de Unamuno, na qual Augusto questiona se a "*feminidad es algo más que fisiología o si se quiere psicología fisiológica? ¿Tiene la mujer alma?*" (UNAMUNO, p.101, 1990), ressalta uma visão reducionista da mulher, limitando-a a aspectos puramente fisiológicos, ignorando sua espiritualidade e mente. Esta perspectiva pode ser analisada em paralelo com versículos bíblicos que tratam da complexidade da natureza humana, incluindo a espiritualidade, oferecendo um contraponto à visão de Augusto.

Na Bíblia (2002), encontramos passagens que enfatizam a importância e valor da mulher além de sua fisiologia. Por exemplo, em Provérbios 31:10-31, a "mulher virtuosa" é elogiada não apenas por suas habilidades físicas ou tarefas domésticas, mas também por sua sabedoria, ética de trabalho, cuidado com os outros, e temor a Deus. Este trecho bíblico oferece uma visão holística da mulher, considerando seus atributos físicos, mentais, espirituais e emocionais.

Além disso, Gálatas 3:28 declara: "Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus." Este versículo destaca a igualdade espiritual e valor intrínseco de homens e mulheres perante Deus, desafiando as visões reducionistas e discriminatórias baseadas em gênero.

A perspectiva de Augusto em "Niebla", que questiona se a mulher possui uma alma e a reduz a aspectos fisiológicos, contrasta fortemente com estes

ensinamentos bíblicos. Enquanto Augusto parece duvidar da complexidade e profundidade da natureza feminina, a Bíblia oferece uma compreensão mais rica e integrada da humanidade, onde mulheres e homens são vistos como seres completos, possuindo tanto uma dimensão física quanto espiritual.

Ao analisar a frase de "Niebla" à luz dos versículos bíblicos, torna-se evidente que a visão limitada de Augusto sobre a mulher é uma reflexão de uma perspectiva mais ampla e culturalmente enraizada que tende a marginalizar e subestimar as mulheres. Esta análise destaca a importância de reconhecer a plenitude e complexidade da identidade feminina, desafiando visões reducionistas e promovendo uma compreensão mais igualitária e inclusiva das mulheres.

Em conclusão, a análise desta frase em "Niebla" à luz da teoria de Beauvoir (2016) revela como Unamuno pode estar refletindo as visões e atitudes de sua época em relação às mulheres. Isso nos permite ver a obra não apenas como um produto de seu tempo, mas também como um exemplo de como as normas e expectativas de gênero podem ser internalizadas e perpetuadas através da literatura.

## 6.2 Entre a Dúvida e o Silêncio: A Palavra Feminina Questionada em Niebla

Na obra "Niebla" de Miguel de Unamuno, encontramos uma passagem onde Augusto questiona a confiabilidade e o compromisso das mulheres com suas palavras, levantando dúvidas sobre sua integridade e honestidade:

Mas... ¿es que las mujeres tienen palabra?, ¿es que la mujer, la Mujer, así, con letra mayúscula, la única, la que se reparte entre millones de cuerpos femeninos y más o menos hermosos —más bien más que menos—; es que la Mujer está obligada a guardar su palabra? Eso de guardar su palabra, ¿no es acaso masculino? Pero ¡no, no! Eugenia no puede admitirme; no me quiere. No me quiere y aceptó ya mi dádiva. Y si aceptó mi dádiva y la disfruta, ¿para qué va a quererme?» (UNAMUNO, p. 101, 1990)

Esta questão, embora pareça superficial à primeira vista, carrega consigo implicações profundas sobre como a sociedade percebe e valoriza a palavra feminina. Através das lentes da teoria de Judith Butler sobre a construção de gênero e confiabilidade, podemos compreender esta passagem como um reflexo de atitudes mais amplas e sistêmicas em relação às mulheres.

Butler (2003) argumenta que o gênero é uma construção social e que as normas de gênero influenciam profundamente como percebemos e interagimos

comos outros. Neste contexto, o questionamento da confiabilidade das mulheres por Augusto pode ser visto como uma manifestação destas normas de gênero. A insinuação de que as mulheres podem não ser confiáveis ou sérias em suas palavras sugere uma desvalorização de sua capacidade de serem agentes honestos e autônomos. Este tipo de percepção contribui para uma dinâmica de poder desigual, onde a voz feminina é sistematicamente questionada ou subestimada.

Essa desconfiança em relação à palavra feminina vai além da mera descrença em uma declaração individual; ela reflete uma tendência cultural mais ampla de questionar e subestimar a autoridade e a agência das mulheres. Ao colocar em dúvida a palavra das mulheres, Unamuno, talvez inadvertidamente, espelha uma prática comum de sua época - e infelizmente ainda presente em muitos contextos - onde as mulheres são consideradas menos capazes de serem fontes confiáveis de conhecimento, opinião ou verdade.

Através da perspectiva de Butler (2003), podemos ver essa representação como um exemplo de como as estruturas patriarcais moldam as interações sociais e perpetuam desigualdades de gênero. Ao questionar a confiabilidade das mulheres, Unamuno não apenas reflete uma atitude misógina prevalecente em sua época, mas também contribui para sua perpetuação, reforçando a ideia de que as mulheres, de alguma forma, são menos dignas de confiança e respeito do que os homens.

Esta passagem em "Niebla" é reveladora de como as normas de gênero e a construção social do gênero influenciam a percepção e o tratamento das mulheres na sociedade. Através do questionamento da confiabilidade das mulheres, Unamuno destaca uma questão fundamental sobre a igualdade e o respeito no discurso social, levantando questões importantes sobre o papel das mulheres e como suas vozes são ouvidas e valorizadas.

A ideia de que uma mulher não seria confiável, que pode ser encontrada em diversas culturas e épocas, muitas vezes tem raízes em interpretações de textos religiosos, como o Livro de Gênesis na Bíblia(2002). Este livro, parte do Antigo Testamento, é frequentemente citado como fonte de certas concepções sobre o papel e a natureza das mulheres, especialmente em tradições judaico-cristãs.

Em Gênesis, a história de Adão e Eva, especificamente a narrativa da queda, é crucial para entender como essas percepções se formaram. De acordo com Gênesis 3:1-6, Eva é seduzida pela serpente (frequentemente interpretada como

uma manifestação do mal) a comer do fruto proibido da Árvore do Conhecimento e, em seguida, convence Adão a fazer o mesmo:

Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito. E ela disse à mulher: 'É verdade que Deus disse: 'Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim'?' Respondeu a mulher à serpente: 'Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas Deus disse: 'Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário, vocês morrerão!'. Disse a serpente à mulher: 'Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que comerem dele, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal.' Quando a mulher viu que o fruto da árvore parecia bom para comer, era agradável aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu e o deu a seu marido, que comeu também. (BIBLIA, Gênesis 3:1-6, 2002)

Esta passagem tem sido interpretada historicamente como uma indicação de que a mulher (Eva) foi a primeira a ceder à tentação e a desobedecer a Deus, e que ela foi a responsável por persuadir o homem (Adão) a cometer o mesmo erro. Como resultado, algumas tradições e interpretações veem Eva - e, por extensão, todas as mulheres - como inerentemente mais suscetíveis à enganação e, portanto, menos confiáveis. Esta narrativa contribuiu para a construção cultural de uma imagem da mulher associada à fraqueza moral, à tentação e à desobediência.

É importante notar, no entanto, que essas interpretações são influenciadas por leituras específicas e por contextos culturais e históricos. Muitas comunidades religiosas e estudiosos contemporâneos têm rejeitado ou reexaminado essas interpretações, apontando para uma compreensão mais matizada e igualitária dos textos bíblicos. Ainda assim, a influência dessas interpretações tradicionais pode ser vista em várias atitudes e crenças sobre as mulheres ao longo da história, incluindo na literatura, como em "Niebla", onde se refletem ecos dessas percepções.

### **6.3 Corpos Dominados: A Representação da Violência Física em *Niebla***

Em "Niebla", de Miguel de Unamuno observa-se uma intrincada interação entre personagens que reflete profundamente as dinâmicas de gênero e poder. A obra, ao desdobrar as relações entre Augusto e Rosario, revela uma clara objetificação e dominação física da figura feminina, em consonância com a posição das mulheres na sociedade da época. Este tratamento das personagens femininas pode ser analisado sob a perspectiva da teoria feminista de Simone de Beauvoir

(2016), particularmente conforme apresentado em sua obra seminal "O Segundo Sexo".

Na obra de Unamuno, a passividade de Rosario e sua submissão à vontade de Augusto são evidenciadas em passagens como "*La muchacha obedeció tranquilamente y sin inmutarse... Apretaba a Rosario contra su pecho anhelante y le cubría la cara de besos*" e "*Levantóse de pronto Augusto levantó luego en vilo a Rosario y la echó en el sofá. Ella se dejaba hacer con el rostro encendido*". Estes momentos destacam uma dinâmica em que Rosario é reduzida a um objeto de desejo e dominação, ilustrando uma relação desigual de poder, caracterizada pela objetificação e controle físico.

Conforme Beauvoir(2016) argumenta, a mulher tem sido historicamente considerada como 'o outro', um ser definido e limitado pela percepção e desejo masculino. Beauvoir(2016) afirma:

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o eunuco que qualificam de feminino.

Esta perspectiva de Beauvoir é particularmente pertinente ao analisar as interações entre Augusto e Rosario em "Niebla", onde Rosario é apresentada como um ser passivo, moldado e controlado pelo protagonista masculino, refletindo assim as normas patriarcais de sua época.

A narrativa de Unamuno, ao retratar a submissão de Rosario e sua aceitação da dominação masculina, ressoa com a crítica de Beauvoir (2016) ao patriarcado e às consequências da visão de mundo patriarcal na autonomia e liberdade femininas. Através desta análise, "Niebla" transcende o mero relato de uma história, servindo como um comentário sobre as estruturas de poder entre gêneros e como um espelho das desigualdades sociais e de gênero prevalentes na sociedade contemporânea a Unamuno e que ainda persistem em muitas culturas.

Portanto, ao examinar "Niebla" sob a lente das teorias feministas de Beauvoir(2016), revela-se não apenas uma crítica às normas de gênero e poder da época, mas também um convite à reflexão sobre como essas dinâmicas continuam a influenciar as relações contemporâneas. A obra de Unamuno, assim, não apenas narra uma história, mas também instiga um questionamento crítico sobre os papéis

de gênero e as estruturas de poder na sociedade.

A mesma temática pode ser encontrada na Bíblia( 2006) Na análise do versículo Ester 2:17, percebemos a complexa interação de poder e favoritismo em relações de gênero, que pode ser contrastada com as dinâmicas apresentadas em "Niebla" de Miguel de Unamuno. O versículo mencionado destaca como Ester, apesar de sua posição elevada como rainha, é inicialmente valorizada e escolhida por sua aparência e atração física, uma representação clara de objetivação feminina.

Neste contexto bíblico, Ester é amada pelo rei "mais do que a todas as mulheres", e sua escolha como rainha é motivada principalmente por sua graça e beleza. Embora Ester posteriormente demonstre força, sagacidade e agência, sua introdução na narrativa enfatiza a importância da aparência e do encanto feminino na obtenção de favor e poder. Esta valorização da beleza feminina como moeda de troca em relações de poder é um tema recorrente em muitas culturas e literaturas, incluindo a obra "Niebla".

Em "Niebla", a personagem Rosario também é apresentada através de uma lente de objetivação e submissão. As ações de Augusto, como apertar Rosario contra seu peito e cobri-la de beijos, refletem uma dinâmica similar de poder e controle, onde Rosario é mais um objeto de desejo do que uma parceira igualitária na relação. Esta dinâmica é evidenciada pela falta de resistência ou agência de Rosario, que se deixa manipular fisicamente por Augusto.

Comparando os dois textos, encontramos uma temática comum no tratamento das personagens femininas. Tanto em "Niebla" quanto no livro de Ester, as mulheres são inicialmente introduzidas em um contexto de objetivação, onde sua aparência e capacidade de agradar aos homens são destacadas. No entanto, a trajetória de Ester na Bíblia difere significativamente da de Rosario em "Niebla". Enquanto Ester eventualmente ganha agência e se torna uma figura central na salvação de seu povo, Rosario permanece submissa e controlada por Augusto, refletindo a persistência da objetivação feminina sem uma resolução de empoderamento.

Assim, a análise destes textos revela como a objetivação feminina e as dinâmicas de poder e controle de gênero são temas universais, abordados tanto em textos sagrados quanto em obras literárias. A comparação entre Ester 2:17 e "Niebla" ilumina não apenas as similaridades nas representações de mulheres nestas narrativas, mas também as diferenças nas trajetórias e na evolução das personagens femininas, oferecendo uma perspectiva enriquecedora sobre a

representação da mulher e as relações de gênero em diferentes contextos culturais e temporais.

Já a análise do versículo de 2 Samuel 13:14, que narra a história de Amnom e Tamar, revela uma explícita dinâmica de controle, manipulação física e abuso, uma temática que pode ser explorada em paralelo com as nuances presentes em "Niebla" de Miguel de Unamuno.

O versículo descreve uma cena de extrema violência e dominação: Amnom, dominado por um desejo obsessivo, recusa-se a ouvir os apelos de Tamar e, aproveitando-se de sua força física maior, violenta-a. Este ato representa o auge da dominação física e do abuso de poder, onde Tamar é completamente despojada de sua agência e reduzida a um objeto de gratificação física. A narrativa bíblica, ao retratar este incidente, expõe cruelmente as consequências nefastas da manipulação e do abuso de poder nas relações interpessoais.

Em "Niebla", a relação entre Augusto e Rosario também reflete aspectos de controle e manipulação, embora de uma forma menos violenta e mais sutil. Augusto exerce domínio sobre Rosario, mas sua manipulação é menos física e mais emocional e psicológica. Em uma das cenas, Augusto levanta Rosario e a deita no sofá, um gesto que, embora não seja violento como o ato de Amnom, simboliza uma forma de controle e posse sobre o corpo de Rosario. Ela, por sua parte, "se dejaba hacer", indicando uma submissão e passividade que ressoa com a falta de agência de Tamar sob a força de Amnom.

A comparação destes textos - o bíblico e o literário - ilumina a perpetuação de padrões de dominação masculina e submissão feminina ao longo dos tempos e em diferentes contextos culturais. Enquanto a narrativa de 2 Samuel 13:14 é explícita em sua violência e abuso, "Niebla" apresenta uma forma mais sutil, porém não menos significativa, de manipulação física e controle emocional. Ambos os textos, cada um à sua maneira, destacam a importância de analisar e questionar as dinâmicas de poder nas relações de gênero e a representação da mulher como sujeita a formas variadas de controle e subjugação.

Portanto, ao examinar 2 Samuel 13:14 em conjunto com "Niebla", percebe-se uma rica oportunidade de explorar como diferentes formas de dominação e manipulação se manifestam nas relações humanas, e como essas dinâmicas são representadas em diferentes gêneros literários e em distintos períodos históricos. Esta análise oferece um panorama crítico sobre o tratamento de temas como o

poder, o abuso e a submissão feminina, elementos que continuam relevantes na discussão contemporânea sobre relações de gênero e direitos humanos.

#### **6.4 Sob a sombra do medo: ansiedade feminina e agressividade masculina em Niebla**

Na obra "Niebla" de Miguel de Unamuno, a expressão de medo de Rosario em relação à imprevisibilidade e potencial violência de Augusto destaca uma realidade perturbadora sobre a vulnerabilidade das mulheres frente à agressividade masculina, um tema que encontra ressonância nas teorias de Judith Butler. A preocupação de Rosario, evidenciada pela frase "*Este hombre sería capaz de matarme en un arrebatado de locura*", transcende a sua experiência individual e se torna um microcosmo da ansiedade feminina em uma sociedade dominada por estruturas patriarcais.

Butler (2003), em suas análises sobre gênero e violência, argumenta que as mulheres vivem em um estado de vulnerabilidade constante devido às normas sociais e culturais que perpetuam a dominância masculina e a subordinação feminina. Esta vulnerabilidade não é meramente circunstancial, mas estrutural, enraizada em um sistema de gênero que normaliza e até mesmo justifica a violência contra as mulheres. Portanto, o medo expresso por Rosario em "Niebla" não é apenas um reflexo de sua situação particular, mas simboliza o medo mais amplo vivido por muitas mulheres em contextos similares.

Ao explorar a fala de Rosario sob a ótica das teorias de Butler, torna-se evidente que o temor de Rosario é emblemático do medo que permeia a experiência feminina em muitas sociedades. Seu receio em relação a Augusto revela uma compreensão da dinâmica de poder desequilibrada e da ameaça constante que isso representa para a segurança e o bem-estar das mulheres. Esta expressão de medo, portanto, pode ser vista como uma crítica à condição das mulheres em uma sociedade patriarcal, onde a vulnerabilidade à violência masculina é uma realidade persistente e ameaçadora.

A análise dessa passagem de "Niebla", à luz das teorias de Judith Butler, oferece uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder de gênero e da prevalência da violência masculina. A experiência de Rosario se torna um exemplo potente da urgência em reconhecer e combater a violência de gênero em todas as

suas formas. Essa interpretação não apenas enriquece a compreensão da obra de Unamuno, mas também destaca a necessidade de abordar as estruturas sociais e culturais que moldam as relações de gênero e perpetuam a violência contra as mulheres.

A obra "Niebla" de Miguel de Unamuno e os textos bíblicos fornecem um terreno fértil para a análise das dinâmicas de poder e medo nas relações de gênero. Em "Niebla", a expressão de medo de Rosario em relação à imprevisibilidade e potencial violência de Augusto – "Este homem seria capaz de matarme em un momento" – ressoa profundamente com temas abordados na Bíblia, particularmente nos Provérbios e nos Salmos.

Nos Provérbios 22:24-25, somos aconselhados: "Não se associe com quem se irrita facilmente, nem ande com quem é dado a iras, para que você não se acostume com os seus caminhos e assim prepare uma armadilha para si mesmo." Este conselho bíblico enfatiza a cautela necessária ao lidar com indivíduos de temperamento volátil, uma preocupação que encontra um paralelo claro na ansiedade de Rosario. Ela percebe intuitivamente a natureza imprevisível de Augusto, uma preocupação que é refletida na advertência de Provérbios sobre as consequências de se associar a pessoas irascíveis.

Da mesma forma, o Salmo 55:21 descreve uma duplicidade perigosa: "As palavras da sua boca são mais suaves que a manteiga, mas no seu coração há guerra. Suas palavras são mais suaves que o óleo, mas são espadas desembainhadas." Esta descrição de um caráter duplo, onde as aparências enganosas ocultam intenções violentas, ecoa o medo de Rosario em "Niebla". A imprevisibilidade de Augusto, que a princípio pode parecer inofensiva, esconde uma potencial agressividade, semelhante ao indivíduo descrito no Salmo.

A comparação de "Niebla" com estes versículos bíblicos ilumina as contínuas tensões e medos presentes nas relações interpessoais, especialmente aquelas marcadas por desequilíbrios de poder. A obra de Unamuno, ao explorar a vulnerabilidade de Rosario diante da potencial violência de Augusto, reflete uma realidade que transcende o tempo e a cultura, semelhante às advertências dos textos bíblicos sobre o perigo de associações com pessoas violentas e imprevisíveis.

Assim, a interação destes textos literários e bíblicos destaca a importância de abordar as questões de poder, controle e segurança nas relações humanas. A análise destas obras em conjunto não só enriquece a compreensão de cada uma

delas, mas também lança luz sobre a natureza perene das preocupações humanas em relação à violência, à segurança e ao equilíbrio de poder nas interações de gênero.

### 6.5 Desumanização em 'Niebla': A Mulher como Animal nas Metáforas de Unamuno

No caso deste ponto, duas são as passagens da obra de Miguel de Unamuno que refletem uma comparação entre as mulheres e os animais. A análise das passagens de "Niebla" de Miguel de Unamuno, onde Augusto compara mulheres a animais domésticos e segue uma mulher na rua como se fosse um cão, revela uma profunda desumanização e trivialização das mulheres, aspectos que podem ser interpretados à luz das teorias de Judith Butler(2003)

Na primeira passagem, Augusto diz:

capaz de morirse al verse sin amo. Y yo he sido más que tu amo  
¡tu padre tu dios! ¡No te quiere en casa; te echa de mi lado! ¿Es que tú el símbolo de la felicidad le estorbabas en casa? Y a las mujeres. Pero ¿no es acaso la mujer otro animal doméstico? Y de no haber mujeres, ¿serían hombres los hombres? ¡Ay, Orfeo, viene de fuera quien de casa te echa!  
(UNAMUNO, p.115, 1990)

Esta comparação de mulheres a animais domésticos, dependentes de um "amo", reflete uma visão desumanizante e objetificante. Ao reduzir mulheres a seres que necessitam de um homem para dar-lhes sentido ou propósito, Unamuno destaca uma perspectiva machista e patriarcal que desconsidera a autonomia e a individualidade femininas.

A segunda passagem, onde Augusto decide seguir uma mulher na rua como se ela fosse um animal que ele pudesse seguir ao acaso, reforça essa visão desumanizante:

Dijose así y se agachó a recogerse los pantalones. Abrió el paraguas por fin y se quedó un momento suspenso y pensando:  
«y ahora, ¿hacia dónde voy? ¿Tiro a la derecha o a la izquierda?» Porque Augusto no era un caminante, sino un paseante de la vida. «Esperaré a que pase un perro —se dijo—y tomaré la dirección inicial que él tome.» En esto pasó por la calle no un perro, sino una garrida moza, y tras de sus ojos se fue, como imantado y sin darse de ello cuenta, Augusto (UNAMUNO, p.4, 1990)

Augusto não vê a mulher como um ser humano com agência própria, mas como um objeto ou uma direção a ser seguida, uma extensão do mundo externo que existe para seu uso e direção.

Judith Butler (2003), em suas teorias sobre gênero e desumanização, argumenta que a desumanização das mulheres é um processo social e cultural no qual as mulheres são tratadas como menos que humanas, reduzidas a objetos ou propriedades dos homens. Isso está alinhado com as ideias patriarcais que veem as mulheres como seres inferiores ou subordinados, sujeitos ao domínio masculino.

Estas passagens de "Niebla" ilustram como a desumanização pode ser uma ferramenta para perpetuar o poder e o controle masculinos, mantendo as mulheres em posições de subordinação e dependência. Ao tratar as mulheres como animais domésticos ou como meros objetos de seguimento, Augusto expressa uma mentalidade que desvaloriza a humanidade feminina e a relega a um papel de submissão.

Novamente podemos encontrar situações parecidas na Bíblia. Em Provérbios 11:22, lê-se: "Como anel de ouro em focinho de porco, assim é a mulher bonita, mas indiscreta". Esta metáfora compara uma mulher bonita, mas sem sabedoria ou discrição, a um objeto valioso colocado em um ambiente inadequado. A intenção aqui é destacar a inutilidade da beleza sem a virtude da sabedoria, um tema recorrente nos Provérbios. A comparação, embora pareça desrespeitosa, é usada para transmitir uma lição moral sobre a importância de qualidades internas sobre as externas.

Em Ezequiel 23, as cidades de Samaria e Jerusalém são personificadas como duas irmãs, Oolá e Oolibá, que se envolvem em práticas idólatras e infiéis. A linguagem usada neste capítulo é simbólica e serve para condenar a idolatria e infidelidade espiritual de Israel. As comparações neste caso são usadas para ilustrar a gravidade do pecado de idolatria e infidelidade ao pacto com Deus.

Comparando esses versículos com as frases de "Niebla", onde Augusto compara mulheres a animais domésticos e as segue na rua como se fossem objetos, percebe-se uma diferença significativa no propósito e no contexto. Enquanto os versículos bíblicos usam metáforas para transmitir lições morais ou condenações espirituais dentro de um contexto religioso, Unamuno, em "Niebla", utiliza a comparação para destacar e criticar a desumanização e a trivialização das mulheres

em uma sociedade patriarcal e machista. Unamuno explora a mentalidade que vê as mulheres como subordinadas e dependentes, enquanto a Bíblia, em seus contextos, utiliza comparações para fins de ensinamento moral e condenação simbólica de práticas consideradas erradas.

Portanto, ao analisar estes textos, fica evidente que, embora ambos empreguem comparações entre mulheres e animais ou objetos, o fazem com intenções e em contextos muito diferentes. Enquanto "Niebla" busca criticar e refletir sobre as atitudes machistas da época de Unamuno, os versículos bíblicos refletem as concepções morais e espirituais do período em que foram escritos. Esta análise destaca a importância de considerar o contexto cultural e as intenções dos autores ao interpretar tais comparações nas obras literárias e nos textos sagrados.

Em conclusão, a interpretação dessas passagens de "Niebla", sob a perspectiva de Judith Butler, enfatiza a importância de reconhecer e desafiar as formas de desumanização presentes nas relações de gênero. Unamuno, ao retratar essas interações, não apenas expõe a perspectiva machista de seu personagem, mas também oferece uma crítica às estruturas de poder que perpetuam essa visão desumanizante das mulheres.

## 7 CONCLUSÕES

Ao concluir esta tese de doutorado, que se aprofunda na análise da obra "Niebla" de Miguel de Unamuno, é imperativo refletir sobre a intrincada relação entre literatura, filosofia e as questões de gênero. A jornada acadêmica empreendida neste estudo nos levou a explorar como "Niebla" não apenas reflete, mas também perpetua as concepções misóginas e de gênero da época de Unamuno. Por meio de uma análise detalhada, foi possível desvendar como a obra de Unamuno ilustra a objetificação e a desumanização das mulheres, ressaltando a relevância das teorias de gênero de Judith Butler e Simone de Beauvoir para compreender estas dinâmicas.

A importância desta tese para os estudos sobre Miguel de Unamuno e sua obra "Niebla" é multifacetada e profundamente significativa. Ao abordar "Niebla" sob uma ótica crítica e contemporânea, focando nas dinâmicas de gênero e na representação das mulheres, esta pesquisa contribui para uma compreensão mais rica e matizada da obra de Unamuno, um autor fundamental na literatura espanhola e no pensamento filosófico moderno.

Em primeiro lugar, a tese enriquece os estudos de Unamuno ao trazer à tona aspectos de sua obra que muitas vezes são negligenciados ou subestimados. A análise detalhada das representações de gênero em "Niebla" ilumina como Unamuno aborda questões complexas e controversas relacionadas à posição das mulheres na sociedade. Esta abordagem oferece uma nova perspectiva para entender a obra de Unamuno, não apenas como um produto de seu tempo, mas também como um texto que dialoga com questões atuais e relevantes. Assim, a tese abre novas vias de interpretação e compreensão de "Niebla", incentivando leituras mais profundas e contextualizadas da obra.

A intersecção de "Niebla" com textos bíblicos e outras obras literárias ampliou nossa compreensão sobre o tratamento da mulher e as dinâmicas de poder de gênero ao longo da história literária. Esta abordagem revelou paralelos e contrastes notáveis, permitindo uma visão mais ampla das representações e percepções históricas das mulheres. Além disso, a análise destacou como as questões de gênero exploradas na obra de Unamuno ainda ressoam fortemente na sociedade contemporânea, sublinhando a persistência de certas normas e preconceitos de gênero.

A contribuição desta tese para os estudos de gênero e literatura é significativa, pois fornece uma nova perspectiva sobre a relação entre literatura, cultura e concepções de gênero. Ela destaca a importância da literatura não apenas como um espelho da sociedade, mas também como uma ferramenta potencial para influenciar e moldar a percepção e o tratamento das mulheres. Este estudo, portanto, não apenas acrescenta ao corpus acadêmico existente, mas também abre caminho para futuras pesquisas na interseção entre literatura, filosofia e estudos de gênero.

Adicionalmente, ao examinar "Niebla" através das lentes da visão feminista contemporânea, tornou-se evidente que as questões de gênero abordadas por Unamuno continuam a ser pertinentes. A obra de Unamuno, apesar de ser um produto de seu tempo, dialoga com preocupações atuais sobre igualdade de gênero, representação feminina e poder. As dinâmicas de gênero exploradas na narrativa de Unamuno ressoam com as discussões atuais sobre a objetificação das mulheres, a desigualdade de poder e a persistência de normas e preconceitos de gênero. Esta continuidade sugere que, apesar dos avanços nas questões de gênero, ainda há muito a ser feito para superar as barreiras culturais e sociais que limitam a igualdade e a representatividade.

Em conclusão, as reflexões e análises apresentadas nesta tese evidenciam a necessidade contínua de revisitar e reinterpretar obras literárias sob uma perspectiva de gênero. Há um vasto campo de pesquisa ainda a ser explorado, incluindo a análise de outras obras literárias que abordam estas temáticas complexas. A esperança é que este estudo inspire outros acadêmicos a continuar a busca por um entendimento mais profundo das representações literárias de gênero e seu impacto na sociedade.

## REFERÊNCIAS

- AGGIO, J.O. **A educação do desejo**. In: Prazer e desejo em Aristóteles [online]. Salvador: EDUFBA, 2017, pp. 143-249.
- ALVES. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução, comentário de Giovanni Reale. 2ª edição. São Paulo: Editora Loyola, 2005.
- ARISTÓTELES [recurso eletrônico]: **a ética à Nicômaco** / Richard Kraut ... [et al.]; tradução de Alfredo Storck ... [et al.]. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2009
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMGARTEN, A. G. **Estética: a lógica da arte e do poema**. Trad. Miriam Sutter Medeiros. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- BARBOSA & CASTRO. **Górgias: Testemunhos e Fragmentos**. Lisboa: Colibri, 1993.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Ed. Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2002.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.
- BIGLINO, Mauro. **La Bibbia non è un libro sacro (em italiano)**. Orbassano: Uno Editori, 2013.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAETANO, Ivone Ferreira. **O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade**. Rio de Janeiro, 2017.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2010.
- CORDI, Cassiano. Para filosofar. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2003.
- DERRIDA, J. **A mitologia branca**. In: Margens da filosofia. Trad.: Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991, p. 251.
- DRUMONT, M. P. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas, São Paulo, v. 3, p. 81-85, 1980.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6ª ed. Tradução de

Waltensir Dutra e revisão da tradução de João Azenha Jr. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EWING, A. C. **As Questões Fundamentais da Filosofia**, Rio de Janeiro: Zahar, 1984, p. 11-25.

GARCIA YEBRA, Valentin. **Metafísica de Aristóteles**. In: livro XII. 2 ed. Madri:EditorialGredos. Edição trilingüe, 1998. 830 p.

GRAMSCI, A., **Quaderni del carcere, a cura di V. Gerratana**, 4 voll., Einaudi, Torino, 1975.

HABERMAS, Jürgen. **Filosofia e Ciência como Literatura?** In: HABERMAS, Jürgen. *Pensamento Pós Metafísico I*. Coimbra: Almedina, 2004, pp. 237-255. Ver também o Excursoda Lição VII d'O Discurso Filosófico da Modernidade (2000).

HELMER, Étienne. **Semelhantes inferiores**: quais lugares para as mulheres nacida de justade Platão? Anais: Revista de Filosofia, Salvador, v. 3, n. 1, 2022.

HENNING, Carlos Eduardo. **Interseccionalidade e pensamento feminista**: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento demarcadores sociais da diferença. *Mediações*, Londrina, v. 20, n. 2, p. 331-356, jul./dez. 2015.

JAPIASSÚ, H. F. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 3. ed. Rio de Janeiro: FranciscoAlves Editora, 1979.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. **O conceito de angústia**. Traduzido por Álvaro Luiz deMontenegro Valls, 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

LUKACS, György. **Teoria del romanzo**. Roma: Newton Compton, 1975.

MAESTRO, Jesús G. **Crítica de la Razón Literaria**: o materialismo filosófico como teoría, crítica y dialéctica de la literatura. Vigo: Editorial Academia, 2017.

MARÍAS, Julián. **Generaciones y constelaciones**. Madrid: Alianza, 1989. PAULO VI. Carta Encíclica Humanae Vitae. São Paulo: Editora Paulinas, 2001. PIAGET. A equilibração das estruturas cognitivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PLATÃO. **República**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de Enrico Corvisieri.

RUBIN, Gayle. **Pensando o Sexo**: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. In: *Para entender o poder: dezessete conferências na escola de direito e governo da Universidade de Columbia*. Tradução de Inês M. Lohbauer. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

SOUZA, Márcia Martins de. **A interseccionalidade de gênero e raça no feminismo**: uma abordagem introdutória. Belo Horizonte, MG, 2016.

TRABATTONI, F. (1998). Platone. **Roma**: Carocci, 1998. UNAMUNO, Miguel de. Obras Completas I. Madrid: Escelicer, 1966.

ZELIKO LOPARIC, **O fim da metafísica em Carnap e Heidegger**, in LUÍS A. DE BONI (org.), Finitude e transcendência, Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, 782.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e SoniaQueiroz. São Paulo: Ateliê, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a literatura medieval. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993